



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – UCS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO - UNIRITTER
PROGRAMA DE DOUTORADO EM LETRAS – ASSOCIAÇÃO AMPLA
UCS/UNIRITTER

JORGEMAR TEIXEIRA

ESPIRITISMO E LITERATURA: AS PRÁTICAS DE LEITURA EM UM GRUPO DE
ESTUDO ESPÍRITA DE CAXIAS DO SUL

CAXIAS DO SUL

2021

ESPIRITISMO E LITERATURA: AS PRÁTICAS DE LEITURA EM UM GRUPO DE ESTUDO ESPÍRITA DE CAXIAS DO SUL

Jorgemar Teixeira

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras. Área de Concentração: Leitura e Linguagens. Linha de Pesquisa: Leitura e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 19 de agosto de 2021.

Banca Examinadora:

Participação via videoconferência

Dr. Márcio Miranda Alves
Universidade de Caxias do Sul

Participação via videoconferência

Dr. Bernardo Lewgoy
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Participação via videoconferência

Dra. Cristine Fortes Lia
Universidade de Caxias do Sul

Participação via videoconferência

Dra. Flávia Brocchetto Ramos
Universidade de Caxias do Sul

Participação via videoconferência

Dra. Raquel Bello Vázquez
Centro Universitário Ritter dos Reis

Participação via videoconferência

Dra. Vânia Zikán Cardoso
Universidade Federal de Santa Catarina

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

T266e Teixeira, Jorgemar

Espiritismo e literatura [recurso eletrônico] : as práticas de leitura em um grupo de estudo espírita de Caxias do Sul / Jorgemar Teixeira. – 2021.
Dados eletrônicos.

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul em associação ampla
UniRitter, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

Orientação: Márcio Miranda Alves.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Leitura. 2. Espiritismo. 3. Etnologia. 4. Literatura espírita. I. Alves,
Márcio Miranda, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 028

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

Ao Centro Espírita Alunos do Bem.

AGRADECIMENTOS

À Lenir, minha mãe, que sempre está ao meu lado.

À Simoni, minha esposa, que soube lidar com a minha ausência durante os estudos acadêmicos.

Ao Théo, meu filho, que me ensina cotidianamente a complexidade do amor.

Aos meus irmãos Claudimir e Andréia companheiros fundamentais nessa jornada de aprendizado.

Aos meus sobrinhos Guthiéri e Lurian que renovam nossas energias com sua juventude.

Ao professor Márcio Miranda Alves, meu orientador, sempre disponível em seu trabalho.

Ao professor Rafael José dos Santos, que me fez pensar sobre a possibilidade de construção desta tese.

Aos amigos e colegas do grupo de estudo do CEAB que concordaram prontamente em participar da pesquisa desde quando propus esse trabalho pela primeira vez, em março de 2019.

Aos professores e às professoras do doutorado, que apontaram caminhos sensatos para percorrer durante a escrita desta tese.

Aos colegas de doutorado Gilberto, Larissa, Roberto e Samira pela convivência durante o período de estudos que, para os três primeiros, começou no mestrado.

À Daniela, por sua cordialidade nos atendimentos na Secretaria do PPGLet.

Aos professores Bernardo Lewgoy, Cristine Fortes Lia, Flávia Brochetto Ramos, Raquel Bello Vázquez e Vânia Zikán Cardoso, pela disponibilidade em ler o meu trabalho e compor a banca de avaliação.

Ao Programa de Doutorado em Letras - Associação Ampla UCS/UniRitter, à Universidade de Caxias do Sul e ao apoio da Capes pela oportunidade de fazer parte do grupo de discentes da linha de pesquisa de Leitura e Processos Culturais.

Ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul pelo afastamento das minhas atribuições como professor durante quase todo o período da pesquisa para o doutoramento.

Ao Bento, meu pai.

“Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque.”
(Riobaldo, *Grande sertão: veredas*)

“Compadre meu Quelemém descreve que o que revela efeito são os baixos espíritos descarnados, de terceira, fuzuando nas piores trevas e com ânsias de se travarem com os viventes – dão *encosto*. Compadre meu Quelemém é quem muito me consola – Quelemém de Góis.”
(Riobaldo, *Grande sertão: veredas*)

RESUMO

Esta pesquisa apresenta elementos da cultura espírita brasileira por meio de uma abordagem etnográfica sobre a leitura e a fala em um grupo de estudos, no Centro Espírita Alunos do Bem, da cidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Para isso, contextualiza-se apresentando uma breve história do Espiritismo na Europa e suas vinculações com uma tradição pedagógica e, também, com a filosofia espiritualista proposta por Victor Cousin. Já, no Rio Grande do Sul, mostra-se a relação dos espíritas da região com a educação formal e a espiritual. Utilizam-se para fundamentar a recepção da leitura no grupo de estudos espírita alguns teóricos da Estética da Recepção, principalmente Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Os antropólogos Bronislaw Malinowski, Clifford Geertz, James Clifford, Robert Kozinets, entre outros, fundamentam o método científico utilizado neste estudo. A pesquisa propõe uma interpretação cultural do grupo de estudos pesquisado, concentrando-se nas práticas de leitura e suas relações com o ambiente e os indivíduos que formam essa comunidade leitora. Enfim, esta tese pretende contribuir para os estudos culturais sobre leitura e leitores em uma comunidade espírita de uma determinada região, que pode refletir práticas semelhantes de outras comunidades de leitura e leitores.

Palavras-chave: Caxias do Sul. Estudos espíritas. Etnografia. Leitura.

ABSTRACT

This research presents elements of Brazilian spiritism culture through ethnographic approach to reading and speaking in a study group at Centro Espírita Alunos do Bem, located in Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. In this context, a brief history of spiritism in Europe and its connection with a pedagogical tradition as well as the spiritual philosophy proposed by Victor Cousin are presented. In Rio Grande do Sul can be observed the connection of spiritists with formal and spiritual education. Theorists of Aesthetic of Reception as Hans Robert Jauss and Wolfgang Iser are used to support the reception of reading in the study group. Anthropologists like Bronislaw Malinowski, Clifford Geertz, James Clifford, Robert Kozinets, among others, support the scientific method used in this study. The research proposes a cultural interpretation of the study group, focusing on reading practices and its relation to the atmosphere and the individuals belong to this reading community. Finally, this thesis intends to contribute to cultural studies on reading and readers in a spiritist community in a certain region, that may reflect similar practices of other reading communities and readers.

Keywords: Caxias do Sul. Spiritist studies. Ethnography. Reading.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Ciclo do Apogeu - cronologia	34
Quadro 2: Livro I do EADE	89
Quadro 3: Livro II do EADE.....	91
Quadro 4: O Evangelho segundo o Espiritismo	94

LISTA DE SIGLAS

CCEPA	Centro Cultural Espírita de Porto Alegre
CEAB	Centro Espírita Alunos do Bem
COEM	Centro de Orientação e Estudo da Mediunidade
CRE	Conselhos Regionais Espíritas
DECOM	Departamento de Comunicação
EADE	Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita
ENL	Evangelho no lar
ESDE	Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita
<i>ESE</i>	<i>O Evangelho segundo o Espiritismo</i>
FEB	Federação Espírita Brasileira
FERGS	Federação Espírita do Rio Grande do Sul
H.L.D.R	<i>Hippolyte Léon Denizard Rivail</i>
<i>LE</i>	<i>O livro dos Espíritos</i>
<i>LM</i>	<i>O livro dos médiuns</i>
RS	Rio Grande do Sul
SELC	Sociedade Espírita Luz e Caridade
UME	Unificação do Movimento Espírita

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ESPIRITISMO, LIVRO E SOCIEDADE	21
2.1 ESPIRITISMO: UMA TRADIÇÃO PEDAGÓGICO-MORAL	21
2.2 O ESPIRITISMO NO BRASIL: DOIS SÉCULOS DE HISTÓRIA	33
2.3 O ESPIRITISMO NO RIO GRANDE DO SUL: A EDUCAÇÃO FORMAL E A ESPIRITUAL	44
2.4 ESPIRITISMO: RITO E REVELAÇÃO	50
3 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E A LITERATURA ESPÍRITA BRASILEIRA.....	58
3.1 O PAPEL DO LEITOR NA INTERPRETAÇÃO DO TEXTO	58
3.2 O TEXTO ESPÍRITA SOB A PERSPECTIVA DA RECEPÇÃO	64
3.3 ESTUDO APROFUNDADO DA DOCTRINA ESPÍRITA (EADE)/ <i>O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO</i>	83
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	97
4.1 A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA	97
4.2 NETNOGRAFIA	102
5 (N)ETNOGRAFIA DA LEITURA	106
5.1 RECEPÇÕES DOS TEXTOS ESPÍRITAS	106
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
REFERÊNCIAS	154

1 INTRODUÇÃO

O Espiritismo teve sua origem na França do século XIX. O pedagogo francês Hippolyte Léon Denizart Rivail entrou em contato com o fenômeno espiritualista, “mesas girantes”, na década de 1850. O professor, discípulo de Pestalozzi, era reconhecido por algumas obras que circulavam nos meios educacionais, na França. Ao entrar em contato com as manifestações imputadas aos espíritos, Rivail, intrigado com o que observava, fez anotações, perguntas, enfim, pesquisou o fenômeno. Alguns anos depois, nasceu a primeira obra fruto da investigação *O livro dos Espíritos*, com autoria de Allan Kardec, pseudônimo que Hippolyte Léon Denizart Rivail ficaria conhecido no mundo todo.

Outras obras vieram a lume na década seguinte. Rivail lançou a *Revista Espírita* em 1858 para divulgar a nova doutrina. Muitos temas expostos na revista seriam colocados à prova para, mais tarde, depois de serem apresentados à crítica, difundirlos em novas obras, ao público interessado nos assuntos do Espírito.

O Brasil é um dos países que mais demonstra interesse nesses assuntos, pois se tornou, no século XX, a maior nação Espírita do mundo. No início, em meados do século XIX, os livros de Kardec permaneciam entre grupos da alta sociedade brasileira, mas

atualmente, o nome Allan Kardec é aqui bastante conhecido. Muitos brasileiros até o receberam no Registro Civil, e há lugares com essa denominação. Um levantamento publicado no *Anuário Espírita* de 1979 trazia uma grande lista de logradouros públicos com nomes relacionados ao espiritismo. Entre os personagens brasileiros ligados ao movimento espírita, Bezerra de Menezes era o que mais aparecia, com uma avenida, uma praça, 18 ruas e uma travessa localizadas em cidades brasileiras. Já Allan Kardec consta como nome de sete praças, cinco avenidas e 50 ruas em diversos Estados. (SANTOS, 1997, p. 05, grifo original)

Essa popularização do Espiritismo se deve, também, às várias obras assistenciais promovidas por hospitais, asilos, orfanatos em muitas regiões do país, além de possuir um sistema organizado de editoras, jornais e rádios (SANTOS, 1997).

Os livros psicografados pelos médiuns espíritas contribuíram para a formação da cultura religiosa e, de certa forma, artística brasileira. Música, teatro, cinema, telenovela e a própria literatura entraram na vida de parte dos brasileiros: espíritas, simpatizantes e outros, reproduzindo os temas anunciados nos textos psicografados.

Hodiernamente, as redes sociais, e a *internet*, de maneira geral, também servem para a divulgação dos assuntos espiritistas. Há milhares de palestras disponíveis em algumas plataformas digitais. É interessante anotar que as palestras espíritas, de forma análoga às

palestras, aulas e discussões acadêmicas, são referendadas por livros e textos. Esses livros e textos tratam de vários assuntos, pois os expositores relacionam muitos temas – científicos, filosóficos, literários, religiosos etc. – com o Espiritismo. Isso demonstra que a leitura se faz importante entre os divulgadores do Espiritismo e, por conseguinte, aos estudantes da matéria.

No Rio Grande do Sul, o Espiritismo chegou pelo mar com dois marinheiros espanhóis, no século XIX. A primeira instituição espírita do estado é fundada em 1887, na cidade de Rio Grande. Somente sete anos depois seria fundada a primeira organização espiritista na capital do estado, Porto Alegre.

A educação é uma das prioridades para o Espiritismo, pois, como se verificará nos capítulos que seguem, a espiritualidade aconselha aos espíritas, algumas vezes, a se instruírem e a estudar o Espiritismo, com seriedade, para que haja desenvolvimento individual e social.

No Rio Grande do Sul, alguns espíritas perceberam a carência de educandários em algumas regiões e tomaram iniciativas para formar colégios. Francisco Valdomiro Lorenz fundou a primeira escola de Dom Feliciano, em 1894. Deotília Cardoso Lopes fez da sua casa uma escola, em Jaquirana e dedicou-se ao magistério de 1920 a 1962. Em Bom Jesus, o Centro Espírita Amor de Jesus se associou à prefeitura para criar uma escola, em 1950 e, assim, prover a necessidade de educação na localidade. Virvi Christino Ramos foi um dos idealizadores da Associação Cultural e Científica Nossa Senhora de Fátima, em Caxias do Sul, fundada em 1956. Tal Associação, além de criar um hospital na cidade, fundou uma escola de Auxiliar de Enfermagem, em 1858. Mais tarde, a mesma Associação fundou uma faculdade de direito e uma de medicina, as quais vão dar origem à Universidade de Caxias do Sul, que teve Virvi Ramos como primeiro reitor.

Para os espíritas, a educação vai além da instrução dos conteúdos tradicionais das escolas, a evangelização, ou seja, a educação moral é fundamental na formação do espírito. A Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS) foi pioneira no país na organização de estudos para a Evangelização espírita infanto-juvenil. No dia primeiro de maio de 1948, houve a aula de lançamento da Campanha de Evangelização espírita para a infância e juventude. Em julho de 1955, apresentou-se o Curso de Preparação de Evangelizadores do Interior do Estado. Cinquenta e cinco pessoas se inscreveram para o curso, ocorrência que surpreendeu os organizadores, pois as inscrições foram feitas por telegrama (OLIVEIRA, 2009).

Esses cursos foram ganhando relevo nacional. Anos depois, representantes de vários estados se fizeram presentes no evento em Porto Alegre. Cecília Rocha, a idealizadora do projeto, começou a ser solicitada em outros estados para ministrar o Curso de Preparação de

Evangelizadores. De 1955 a 1984, Rocha viajou para várias cidades brasileiras e Montevidéu, Uruguai, coordenando estudos semelhantes para evangelizadores (OLIVEIRA, 2009).

Isso aponta o papel que o Rio Grande do Sul tem, no *movimento espírita*, relacionado ao estudo sistematizado da doutrina dos Espíritos, como será possível perceber nesta tese.

Faz-se necessário informar que todo esse movimento em torno da evangelização infanto-juvenil está respaldado em dois textos: o primeiro, “Deixai os pequeninos e não os estorveis de vir a mim” (BÍBLIA, Mateus 19:14), o segundo refere-se à resposta para a questão 917 de *O livro dos Espíritos*, “Qual o meio de destruir-se o egoísmo?” (OLIVEIRA, 2009). A resposta atribuída aos Espíritos é longa e, depois dela, há um comentário de Kardec, complementando-a. Poderia ser resumida em: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (BÍBLIA, Levítico, 19:18), mas o egoísmo somente diminuiria com a educação do espírito.

Então, a educação para o Espiritismo não se dá exclusivamente numa escola, em sala de aula, ou em casa, com os familiares. Para tal doutrina, o planeta Terra é a grande escola do Espírito que nela estagia temporariamente. Todas as situações e todos os momentos encerram conteúdos a serem aprendidos pelo Espírito imortal. Os alunos que apreendem esses conteúdos passam para uma outra etapa de aquisição intelecto-moral, no mesmo planeta, em planetas com níveis evolutivos equivalentes ou em outros mais evoluídos. Já, os que não assimilaram de forma adequada as matérias expostas cotidianamente deverão repeti-las no próximo ano letivo, que seria a próxima reencarnação, que pode verificar-se na Terra, em planetas semelhantes ou em orbes menos evoluídos. Todas essas medidas são pedagógicas e visam educar o Espírito em evolução constante.

A leitura é uma das maneiras mais divulgadas, no *movimento espírita* brasileiro, para a autoeducação. Nota-se a importância da leitura em muitas situações: numa conversa, nas referências em uma palestra, na idealização de um curso e na redação de um texto. A palavra escrita também se estabelece no *movimento espírita* do Rio Grande do Sul como meio de divulgação da doutrina para espíritas e simpatizantes (indivíduos que concordam com os ideais do Espiritismo, mas não se declaram espíritas). A revista *A Reencarnação* foi fundada pelo jornalista Oscar Breyer, em 1934, e até hoje é o principal veículo de difusão escrita *doutrinária* do estado. Outros periódicos circularam na cidade de Rio Grande, alguns desde o fim do século XIX, como é o caso de: *A Evolução*, *A Religião Espírita* e *A Regeneração* (SCHERER, 2015).

Em Porto Alegre, alguns periódicos antecederam a revista *A Reencarnação*: *A Voz Espírita*, *Eco da Verdade* e a *Revista Espírita* também circularam na última década do século XIX. Já no século XX, surgem *Eternidade*, *Jornal Espírita*, *Boletim da FERGS*, *O Evangelho*, *O Semeador* (SCHERER, 2015).

Certamente outros jornais e revistas auxiliaram na divulgação do *movimento espírita* em outras regiões do estado, mas se avalia ser razoável o número de periódicos citados anteriormente para demonstrar que o Espiritismo, no Rio Grande do Sul, utilizava-se da escrita e, conseqüentemente, da leitura - e ainda se serve delas - para informar e instruir os seus seguidores e propagadores.

A Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS) está dividida em quinze Conselhos Regionais Espíritas (CRE). A cidade de Caxias do Sul está na terceira região com a Unificação do Movimento Espírita (UME) de Bento Gonçalves e Vacaria. Na UME de Bento Gonçalves, além das instituições espíritas da cidade que nomeiam a UME, estão vinculadas as instituições espíritas das cidades de Garibaldi e Farroupilha. Na UME de Vacaria somente estão associadas as instituições espíritas dessa cidade. Já na UME de Caxias do Sul estão vinculadas as instituições espíritas das cidades de Bom Jesus, São Marcos e Caxias do Sul (FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL, 2016).

Na cidade de Caxias do Sul, há 23 instituições espíritas. Treze delas são filiadas à FERGS. O Centro Espírita Alunos do Bem (CEAB), no qual foi realizada esta pesquisa, é uma das instituições filiadas à FERGS (UNIFICAÇÃO DO MOVIMENTO ESPÍRITA DE CAXIAS DO SUL, 2019).

O CEAB está localizado na Rua Moreira César, 2258, Pio X, Caxias do Sul. Há 66 anos faz atividades relacionadas ao Espiritismo nesse mesmo local. Além de grupos de estudos sobre a doutrina dos Espíritos, a instituição oferece outras dez atividades para as pessoas interessadas, durante seis dias da semana, de segunda a sábado (CENTRO ESPÍRITA ALUNOS DO BEM, 2019).

A pesquisa para esta tese começou a ser realizada nesse Centro Espírita. Nele, observei um grupo de estudos às quartas-feiras, à noite, das 19h30 às 21h. Contudo, devido à pandemia ocasionada pela doença Covid-19, causada pelo novo Coronavírus (Sars-Cov-2), tivemos somente dois encontros presenciais, no ano de 2020, 04 e 11 de março. Continuamos a nos comunicar pelo grupo de *Whatsapp* e, no dia 25 do mesmo mês, o facilitador do grupo de estudos propôs fazermos o *Evangelho no lar*, prática comum nas famílias espíritas brasileiras, em que se faz uma prece inicial, a leitura de um trecho de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, geralmente, comentários e uma prece final. Nas três semanas seguintes, 01, 08, 15 de abril, os encontros continuaram da mesma maneira, no mesmo horário, às 21h.

A partir do dia 22 de abril, os encontros se deram em duas plataformas, *Zoom* e *Meet*, às 20h, tudo combinado antecipadamente pelo *Whatsapp*. Três reuniões pelo *Zoom*, 22 e 29 de

abril e 06 de maio. Os encontros seguintes ocorreram no *Meet*, porque o tempo disponibilizado por essa plataforma era maior.

Por ser um pesquisador em Leitura, Literatura e Processos Culturais, com mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias Sul, concluído em agosto de 2017, pesquisando as relações da religiosidade e regionalidade na obra *Sagarana*, de Guimarães Rosa, busco, com a tese, em seu objetivo geral, mostrar como a obra *O Evangelho segundo o Espiritismo (ESE)* principalmente, e o livro *Pétalas* são recepcionados pelo grupo de estudos observado. Já os objetivos específicos são: contribuir para uma possível história da literatura espírita; descrever as discussões e os comentários que sobrevêm do texto lido; analisar as atitudes e as reações dos membros do grupo referentes às leituras; comparar as diferentes formas de interpretação do texto; contribuir para o estudo da prática leitora. Além disso, busca-se analisar como são feitas as leituras, quem as lê, de que modo leem, como acontecem as discussões e os comentários em torno do que se lê.

Também é necessário informar que eu sou um dos integrantes do grupo de estudos pesquisado. Frequento o mesmo grupo há sete anos, sendo, dessa forma, um nativo, segundo a terminologia antropológica. Então esta pesquisa parte da observação de um membro vinculado à cultura espírita, que participa de grupos de estudo há mais de dez anos. Além de estudar, cantei num coral espírita de 2005 a 2013, em Criciúma, Santa Catarina. Cabe destacar que, ao iniciar no coro vocal, eu não era espírita, mas sim, ateu. Somente no ano de 2009 comecei a frequentar grupos de estudo espírita. Com o coral, conheci muitas instituições espíritas de Santa Catarina e algumas de outros estados. Portanto, percebe-se que estou inserido no ambiente cultural espírita brasileiro há mais de uma década, o que pode proporcionar uma investigação que venha a contribuir à sociedade espírita e a não espírita.

Contudo, por ser membro do grupo de estudos pesquisado, as observações e as análises culturais, que decorrem da pesquisa, podem sofrer interferência da minha posição cultural, de pesquisador-nativo. Para minimizar o problema, além da autocrítica constante que um etnógrafo deve estabelecer, conta-se com a supervisão do orientador da tese que não tem nenhum vínculo com a doutrina Espírita, a não ser por orientar este estudo.

Isso posto, antes de apresentar a obra *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, livro que fundamentou os estudos do grupo pesquisado, em 2020, é interessante informar que, antes da pandemia, estudávamos o livro II do *Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE)*, *Ensinos e parábolas de Jesus*, parte 1. Contudo, para não prejudicar os estudantes que não poderiam participar dos encontros *on-line* por motivos de ordem tecnológica, optou-se pelo livro de Kardec. *O Evangelho segundo o Espiritismo* é uma das cinco

obras basilares da doutrina dos Espíritos: *O livro do Espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O céu e o inferno* e *A gênese*. Com primeira edição em 1864, *O Evangelho segundo o Espiritismo* tem 28 capítulos, cujos temas gravitam em torno da moral proposta nos evangelhos. Há citações de trechos dos evangelhos, exegese e comentários de Kardec e instruções atribuídas aos Espíritos. Talvez esse seja o livro mais lido de Kardec no Brasil, visto que ele é sugerido pelos Centros Espíritas para a realização do *Evangelho no lar*. Penso, também, em consonância com alguns pesquisadores, que essa é a obra de Kardec mais popular no Brasil, devido ao viés religioso no qual o Espiritismo foi envolvido neste país.

Afora as observações no ano de 2020, realizei, também, uma entrevista com os estudantes do grupo pesquisado. Nela há 20 questões com intenção de conhecer o perfil de leitor dos membros do grupo observado. As questões foram distribuídas na sala de estudos para que fossem respondidas em casa e devolvidas ao pesquisador na semana seguinte, sem a necessidade de se identificar.

A Estética da Recepção é a teoria que fundamenta esta tese. Essa teoria tem como objeto de estudos a recepção da literatura, ou seja, os contextos de leitura e as interpretações advindas desses contextos. Diferentemente de outras teorias que balizam suas proposições nos autores e nas obras, a Estética da Recepção percebe o leitor, de várias épocas e contextos, com diferentes perspectivas e compreensões, como agente essencial da história da literatura. São as suas impressões, referentes às obras literárias, que constituem, fundamentalmente, o panorama literário de qualquer época. Como esta pesquisa se propõe a observar um grupo de leitores, seus comentários, interpretações e outros elementos referentes à leitura, penso que a teoria estético-recepcional é adequada ao que se apresenta no ambiente de leitura investigado, uma vez que a recepção das obras estudadas é realizada no espaço virtual destinado à leitura, com comentários e interpretações dos estudantes do grupo, semanalmente, durante uma hora, mais ou menos.

Para estruturar a pesquisa do grupo de estudos espírita vinculado ao Centro Espírita Alunos do Bem, elaborei, nesta tese, um capítulo para descrever a história do Espiritismo relacionada à leitura, aos livros, aos escritores, aos estudos e à educação. Então, o primeiro capítulo, intitulado “Espiritismo, livro e sociedade”, está dividido em quatro subcapítulos: “Espiritismo, uma tradição pedagógico-moral”, “Espiritismo no Brasil, a divulgação com personagens e textos”, “Espiritismo no Rio Grande do Sul: a educação formal e a espiritual” e “Espiritismo: rito e revelação”.

No subcapítulo “Espiritismo, uma tradição pedagógico-moral”, apresento o advento do Espiritismo por meio de alguns personagens. Hippolyte Léon Denizard Rivail é o protagonista dessa incipiente história de meados do século XIX. Professor reconhecido no ambiente

educacional de Paris, escritor de algumas obras que circulavam nos meios acadêmicos franceses, Rivail frequentava algumas sociedades científicas da Cidade Luz. Quando o intelectual Rivail, depois de vários convites, depara-se com as mesas que se comunicavam por meio de pancadas no solo, ele percebe que há possibilidade de investigar o fenômeno, se não houvesse charlatões envolvidos na experiência. Então, alguns anos depois, o professor, com mais de 50 anos de idade, lança o livro que o tornará conhecido com o codinome Allan Kardec.

Rivail/Kardec teria se inspirado em alguns personagens que foram fundamentais para a sua formação intelectual como professor e fundador, ou como querem os espíritas, codificador do Espiritismo. Johann Heinrich Pestalozzi influenciaria significativamente a formação do jovem Rivail. Há, pensa-se, uma tradição intelectual no desenvolvimento de Kardec, visto que Pestalozzi se impressiona e se inspira nas ideias de Jean-Jacques Rousseau e este, por sua vez, é influenciado pelo pai da didática moderna Jan Amos Comenius. Todos os quatro são autores de livros relacionados à educação, obras que ainda hoje são importantes no ambiente educacional.

No subcapítulo “O Espiritismo no Brasil: dois séculos de história”, disserto sobre a utilização dos textos escritos na disseminação do Espiritismo no país. Alguns personagens da história espírita brasileira lançam periódicos espiritistas por suas regiões, conquistando leitores, inclusive de estados vizinhos. Outros fazem traduções de partes de livros de Kardec, fundam instituições espíritas e, junto a elas, constroem tipografias próprias para divulgar as ideias da doutrina que se expandia no país.

“O Espiritismo no Rio Grande do Sul, a educação formal e a espiritual” é o título do subcapítulo seguinte. Nele descrevo como o Espiritismo surgiu no estado gaúcho, como a leitura de periódicos espíritas, principalmente de *A Reencarnação*, divulgou as ideias dos Espíritos codificadas por Kardec no estado. Comento, também, como algumas personalidades espíritas influenciaram na educação e na cultura em algumas regiões gaúchas. Algumas dessas personalidades divulgavam a doutrina dos Espíritos em cima de lombos de burros, como foi nos Campos de Cima da Serra. Enfim, tento, brevemente, descrever o panorama do estabelecimento do Espiritismo no estado do Rio Grande do Sul.

No último subcapítulo dessa seção “Espiritismo: rito e revelação” estabeleço os estudos espíritas, que observei durante o ano de 2020, como um rito de passagem semanal, semelhante ao *shabat*, a missa e ao culto. Aproveitando-me dessa relação com os rituais do Judaísmo e do Cristianismo, apresento o Espiritismo como a terceira revelação da Lei de Deus anunciada aos homens, segundo a proposta kardequiana contida em *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

O capítulo “A Estética da Recepção e a Literatura Espírita brasileira” está subdividido em três subcapítulos: “O papel do leitor na interpretação do texto”, “O texto espírita sob a perspectiva da recepção” e “Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE)/*O Evangelho segundo o Espiritismo*”.

Alguns teóricos e seus pensamentos referentes à Estética da Recepção são delineados no subcapítulo “O papel do leitor na interpretação do texto”, com a intenção de apresentar a teoria que fundamenta esta pesquisa. Já no subcapítulo “A Literatura Espírita brasileira sob a perspectiva da Estética da Recepção”, relacionam-se as sete teses que Hans Robert Jauss apresenta em uma aula, que fundamentam a Teoria da Estética da Recepção e estão transcritas no livro *A história da literatura como provocação à teoria literária*, com a recepção de alguns livros da Literatura Espírita Brasileira, psicografados por Francisco Cândido Xavier.

Enfim, no subcapítulo “Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE)/*O Evangelho segundo o Espiritismo*”, descrevo como surgiram os estudos sistematizados da doutrina espírita no Brasil, qual o papel do Rio Grande do Sul na fundamentação desses estudos, quais temas e como se organizam o livros EADE, no qual iniciamos esta pesquisa, e *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

No capítulo “Procedimentos metodológicos”, apresento a metodologia utilizada para analisar a recepção dos textos espíritas, a partir do método etnográfico. Inicio com o antropólogo Malinowski e sua contribuição para o desenvolvimento da etnografia, na introdução do livro *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Em seguida, apresento brevemente Clifford Geertz e sua proposta para uma Antropologia Hermenêutica; logo, teço comentários sobre o livro de James Clifford *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, no qual ele comenta sobre as propostas de Malinowski e Geertz e sobre os processos etnográficos dialógico e polifônico. Por último apresento a netnografia, embasado no livro de mesmo nome de Kozinets.

O capítulo “(N)etnografia da leitura” tem como objetivo interpretar as práticas de leitura do grupo de estudos pesquisado, tentando entender, antropologicamente, o que fazem, como fazem, enfim, suas interações dentro do cenário em que estão inseridos no ambiente virtual de estudos, com leituras, conversas e confraternizações, propostas devido à pandemia. Para esta análise, foram escritas 108 páginas nos diários em que estão as observações de todos os encontros do grupo pesquisado no ano de 2020. Embora tenha escrito mais de cem páginas nesses diários, como são chamados no campo da antropologia, citei somente algumas reuniões para escrever a (n)etnografia, pois elas refletem, de certa forma, a maioria das reuniões que foram observadas. Além disso, escrevi menções a outros encontros, trouxe vocabulários

específicos da cultura espírita, entre outros elementos que extrapolam as reuniões utilizadas como base para descrever o *ethos* da comunidade em questão.

Na última parte da tese “Considerações Finais” escrevo o que esta pesquisa oferece à comunidade, acadêmica ou não, de forma a ampliar os conhecimentos culturais sobre o grupo social investigado, no qual se realizam leituras, diálogos, estudos sobre livros e outros textos, escritos ou orais, geralmente com conteúdo pedagógico-moral. Enfim, comento sobre o jogo entre o pesquisador e o nativo, que, por vezes, em suas movimentações, sobressaem-se, um mais que o outro, o que me parece ser uma particularidade que somente um *insider* pode revelar ao público interessado na cultura pesquisada.

Há algo que constatei somente no fim da pesquisa e gostaria de deixar registrado aqui, na sua introdução, para que os leitores compreendam melhor sobre esse jogo que mencionei no parágrafo anterior. Quando iniciei este trabalho pensei que a etnografia seria escrita no quinto capítulo. Contudo, a tese passou por uma transição devido à pandemia, a etnografia se tornou (n)etnografia, ou seja, algo que está entre a etnografia e a netnografia, conforme está explicado no capítulo 4. Além disso, percebi, ao escrever as considerações finais, que toda a tese é uma etnografia, pois ela é inscrita por um nativo e, dessa maneira, as escolhas feitas por mim (textos, vocabulário, teoria) representam a tensão entre a cultura espiritualista da qual sou integrante e o incipiente etnógrafo. Embora o familiar deva se tornar exótico (MATTA, 2010), o jogo entre o pesquisador e o *insider* foi uma constante nesta pesquisa. Não obstante, eu pretendesse que o investigador se destacasse – creio que isso aconteceu –, o nativo, que vive em mim há mais tempo que o pesquisador, emerge no texto, às vezes, sutilmente, em outras, nem tanto. Todavia, esse julgamento não cabe a mim, mas ao leitor desta tese que contribuirá, para futuros estudos, apontando os deslizos e os acertos que se manifestam no decorrer desta pesquisa.

2 ESPIRITISMO, LIVRO E SOCIEDADE

2.1 ESPIRITISMO: UMA TRADIÇÃO PEDAGÓGICO-MORAL

“O livro representa vigoroso ímã de força atrativa, plasmando as emoções e concepções de que nascem os grandes movimentos da Humanidade, em todos os setores da religião e da ciência, da opinião e da técnica, do pensamento e do trabalho”.

(XAVIER, 2006, p. 25)

“[Nisso] acreditarei se vir e quando me for provado que uma mesa tem um cérebro para pensar, nervos para sentir e que pode se tornar sonâmbula” (KARDEC, 2013b, p. 247). Assim respondeu o cético professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, que estudava há mais de trinta anos o Magnetismo Animal, de Mesmer, ao amigo Fortier, um especialista em hipnose, que o havia convidado a participar de uma reunião em que as mesas se comunicariam, por meio de pancadas no solo, com as pessoas envolvidas em assembleias que eram realizadas com finalidade recreativa por alguns. Essas reuniões com as *mesas girantes* eram frequentes na alta sociedade parisiense de meados do século XIX. Rivail, que mais tarde seria conhecido como Allan Kardec, recusou alguns convites para participar desses encontros tão em voga no seu tempo, não só em Paris, mas em outras regiões francesas e em algumas cidades de outros países.

O pedagogo Rivail estava atarefado com seus alunos, suas aulas e seus livros para se ocupar com compromissos desse gênero. “O nome [do professor], ou melhor, suas iniciais, H.L.D. Rivail, estampavam as capas de mais de 20 livros didáticos adotados por escolas e universidades da França” (MAIOR, 2016, p. 18).

Rivail escrevia sobre assuntos diversos. Em 1824, com 20 anos, lançou seu primeiro livro, em dois volumes, *Curso prático e teórico de aritmética, segundo o método de Pestalozzi, para uso dos professores e das mães de família*. Tal obra foi republicada durante cinco décadas (MAIOR, 2016). Em 1828, *Plano proposto para o melhoramento da Instrução Pública*; 1831, *Gramática Francesa Clássica*; 1849, *Programas dos Cursos Usuais de Química, Física, Astronomia e Fisiologia* (utilizados nas aulas do Liceu Polimático) (BRETTAS, 2012).

Antes de se tornar o fundador da doutrina Espírita, Rivail foi professor na França por três décadas (GRZYBOWSKY; INCONTRI, 2005). Além de lecionar, o pedagogo fazia outras

tarefas para complementar sua renda. A tradução foi um de seus ofícios. Verteu, para a língua alemã, “excertos de autores clássicos da França, especialmente os escritos de Fénelon” (WANTUIL; THIESEN, 2004, p. 139). Fénelon, que também era pedagogo, foi admirado por pensadores como Voltaire e Rousseau. Segundo Wantuil e Thiesen (2004, p. 140), a obra *Telêmaco*, de Fénelon, traduzida por Rivail, teria impressionado o espírito do codificador (título pelo qual os espíritas preferem chamar Allan Kardec, em vez de fundador) da doutrina espírita para sua futura tarefa.

Além de tradutor,

o professor passou a cuidar, durante o dia, da contabilidade de três empresas (entre elas, o teatro Les Folies Marigny) [...] e também se arriscava no terreno teatral. Poucos alunos ou colegas de ensino do compenetrado professor Rivail sabiam, mas uma versão abreviada de suas iniciais - H. Rivail - estampara, em 1843, os cartazes de uma peça intitulada *Une passion de salon* (*Uma paixão de salão*), comédia romântica de um ato, com treze cenas ligeiras, escrita a quatro mãos com o jovem dramaturgo Léonard Gallois (MAIOR, 2016, p. 65).

Contudo, antes disso, Rivail e sua mãe Jean-Louise, fugindo de uma invasão austríaca a cidade de Bourg-en-Bresse, em 1814, instalaram-se em Yverdon, Suíça (FIGUEIREDO, 2019b). Aos 11 anos de idade, Rivail entra em contato com o método pedagógico de Johann Heinrich Pestalozzi. O Instituto de Educação fundado por Pestalozzi era referência em toda a Europa. O convívio entre o menino Rivail e o método de Pestalozzi vai ser fundamental para a formação humanista do futuro pedagogo Rivail e, conseqüentemente, para Kardec (BRETTAS, 2012). Entre 1814 e, possivelmente, 1822, Rivail esteve em Yverdon aprendendo e, às vezes, ensinando outros alunos que necessitavam de auxílio pedagógico.

Ao se tornar professor, H.L.D. Rivail

fez questão de listar entre os próprios ‘princípios adequados ao ensino’ os seguintes objetivos: estimular o espírito natural de observação da criança; cultivar a inteligência para que o aluno faça as próprias descobertas; levá-lo a conhecer o fim e a razão de tudo o que faz; e conduzi-lo a ‘apalpar com os dedos e com os olhos todas as verdades’ (MAIOR, 2016, p. 32).

O jovem pedagogo pretendia colaborar com uma educação que formasse não somente o intelecto do educando, mas também o caráter investigador e humanista em conformidade com o que havia aprendido e vivenciado no castelo de Yverdon, com Pestalozzi. Assim, em 1825, aos 21 anos, “começa seu primeiro empreendimento educacional: a *École de premier degré*” (ARAÚJO, 2014, p. 34). Mais tarde, em 1832, de acordo com o seu contrato de casamento com Amélie-Grabielle Boudet, também professora, o pedagogo apresenta-se como *chef* do *Instituto Técnico Rivail*.

Posteriormente, o *Instituto Técnico* no qual Rivail era diretor entra em falência devido às dívidas de jogos que seu sócio contraía. Por essa e outras razões, inclusive políticas, o professor Rivail empenha-se em atividades diversas para sustentar-se.

Com o que foi escrito, pode-se inferir que a prática pedagógica de Rivail fundamentou-se na Suíça, pela metodologia de Pestalozzi. Nascido em uma família com orientação católica, H.L.D. Rivail entra no *Castelo de Yverdon* e se vê diante de professores calvinistas e luteranos, alunos católicos romanos e ortodoxos, provenientes de diversos países, principalmente europeus.

Essas diferenças culturais, sociais e ideológicas, naturalmente, irrompiam no convívio dos alunos e mestres, mas Pestalozzi, como pensador liberal, não fundamentava suas ideias numa cultura, sociedade ou religião, e, embora nascido em família cristã, tampouco atribuía valor absoluto à Bíblia. Essa postura do diretor do *Instituto de Educação de Yverdon* desagradava muitos, contudo evidenciava-se aos olhos do jovem Rivail (BRETTAS, 2012).

Influenciado por alguns pensadores, Pestalozzi comenta, em *Canto del Cisne*, sobre o impacto que a obra *Emílio*, de Rousseau, lhe causou:

mi espíritu soñador y nada práctico fue cogido entusiásticamente por este libro de ensueños, lleno de cosas irrealizables. Comparé la educación que me alimentó en el rincón de mi casa materna y en la sala de la escuela que frecuenté con la que Rousseau reclamaba para su *Emilio*. La educación doméstica, como la educación pública de todo el mundo y de todas las clases sociales me pareció un cuerpo deformado que podía encontrar y debía buscar la curación de su verdadero estado calamitoso en las altas ideas de Rousseau. El sistema de libertad idealmente fundado y nuevamente vivificado por Rousseau también elevó en mí el impulso quimérico hacia un mayor círculo de acción con qué laborar por el bienestar del pueblo (PESTALOZZI, 2004, p. 4360-4365).

Embora impulsionado pelas ideias de Rousseau, Pestalozzi distancia-se dele por sua prática e pensamentos referentes ao homem no seu estado social e moral (INCONTRI, 2001). Dora Incontri, em sua tese, discorre que

Pestalozzi teorizava a partir da prática e agia a partir da teoria, sem nunca escorregar para um pensamento dogmático, valorizando a razão, mas exaltando igualmente a subjetividade afetiva do estudioso e do educador e a sua intuição espiritual. Pestalozzi havia sido um dos primeiros a proclamar a necessidade de uma ciência pedagógica, tendo procurado durante toda a sua carreira incorporar a observação empírica à teoria (INCONTRI, 2001, p. 181).

Segundo Incontri, Pestalozzi desassocia-se ainda mais das ideias de Rousseau devido à vivência da moralidade anunciada. Pestalozzi teria exemplificado em suas experiências como

educador o que havia escrito, enquanto Rousseau teorizou, mas não viveu em conformidade com os princípios apresentados em seus textos (INCONTRI, 2001).

Antes de os dois suíços pensarem e escreverem sobre educação, Jan Amos Comenius, protestante que nasceu no antigo Reino da Boêmia, no fim do século XVI, pensou, escreveu e educou. Com mais de 250 obras, sobre os mais diversos assuntos, sua *Didactica magna*, com o subtítulo “Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos”, avulta-se aos olhos de alguns teóricos. Para o estudioso Olivier Cauly (1999), ela é o Discurso do Método da educação. Comenius é contemporâneo de Descartes, com quem manteve comunicação, embora não concordassem em alguns aspectos teórico-científicos, conquanto para Comenius a razão deveria andar de braços dados com a revelação divina para que o conhecimento se efetivasse de maneira integral (INCONTRI, 2001).

O escritor, cientista e educador boêmio influencia, desde o século XVII, alguns estudiosos que se dedicam a pensar sobre a arte de educar. Dentre eles está Piaget, que o declara como “um precursor da idéia [sic] genética na psicologia do desenvolvimento e o fundador de um sistema progressivo de instrução ajustado ao estágio de desenvolvimento atingido pelo aluno” (PIAGET, 1957, p. 9-10).

Assim, temos uma tradição pedagógica europeia registrada em vários livros. Comenius no século XVII, Rousseau no século XVIII e Pestalozzi nos séculos XVIII e XIX. Esses três pensadores e escritores, principalmente o último devido à sua proximidade, formam a base científico-pedagógica que darão as diretrizes para que Rivail se tornasse um pedagogo na França do século XIX. Kardec se apropriaria dessa tradição para fundamentar, algum tempo depois, a doutrina Espírita que, para alguns, tem um caráter pedagógico, com aspectos científicos, filosóficos e religiosos.

Então, Rivail, com meio século de vida, sob a insistência de conhecidos e amigos, mais ou menos um ano após (1855) responder daquela maneira enfática ao Sr. Fortier, aceita o convite do Sr. Pâtier para ir a casa da Sra. Plainemaison participar de uma reunião na qual as mesas giravam. Antes de iniciar a sessão, Rivail teria examinado o local procurando por utensílios que ensejassem fraude. Em seguida, deu-se início ao espetáculo, depois de uma prece. Porém, ao invés de diversão, algum tempo de silêncio. Prestes a levantar e ir para casa planejar suas lições para o dia seguinte, o professor percebeu movimentações da mesa (MAIOR, 2016).

O pedagogo

se pudesse erguer as mãos, anotaria [...] suas impressões sobre aquela noite, sem tomar partido - ainda - de nenhuma das linhas de investigação dos fenômenos existentes até aquele momento. Ele já conhecia os principais argumentos e interesses em jogo neste

território nebuloso, onde fé e ciência mediam forças na então capital cultural do mundo, berço de iluministas consagrados (MAIOR, 2016, p. 24).

Um critério seria adotado pelo professor para distinguir charlatanismo de reuniões sérias em torno das mesas girantes: “o fato de cobrarem, ou não, pela exibição dos prodígios [...]. Charlatães, em rigor, não praticam o ofício de graça” (MAIOR, 2016, p. 30).

Então, Rivail começa sua pesquisa com o mundo espiritual em reuniões nas quais não houvesse solicitação de recursos de qualquer espécie entre os envolvidos no espetáculo. Primeiramente, a comunicação com o invisível se daria por meio de pancadas, indicando a letra do alfabeto a ser escrita pelo número de batidas que as mesas girantes davam no solo (uma batida, letra A; duas batidas, letra B e assim por diante). Algum tempo depois, um espírito aconselhou “de se adaptar um lápis a um cesto ou a outro objeto” (KARDEC, 2012, p. 31). O que traria mais fluidez às comunicações, pois o lápis escreveria, sob o impulso dos espíritos “palavras, frases, dissertações de muitas páginas sobre as mais altas questões de filosofia, de moral, de metafísica, de psicologia, etc., e com tanta rapidez quanta se se escrevesse com a mão” (KARDEC, 2012, p. 31).

Contudo,

Mais tarde, reconheceu-se que o cesto e a prancheta, na realidade, nada mais eram que um apêndice das mãos do médium, que tomando diretamente o lápis, pôs-se a escrever por um impulso involuntário e quase febril. Por esse meio, as comunicações tornaram-se mais rápidas, mais fáceis e mais completas; esse é, hoje, o [método] mais utilizado [...] (KARDEC, 2012, p. 32).

Dois anos se passaram do primeiro encontro de Rivail com as mesas falantes, período que transformaria a vida do professor e escritor. Conhecido em toda França por seus livros e textos dedicados à educação, em abril de 1857, o nome Hippolyte Léon Denizard Rivail começaria a ser ofuscado devido à publicação de um livro atribuído a seres que estariam em um outro plano de existência, *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

Muitos escritores assinam seus livros com pseudônimos por diversos motivos. Entre eles estão: evitar perseguições, censuras e, no caso das mulheres, para poderem publicar seus textos utilizando nomes de homens. No caso de Rivail, comentava-se que “o professor inventara o pseudônimo para resguardar seus livros didáticos de possíveis boicotes do governo” (MAIOR, 2016, p. 78).

Na sua primeira versão, *O livro dos Espíritos* contava 176 páginas, que foram divididas em três partes: a) Doutrina Espírita, b) Leis Morais e c) Esperanças e Consolações. A primeira

edição, com 1500 exemplares, começou a ser vendida em 18 de abril de 1857, sábado pela manhã, em Paris. Dois meses depois, os exemplares dessa impressão estavam esgotados (MAIOR, 2016).

Nessa edição, a obra apresentava 501 diálogos, que estavam dispostos em colunas, paralelamente. “Na coluna da esquerda, as interrogações lançadas aos espíritos, acompanhadas de respostas curtas, ‘textuais’, atribuídas ao invisível. Na coluna da direita, versões ampliadas de cada resposta, revisadas pelo professor” (MAIOR, 2016, p. 73). Esses diálogos versavam sobre vários assuntos. Tais temas atraíam a atenção de muitos leitores, visto que “em um ano, [...] *O livro dos espíritos* esgotou três edições. Livreiros e leitores dos mais diversos países encomendaram exemplares: Rússia, Alemanha, Itália, Inglaterra, Espanha, Estados Unidos, México e, sim, Brasil” (MAIOR, 2016, p. 165).

Motivado pela demanda que se apresentou com as vendas da primeira edição de *O livro dos Espíritos*, Rivail/Kardec projeta um periódico para submeter as novas ideias espiritualistas, o Espiritismo, à avaliação de quem se interessasse pelo assunto.

Allan Kardec lança em janeiro de 1858 a *Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos*. Nessa revista, ele colocava as ideias sobre o Espiritismo à prova, recebendo por cartas críticas que seriam respondidas na própria revista, conforme ele escreve na introdução do periódico: “Nossa Revista será, assim, uma tribuna livre, em que a discussão jamais se afastará das normas da mais estrita conveniência. Numa palavra: discutiremos, mas não *disputaremos*” (REVISTA ESPÍRITA, 2014a, p. 24, grifo original).

Em pouco tempo, Kardec começa a colher os frutos de seus estudos, que eram divulgados mensalmente no periódico espírita. “Seis meses depois do lançamento, a *Revista Espírita* já conquistava assinantes em toda a Europa, além de México, Canadá, Moscou, Estados Unidos e até Shangai. As edições, sempre mensais, tinham se esgotado tão rápido [*sic*] que foi preciso reimprimir números extras” (MAIOR, 2016, p. 125).

Kardec era o único redator da revista, mas essa não era sua única ocupação associada ao Espiritismo. Entre outras atribuições, emergia a necessidade da criação de uma sociedade de estudos, devido ao aumento do número de leitores e simpatizantes que o Espiritismo fazia pelo mundo. Então, em abril do mesmo ano de lançamento da *Revista Espírita*, assim foi divulgada a fundação da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*:

A extensão por assim dizer universal que a cada dia tomam as crenças espíritas fazia vivamente desejar-se a criação de um centro regular de observações; essa lacuna acaba de ser preenchida. A Sociedade, cuja formação temos o prazer de anunciar, composta exclusivamente de pessoas sérias, isentas de prevenções e animadas do sincero desejo de serem esclarecidas, contou, desde o início, entre seus associados, com homens

eminentes por seu saber e posição social. Ela é chamada – disso estamos convencidos – a prestar incontestáveis serviços à comprovação da verdade. Seu regulamento orgânico lhe assegura uma homogeneidade sem a qual não há vitalidade possível; baseia-se na experiência dos homens e das coisas e no conhecimento das condições necessárias às observações que são o objeto de suas pesquisas. Vindo a Paris, os estrangeiros que se interessarem pela Doutrina Espírita encontrarão, assim, um centro ao qual poderão dirigir-se para obter informações, e onde poderão também comunicar suas próprias observações (REVISTA ESPÍRITA, 2014a, p. 233-234).

Com os estudos da *Sociedade Parisiense*, suas pesquisas sendo testadas e divulgadas na *Revista Espírita* – já em seu terceiro ano de publicações mensais –, com as cartas que recebia de vários lugares do mundo, de opositores da doutrina espírita fazendo críticas ou de simpatizantes com dúvidas e agradecimentos, com comunicações espirituais enviadas por médiuns situados em diversas regiões, Kardec amplia seus materiais de estudo para a elaboração de novos livros. Assim, em 1860, vem a público a segunda edição de *O livro dos Espíritos*. Revista e, significativamente, ampliada, a obra é anunciada por Kardec, na *Revista Espírita*, em março, no penúltimo item do periódico, intitulado “À venda/O livro dos Espíritos/Segunda edição” (REVISTA ESPÍRITA, 2014b, p. 154). Em seguida, dá notícias sobre o “novo” livro:

Na primeira edição desta obra, anunciamos uma parte suplementar. Devia compor-se de todas as questões que ali não puderam entrar, ou que circunstâncias ulteriores e novos estudos deveriam originar. Mas como todas se referem a alguma das partes já tratadas, e das quais são o desenvolvimento, sua publicação isolada não teria apresentado nenhuma continuidade. Preferimos aguardar a reimpressão do livro para incorporar todo o conjunto, e aproveitamos para dar à distribuição das matérias uma ordem muito mais metódica, suprimindo ao mesmo tempo tudo quanto tivesse duplo sentido. Esta reimpressão pode, pois, ser considerada como obra nova, embora não tenham os princípios sofrido nenhuma alteração, salvo pouquíssimas exceções, que são antes complementos e esclarecimentos do que verdadeiras modificações (REVISTA ESPÍRITA, 2014b, p. 154).

Na nova edição há 1019 perguntas e respostas enumeradas, mais que o dobro dos 501 diálogos apresentados na primeira. Kardec divide a obra em quatro partes: “As Causas Primárias”, quatro capítulos; “O Mundo Espírita ou dos Espíritos”, onze capítulos; “As Leis Morais”, doze capítulos e “Esperanças e Consolações”, dois capítulos. A obra que, segundo os espíritas, fundamenta e sintetiza toda doutrina dos Espíritos, encontra-se no formato da segunda edição.

Os estudos continuaram na *Sociedade Parisiense*, as correspondências aumentaram e o volume de textos para publicação se desenvolveu e ampliou consideravelmente. Isso gerou matérias para a *Revista Espírita* e, conseqüentemente, para novos livros sobre o Espiritismo.

Kardec, à frente da doutrina Espírita, conhecia a influência que o livro exercia na disseminação das ideias. Por esse motivo, lançou *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho*

segundo o Espiritismo (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868). Esses, juntos com *O Livro dos Espíritos*, formam o que os espíritistas chamam de *pentateuco* da doutrina Espírita.

Além dessas obras que são consideradas as basílicas do Espiritismo, Kardec escreve outras: *Instruções Práticas sobre as manifestações espíritas* (1858), *O que é o Espiritismo* (1859), *O Espiritismo em sua expressão mais simples* (1862), *Viagem espírita de 1862* (1862), *Resumo da Lei dos fenômenos espíritas* (1864) e *Obras póstumas* (1890); esta, como o título sugere, refere-se a alguns textos encontrados em seus arquivos, os quais foram compilados e transformados em livro por seus sucessores.

Outro livro chamou a atenção por indicar como deveria ser uma biblioteca espírita e que gêneros de livros ela deveria ter: *Catálogo racional: obras para se fundar uma biblioteca espírita* (1869). As sociedades espíritas que foram se formando por toda Europa e outros países poderiam se orientar, de maneira segura, para compor suas bibliotecas por esse catálogo racional que é dividido em três partes: “I Obras fundamentais da doutrina Espírita”, “II Obras diversas sobre o Espiritismo” e “III Obras realizadas fora do Espiritismo”. Há sugestões para que se tenha obras dos mais variados gêneros, como é recomendado na segunda parte do catálogo, indicando que a biblioteca deveria ter livros sobre música, poema e desenho. Na terceira parte, sugere-se livros sobre filosofia, história, romances, teatros, ciências, magnetismo. Na última parte do livro, Kardec propõe que se deva disponibilizar obras contra o Espiritismo. Sobre este item, ele escreve a seguinte nota: “proibir um livro é sinal de que se o teme. O Espiritismo, longe de temer a divulgação dos escritos publicados contra si e proibir-lhes a leitura a seus adeptos, chama a atenção destes e do público para tais obras, a fim de que possam julgar por comparação” (KARDEC, 2004, p. 85).

Entre essas obras de Kardec citadas, cabe lembrar que algumas editoras lançaram uma compilação dos textos da *Revista Espírita*. Na edição da Federação Espírita Brasileira (FEB), agrupou-se as matérias da revista por ano, de 1858 a 1869. Para cada ano, um tomo. Assim, a tradução da *Revista Espírita* para o português formou doze tomos, com mais de 500 páginas em cada volume. Nota-se que Kardec, como mencionado anteriormente, foi o único redator da revista, até a edição de abril de 1869, visto que falecera um mês antes, em 31 de março, deixando a edição de abril pronta para a publicação.

Faz-se necessário registrar, neste momento da tese, que uma outra vertente, essa de ordem filosófica, amparou sócio-culturalmente, de maneira indireta, as ideias propostas pelo incipiente Espiritismo: a corrente filosófica espiritualista, principalmente o Ecletismo, proposto por Victor Cousin. Este filósofo, que se tornou Ministro da Instrução Pública, na França, na década 1830, dá início à reestruturação da universidade. Segundo Paim (1999), o francês

neokantiano Victor Brochard (1848-1907) enunciou que Cousin deveria estar entre os grandes pensadores do século XIX, tão somente devido à reforma que estabeleceu na universidade francesa, pois fez dela uma “instituição dotada do verdadeiro espírito liberal – isto é, como uma instituição plural, aberta, ao invés de caudatária da escolástica ou do cientificismo” (PAIM, 1999, p. 03).

Além disso, Cousin fez traduções para o francês e editou os diálogos de Platão; ordenou as obras de Abelardo e Pascal; reuniu os escritos dispersos de Maine de Biran e os editou em quatro volumes; e, ainda, escreveu algumas obras, entre elas está o *Curso de História da Filosofia Moderna*, em sete tomos. Alguns de seus discípulos deram continuidade à sua tarefa de tradução, edição e divulgação de várias correntes filosóficas (PAIM, 1999). Entre eles estão:

B. Hauréau (1812-1896), que se ocupou da filosofia escolástica; Francisque Bouillier (1813-1819) [sic], que se tornou um grande especialista no cartesianismo; Edouard Chaignet (1818-1901), que se dedicou a Aristóteles e à filosofia antiga; Charles de Remusat (1797-1875), que traduziu e editou os filósofos ingleses, aos quais dedicaria ainda a “*Histoire de la philosophie en Angleterre, depuis Bacon jusqu'à Locke*”, Adolphe Franck (1809-1893), que, entre outras coisas, foi um dos redatores do “*Dictionnaire des sciences philosophiques*” (em 6 volumes, aparecidos entre 1844 e 1852) e ainda Paul Janet (1823-1899), que, além de haver dado prosseguimento à investigação dos grandes temas da Escola de Cousin, traduziu ao francês e editou a obra completa de Leibniz (PAIM, 1999, p. 2-3).

Inspirado no historicismo de Hegel, com quem manteve correspondência (PAIM, 1999), Cousin considerava o Ecletismo um método histórico que, pelo qual, seria possível distinguir o falso do verdadeiro, entre as correntes filosóficas (COUSIN, 1854). Devido aos compromissos sociais assumidos na política e na educação, “concatenando o método historicista, o psicológico e o espiritualismo, Cousin empreendeu [inicialmente] a divulgação de seu pensamento mais por meio da oralidade e da política que da filosofia ‘escrita’” (DURAN, 2015, p. 119).

Victor Cousin afirma em *Du Vraie, du Beau et du Bien* que a verdadeira doutrina que divulgava era a do espiritualismo, a qual tinha sua gênese em Sócrates e Platão (COUSIN, 1854). Comenta, ainda, na mesma obra, que se utiliza do termo *espiritualismo* porque, fundamentalmente, sua proposta é de submeter os sentidos em relação ao espírito pelos “meios que a razão permite, para elevar e engrandecer o homem” (COUSIN, 1854, p. IV).

Essa corrente filosófica proposta por Cousin torna-se a filosofia oficial da França, entre 1830 e 1848, à época da Restauração Monárquica (ROCHA, 2005). Nove anos depois, Kardec lançaria *O Livro dos Espíritos*. Alguns conceitos e ideias escritas nas obras kardequianas reverberam ideias e conceitos propostos por Cousin e seus discípulos, em suas obras.

Sobre o que comentou Victor Brochard, em Paim (1999), citado anteriormente, Kardec, na *Revista Espírita*, em outubro de 1863, escreve um texto que intitula “Reação das Idéias [sic] Espiritualistas”. Nele, o autor destaca que o Espiritismo irrompeu no momento cultural adequado, pois “mais cedo, ter-se-ia chocado contra o materialismo todo-poderoso; em tempo mais recuado, teria sido abafado pelo fanatismo cego” (REVISTA ESPÍRITA, 2004, p. 400). Interpreto o que Brochard chama de *escolástica* e *cientificismo*, o mesmo que Kardec, no excerto anterior, qualifica de *fanatismo* e *materialismo*, respectivamente. Ambos dizem respeito às correntes filosóficas que conduziam o pensamento sociocultural e acadêmico, na França, antes do Ecletismo.

Na introdução de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no item IV, Kardec (2013a) escreve que tanto as ideias cristãs quanto as espíritas têm suas origens em Sócrates e Platão, semelhantemente ao que escreveu Cousin em *Du Vraie, du Beau et du Bien*. Até mesmo o vocabulário utilizado por Kardec coincide com o utilizado pelos espiritualistas ecléticos. Antônio Paim, na introdução da segunda edição do livro *Investigações de psicologia*, do médico Eduardo Ferreira França, que estudou em Paris durante dez anos, entre 1824 e 1834, dos 15 aos 25 anos de idade, tornando-se naturalista e, mais tarde, já na Bahia, em contato com o ecletismo, torna-se um divulgador de suas ideias, afirma que a psicologia experimental, de Maine de Biran, trabalhada exaustivamente por seu autor, em conformidade com a hipótese empirista de sua época, entusiasmou alguns pensadores e deu “origem a uma corrente importantíssima no pensamento francês, batizada de *positivismo espiritualista*” (FRANÇA, 1973, p. 31, grifo original).

Kardec utiliza-se com frequência, em suas obras, dessa palavra *positivismo*, assim como de *positivo* e *positivista*. Já ouvi, mais de uma vez, algumas pessoas afirmarem, inclusive formadores de opinião do *movimento espírita*, que o Espiritismo é *positivista*, no sentido Comtiano, o que não me parece ser muito lógico. Pelo que se percebe, com as leituras utilizadas para embasar esta pesquisa, a palavra *positivismo* e suas derivações eram utilizadas, rotineiramente, nas obras de Kardec e no momento social e cultural em que elas foram escritas, como algo que pode ser experimentado, comprovado empiricamente, lógico e racional. Auguste Comte (1798-1857) fez uso do vocabulário que era comum em sua época, assim como Maine de Biran, Victor Cousin e outros.

Em *O livro dos Espíritos*, lançado meses antes do falecimento de Comte, há alguns exemplos dos sentidos pretendidos mediante a utilização dessas palavras. Vou citar dois deles. Na resposta para a questão 919a, atribuída ao espírito Santo Agostinho, na segunda página da explicação, encontra-se esta frase: “Sei que muitos dizem que o presente é *positivo* e o futuro

incerto” (KARDEC, 2012, p. 413, grifo meu). A palavra *positivo*, nesse contexto, pode significar real, fato, algo que é experimentado, vivenciado. No item 59, sob o título “Considerações e concordâncias bíblicas no tocante à Criação”, Kardec, no quarto parágrafo de sua explanação, afirma que, segundo a Bíblia, “o mundo foi criado em seis dias e fixa a época em, aproximadamente, quatro mil anos antes da Era Cristã. Antes disso a Terra não existia; havia sido tirada do nada: o texto é formal. E eis que a Ciência *positiva* e inexorável vem provar o contrário” (KARDEC, 2012, p. 89, grifo meu). Nesse trecho, Kardec utiliza a palavra *positiva* como adjetivo para o substantivo Ciência, mas faz uso, também, de outro adjetivo *inexorável*, o que, talvez, delimite o sentido do primeiro adjetivo. Penso que a palavra *inexorável*, nesse contexto, tenha o significado de austera, rigorosa, o que definiria o adjetivo *positiva* como racional, lógico. Entendo, dessa forma, que a palavra *positivismo* e suas derivações extrapolam, no século XIX, ou parte dele, a concepção comtiniana dessas palavras que temos nos dias atuais. Por isso, faz-se necessário contextualizar o momento no qual o Espiritismo manifesta-se na França como proposta de filosofia espiritualista.

Em *O livro dos Espíritos*, a partir da segunda edição, 1860, acima do título da obra, o autor inclui o tema proposto nela: Filosofia Espiritualista. Já a *Revista Espírita*, lançada em 1858, tem como subtítulo “Jornal de estudos psicológicos”, talvez, por isso, entre outros aspectos, Kardec intitule a doutrina dos Espíritos como Ciência. Inclusive, alguns temas abordados em suas obras fazem parte do currículo acadêmico daquele período na França. O positivismo espiritualista ou espiritualismo racional, com Cousin, esteve à frente das “ciências morais na universidade, passou a ser matéria fundamental da Escola Normal, na formação dos professores, e depois foi adotado nos liceus e colégios franceses” (FIGUEIREDO, 2019a, p. 35). O conteúdo proposto pela escola Eclética atravessou fronteiras, chegando a Portugal, Espanha, Brasil e outros países da América Latina (FIGUEIREDO, 2019a).

O médico Eduardo França escreveu em 1854, três anos antes do primeiro livro de Kardec, a obra *Investigações Psicológicas*. Vou citar um trecho do livro do médico, que tem como subtítulo “Instinto para o bem moral” para o compararmos com uma questão, feita por Kardec, e com uma resposta, atribuída aos Espíritos, da terceira parte “Leis Morais”, de *Le livre de Spirites* (que tem como subtítulo para o primeiro capítulo, desta parte “Lei Divina ou Natural”, da edição de 1857).

A consciência moral é pois um censor que está dentro de nós vigiando nossos atos; ela nos mostra que não devemos praticar certos atos, porque uma dor muitas vezes mais viva que a dor física é o castigo que logo sofreremos; ela nos mostra até que em cada desejo mesmo bom há um limite que não devemos ultrapassar. O remorso ou este sentimento roedor nascido de uma ação má, que fizemos, nos persegue em nossa

consciência com muito maior energia do que qualquer castigo corpóreo. [...] Não são só nossos atos exteriores que são julgados pela consciência, nossos próprios pensamentos, nossas próprias inclinações comparecem a este tribunal (FRANÇA, 1973, p. 528).

No livro de Kardec, há a questão 283, na qual ele pergunta aos Espíritos “Onde está escrita a lei de Deus? – *Na consciência*” (KARDEC, 1857, p. 114, grifo meu). Essa resposta atribuída aos Espíritos não é uma novidade para o contexto filosófico em que *O livro dos Espíritos* foi escrito. No trecho citado de França percebe-se a mesma ideia, a lei e o tribunal estão dentro do ser humano, na consciência moral.

Vou citar mais um trecho da obra de França para comparar com *O livro dos Espíritos*. No capítulo XVIII, intitulado “Faculdade da fé”, Eduardo França, dialogando com as ideias de Garnier sobre fé e Deus, afirma que “Pela indução e o princípio de causalidade chegamos à existência de Deus, pela razão se nos revela a idéia [sic] de perfeição” (FRANÇA, 1973, p. 476). Semelhante a essa afirmação do médico brasileiro, na primeira obra de Kardec, edição de 1857, as duas primeiras respostas, atribuídas aos Espíritos, parecem se harmonizar com o pensamento da época: 1. Que é Deus? “*Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas*” (KARDEC, 1857, p. 33, grifo meu). Em seguida, Kardec faz outra pergunta, os Espíritos respondem e o autor complementa.

2. Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus? “*Num aforismo que se aplica às Suas ciências: não existe efeito sem causa. Procure-se a causa de tudo o que não é obra do homem, e a razão lhe responderá.*”

Para crer em Deus basta observar as obras da Criação. O Universo existe; ele tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e afirmar que o nada pôde fazer alguma coisa (KARDEC, 1857, p. 33, grifo original).

Parece-me, com as citações apresentadas, que Kardec está se referindo às ideias expostas no livro de Eduardo França, que representa parte da ciência da época, sendo que estas, por sua vez, fundamentavam-se no Ecletismo de Cousin, estabelecidos nas universidades francesas durante as décadas de 1830 e 1840, como mencionado anteriormente.

O Espiritismo francês, com Rivail/Kardec, esteve vinculado com a educação, seguindo uma tradição que se inicia com Comenius, teoriza-se com Rousseau e aplica-se com Pestalozzi, Rivail e outros. Além da educação, o Espiritismo fundamenta-se nas correntes filosóficas vigentes no seu momento sócio-histórico, principalmente no Ecletismo, de Victor Cousin, que é disseminado na França e em outros países. Amparado, então, pela educação e pelas ciências filosóficas, Kardec escreve livros, textos para sua revista, cartas para diversas pessoas e lugares.

A escrita, o livro e, conseqüentemente, a leitura fizeram o Espiritismo chegar em terras brasileiras. Ao que tudo indica, ele se estabeleceu no Brasil devido, também, ao Ecletismo, que teria se formalizado no país nas décadas de 1830 e 1840 “no Seminário São Joaquim, no Rio de Janeiro, depois conhecido como Colégio Pedro II” (DURAN, 2015, p. 117).

2.2 O ESPIRITISMO NO BRASIL: DOIS SÉCULOS DE HISTÓRIA

O espiritualismo, com várias vertentes culturais, já se fazia presente no Brasil, bem antes das obras de Kardec serem escritas. Enquanto o professor Rivail pesquisava sobre os temas que as *mesas* ditavam, os médiuns escreviam e falavam, uma corrente filosófica se estabelecia entre os intelectuais brasileiros: o Ecletismo, de Victor Cousin. Para Paim, o ecletismo espiritualista é a “primeira corrente filosófica rigorosamente estruturada no país, tendo logrado ganhar a adesão da maioria da intelectualidade e manter uma situação de domínio absoluto das décadas de quarenta à de oitenta do século passado [XIX]” (PAIM, 1979, p. 33-34).

A escola eclética, que teria dado suporte filosófico e cultural para o surgimento do Espiritismo na França, estabelece-se no Brasil poucos anos depois da ascensão de Victor Cousin ao cargo de Ministro da Instrução Pública. O Ecletismo espiritualista teve três ciclos no Brasil: 1) o ciclo de formação, entre 1833 e 1848; 2) o ciclo de apogeu, décadas de 1850 à de 1880 e 3) o ciclo de declínio e da superação, que tem início na década de 1870 (PAIM, 1979).

Na década de 1830, um grupo de intelectuais brasileiros estudaram com Theodore Jouffroy (1712-1842), entrando em contato com as propostas de Maine de Biran (1766-1824) e de Cousin (PAIM, 1999). A psicologia experimental de Maine de Biran e o espiritualismo racional de Cousin, que também se fundamentava nos estudos de Biran, formam, nesse período, uma “doutrina harmônica, dos momentos de afirmação do espírito e da ciência” (PAIM, 1999, p. 21).

Os partidários brasileiros da nova escola filosófica, nessa década e na seguinte, disseminaram suas ideias em livros, revistas, jornais e, também, nas cátedras do país. Salustiano Pedrosa inicia seu magistério no Recôncavo Bahiano; Monte Alverne escreve o *Compêndio de Filosofia*, que seria publicado em 1859; o Frei José do Espírito Santo começa a lecionar na Bahia; Domingo Gonçalves de Magalhães torna-se docente da cadeira de Filosofia do Colégio Pedro II, mas leciona poucos meses; Antônio Pedro de Figueiredo traduz *Curso de história da filosofia moderna*, de Victor Cousin; revistas como *Minerva Brasiliense* (Rio de Janeiro), *O mosaico* (Bahia), *O crepúsculo* (Bahia), *O progresso* (Recife) circulam com os temas propostos

pelo Ecletismo; Salustiano Pedrosa publica *Esboço de história da filosofia, Compêndio de filosofia elementar e Discurso sobre a filosofia* (PAIM, 1999).

Para relatar sobre o apogeu do Ecletismo no Brasil, proponho o Quadro 1 com a cronologia, a seguir, orientado por Antônio Paim (1999).

Quadro 1: Ciclo do Apogeu - cronologia

Cronologia	
CICLO DO APOGEU – FINS DA DÉCADA DE 1840 AOS COMEÇOS DA DÉCADA DE 1880	
1849	Publicação, no Rio de Janeiro, da tradução de <i>Filosofia popular</i> , de Victor Cousin. O tradutor é Moraes Valle, professor da Faculdade de Medicina.
1851	Posse na cadeira de filosofia do Colégio Pedro II de Frei José de Santa Maria Amaral (1821 – 1889), beneditino, autor de um <i>Tratado de Filosofia</i> , que se supõe tenha permanecido inédito. Aparecimento do <i>Compêndio de Filosofia</i> , em dois volumes, de Moraes Valle.
1852 – 1859	Colaboração semanal de Antonio Pedro de Figueiredo no <i>Diário de Pernambuco</i> , em que se evidencia a mudança de problemática (prevalência da fundamentação da moral passando o conhecimento para segundo plano).
1854	Aparecimento das <i>Investigações de Psicologia</i> , de Eduardo Ferreira França, que se considera como contendo a síntese do debate realizado no ciclo de formação e que consagra a vitória da Escola.
1855	Aparecimento, na Bahia das duas obras: <i>Filosofia racional e moral</i> (contendo a 2ª edição do <i>Catecismo de lógica; noções de metafísica e Ética geral e especial</i>); e <i>Preleções de Lógica e Preleções de Filosofia Moral</i> , de Salustiano Pedrosa.
1858	Aparecimento da <i>Memória sobre o magistério e escritos filosóficos do Dr. Salustiano Pedrosa</i> , de Eunápio Deiró (Bahia) Publicação da 1ª edição de <i>Fatos do Espírito Humano</i> , de Domingos Gonçalves de Magalhães.

(Continuação do Quadro 1).

1859	Edição francesa dos Fatos do Espírito Humano , de D. G. Magalhães (tradução de M. N. Chancelle, Paris, Librairie d'Auguste Fontaine).
1862	Aparecimento da obra Ensaio sobre o direito administrativo , de Paulino José Soares, visconde Uruguai (1807 – 1866), devotado à justificação teórica das instituições imperiais, que consagra a expressão “ecletismo esclarecido”, para caracterizar o método (historicista) adotado pela Escola Eclética.
1865	Aparecimento da 2ª edição de Fatos do Espírito Humano e dos Opúsculos Históricos e Literários , de Domingos Gonçalves de Magalhães.
1866	Publicado em Pernambuco de Resumo de Lógica do Compêndio de Filosofia de M. Barbe , de Joaquim Pires Machado Portela.
1868	Primeiros artigos de cunho filosófico de Tobias Barreto (1839 – 1889) em que se vislumbra ainda simpatias pelo ecletismo, com o qual romperia logo depois, embora declarando fazê-lo com pesar ao “ <i>ver-se obrigado, no interesse da verdade ou do que tenho por tal, a ser severo com aqueles em cujas obras pude haurir, pelo menos, a paixão deste gênero de estudo</i> ” (Fins de 1871).
1870	Aparece na Bahia tradução de versão resumida do que se denominou de Teoria do Belo e do Bem , de Victor Cousin (Tradução de Franklin Lima).
1874	Aparecimento na França do livro A Moral , de Paul Janet, adotado como manual do Colégio Pedro II, de que se traduziu a exposição resumida contida no Tratado Elementar de Filosofia .
1876	Aparecimento de A alma e o cérebro . Estudos de Psicologia e Fisiologia, de Domingos Gonçalves de Magalhães.
1880	Aparecimento de Comentários e pensamentos , de D. G. Magalhães.

(Finalização do Quadro 1).

1885	Aparecimento do 1º volume da tradução do <i>Tratado Elementar de Filosofia</i> , (Rio de Janeiro, Garnier), de Paul Janet, com a indicação de ser obrigatória a sua adoção nos Liceus Estaduais, desde que fora pelo Colégio Pedro II.
1886	Aparecimento do 2º volume da tradução do <i>Tratado Elementar de Filosofia</i> , de Paul Janet (Rio de Janeiro, Garnier).

Fonte: Paim (1999).

O terceiro ciclo do Ecletismo brasileiro, o do declínio e da superação, inicia-se na década de 1870 com a ascensão do positivismo, o desenvolvimento da Escola do Recife e com o que Silvio Romero designou como “surto de novas ideias” (PAIM, 1979).

Então, a mesma corrente filosófica que teria fundamentado o Espiritismo para que emergisse na França e se propagasse por alguns países sustentou, de alguma maneira, também, aqui, no Brasil, o pensamento filosófico por não menos que quatro décadas.

Ubiratan Machado, em *Os Intelectuais e o espiritismo*, comenta sobre algumas importações culturais que chegam no Brasil advindas da Europa. Relata sobre o Magnetismo Animal, de Franz Anton Mesmer (1734-1815), que teria se vulgarizado no país. O magnetismo animal ou mesmerismo propunha tratar doenças por meio de imposição das mãos. Também se utilizava de um “sonâmbulo”, pessoa que entraria em um sono induzido ou espontaneamente e, assim, visualizaria o organismo do enfermo e identificaria a doença, podendo tratá-la com mais eficácia. A homeopatia, de Samuel Hahnemann (1755-1843), também aportou no Brasil e, diferentemente do mesmerismo, permanece como possibilidade terapêutica até os dias atuais. Machado discorre que, antes dessas importações culturais, já havia no país o que ele chama de raízes mágicas: os pagés, os feiticeiros e os magos já fertilizavam a terra, o coração e o raciocínio do espírito brasileiro (MACHADO, 1996). O autor afirma que

nos povoados, vilas e cidades, a convivência de reinóis, mestiços, ciganos, nativos, judeus, negros e índios assumiu muitas vezes um aspecto quase de duelo mágico. O atrito racial também se revelava no terreno das crenças. A feitiçaria européia, transplantada pelo colonizador, media-se com as artes mágicas indígenas e os bruxedos do negro (MACHADO, 1996, p. 24).

Em meio a esse quadro cultural, em torno de 1840, dois médicos imigrantes desembarcam no Brasil: Bento Mure, como ficou conhecido no país o homeopata francês

Benoît Jules Mure, e João Vicente Martins, português que se tornou homeopata devido à influência de Mure. Os dois entendiam sobre mediunidade e aplicação do magnetismo animal (o qual, mais tarde, com outra concepção, seria conhecido como o *passe*, no *movimento espírita*), este recomendado por Hahnemann, que fora influenciado por Mesmer. Mure e Martins eram humanitários e incorporaram em seus trabalhos, além da homeopatia e dos *passes fluídicos*, em consonância à ciência mesmérica, outras atividades benéficas. À frente de suas tarefas filantrópicas, sustentavam o lema “Deus, Cristo e Caridade”, quase duas décadas antes do livro que dará início à codificação espírita (XAVIER, 2010c).

Mais tarde, em *O livro dos Espíritos* e *O evangelho segundo o Espiritismo*, há textos que iriam corroborar o lema dos médicos homeopatas. Em *O livro dos Espíritos*, nas respostas para as perguntas “1. Que é Deus? / *Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas*” (KARDEC, 2012, p. 69, grifo original) e “625. Qual é o ser mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para servir-lhe de guia e de modelo? / *Jesus*” (KARDEC, 2012, p. 303, grifo original). As partes em itálico seriam as respostas concedidas pelos Espíritos superiores.

Já em *O Evangelho segundo o Espiritismo* há um capítulo inteiro dedicado à caridade, segundo o entendimento spiritista. O capítulo XV, cujo título é “Fora da caridade não há salvação”, tem, entre outros objetivos, a necessidade de contrapor o discurso de algumas igrejas: “Fora da Igreja não há salvação” ou “Fora da verdade não há salvação” (KARDEC, 2012, p. 207-213). Assim, como no lema de Mure e Martins, há também no Espiritismo textos que se referem a essa ideologia humanitária, o que também demonstra predisposição no ambiente cultural brasileiro da época (e até hoje) em acolher ideias espiritualistas, pois assim como acomodou os homeopatas e algumas práticas de diversas correntes espiritualistas (o Ecletismo e as raízes mágicas, por exemplo), também o fez com o Espiritismo.

Contudo, o artigo quinto da Constituição de 1824 expunha a hegemonia de uma religião no país: “A Religião Catholica Apostolica [sic] Romana continuará a ser a Religião do Imperio [sic]” (BRASIL, [2019], sem paginação). Outras religiões existiam e havia permissão do Império para que fossem professados os seus cultos de forma discreta, familiar e sem templos, de acordo com a redação do mesmo artigo da Constituição vigente no período. Foi nesse panorama sócio-histórico que o Espiritismo adentra em terras brasileiras.

As notícias sobre as *mesas girantes* chegavam ao país por certos jornais de algumas regiões, entre os anos de 1853 e 1854. Tais periódicos eram o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro; o *Diário de Pernambuco*, de Recife, e o *O Cearense*, de Fortaleza (HESSEN, 2016). Contudo, segundo Xavier, os brasileiros passaram da leitura à prática e,

em 1853, a cidade [Rio de Janeiro] já possuía um pequeno grupo de estudiosos, entre os quais se podia notar a presença do marquês de Olinda e do visconde de Uberaba. Em Salvador, esses núcleos de experimentação também existiam, em idênticas circunstâncias. Em 1860 surgem as primeiras publicações espiritistas. Em 1865, o Dr. Luís Olímpio Teles de Menezes, com alguns colegas, replicava pelo *Diário da Bahia* a um artigo algo irônico de um cientista francês, desfavorável ao Espiritismo, publicado na *Gazette Médicale* e transcrito no jornal referido. As publicações brasileiras não passaram despercebidas ao próprio Allan Kardec, que delas teve conhecimento, com a mais justa satisfação íntima (XAVIER, 2010c, p. 162, grifo original).

Cabe lembrar que, em 1853, ainda não havia a codificação kardequiana, então o pequeno grupo de estudiosos, como está referido no excerto anterior, estudava o fenômeno, mas ainda não se tratava da doutrina Espírita, visto que algumas palavras do vocabulário espiritista são neologismos criados por Allan Kardec, como, por exemplo, espiritismo, espírita, conforme está escrito no item I da Introdução de *O livro dos Espíritos*.

No mês de novembro de 1865, Kardec escreve sobre o Espiritismo no Brasil, na *Revista Espírita*, referindo-se à refutação, assinada pelos espiritistas Luís Olímpio Teles de Menezes, José Álvares do Amaral e Joaquim Carneiro de Campos, àquele texto publicado na *Gazette Médicale* que se pronunciava contra a doutrina Espírita, publicado pelo *Diário da Bahia*, confirmando, assim, que Kardec estava atento ao que ocorria no Brasil referente ao incipiente Espiritismo (REVISTA ESPÍRITA, 2014c).

A doutrina Espírita continuou crescendo no Brasil. Ainda no ano de 1865, Teles de Menezes funda, em Salvador, o *Grupo Familiar de Espiritismo*, o que seria, possivelmente, a primeira associação espírita em terras brasileiras. Esse grupo

era formando [*sic*], basicamente, por homens da elite letrada local, que tinham acesso a cultura europeia [*sic*]. Alguns deles tiveram a oportunidade de estudar em colégios europeus e entraram em contato com as tendências científico-filosóficas que se nominavam como modernizadoras. Outros adeptos da doutrina tomaram conhecimento do espiritismo por meio de informações esparsas nos jornais que informavam sobre ‘a febre das mesas girantes’ (ROCHA, 2014, p. 115).

Em 1866, Teles de Menezes traduz parte de *O livro dos espíritos* para a língua portuguesa e o publica em Salvador. Teles de Menezes, em 1869, lança o primeiro periódico espírita do país *Éco de Além-Túmulo* (SANTOS, 1997). Por coincidência ou não, a voz e a pena de Kardec se calam na França com sua morte, em março de 1869, mas as ideias espiritistas parecem ter, no *Éco de Além-Túmulo*, um símbolo de que a voz e a mão dos médiuns não se cansariam de produzir livros e textos no país que se tornaria o mais profícuo em literatura espírita do mundo. O próprio Jornal *Éco de Além-Túmulo* foi lançado como livro, “resultado do

primeiro ano de sua publicação, correspondente ao período de julho de 1869 a maio de 1870, compondo um total de 304 páginas” (FERNANDES, 2003, p. 61).

Contudo, para que o Espiritismo circulasse de maneira a não desagradar a igreja hegemônica,

as mensagens publicadas no periódico buscavam uma associação com o catolicismo, sinalizando que no país o espiritismo teria uma identidade própria. Ser espírita não era motivo para deixar de ser católico. Era uma filosofia de vida, uma conduta moral, que podia conviver, nesse momento, perfeitamente com o catolicismo (GOMES, 2012, p. 155).

Possivelmente, para investir na conciliação com a Igreja Católica, algumas comunicações espirituais, escritas no periódico *Éco de Além-Túmulo*, eram atribuídas a personagens conhecidos da história do Cristianismo, como Santo Agostinho e João Evangelista. (O ÉCHO D’ALÉM TÚMULO, 1869).

É interessante anotar que Luís Olímpio Teles de Menezes dedica cinco páginas da última tiragem da revista *Éco de Além-Túmulo*, maio de 1870, para comentar sobre um livro que havia ganhado do próprio autor Jean-Baptiste Roustaing. O comentário do livro *Os quatro Evangelhos* foi bastante elogioso: “Os Spiritas [sic] verdadeiros encontrarão em sua leitura variadissimos [sic] ensinamentos de transcendental importancia [sic] e d’o mais perfeito accôrdo [sic] com a doutrina ensinada ’n-o Livro d’os Spiritos [sic] e ’n-o Livro dos Médiuns.” (O ÉCHO D’ALÉM TÚMULO, 1870).

Teles de Menezes, provavelmente, não sabia que Kardec já havia refutado algumas das ideias propostas no livro de Roustaing, na *Revista Espírita* e na *Gênese*. Tampouco fazia ideia de que *Os quatro evangelhos*, do advogado bordelense, causaria divisões entre os espíritas franceses, principalmente depois da morte de Kardec. A partir de 1871, Pierre-Gaëtan Leymarie toma a administração da *Sociedade Parisiense de Estudos Espírita*, da *Revista Espírita* e da livraria espírita. Em 1872, o novo administrador da *Sociedade Parisiense* publica uma nova edição da obra *Gênese* revista, corrigida e aumentada. Anos mais tarde, Henri Sausse, primeiro biógrafo de Kardec, iria denunciar, em *Le Spiritisme*, jornal da União Espírita Francesa – agremiação na qual se associaram os espíritas que discordavam das ideias propostas por Leymarie –, as alterações da edição da *Gênese*, de 1872. A obra teria sido adulterada para favorecer às ideias defendidas no livro de Roustaing em detrimento da proposta kardequiana (GOIDANICH, 2018).

O Brasil espírita também herdou essa divisão motivada pela obra de Roustaing. Os chamados científicos discordavam da proposta roustaingista enquanto os religiosos a

estudavam. Esse tema será retomado adiante, quando endereçarei algumas linhas deste subcapítulo ao Kardec brasileiro, Bezerra de Menezes.

Em 1870, no Rio de Janeiro, capital do império, os espíritas começaram a se organizar formando sociedades espiritistas e ampliando a divulgação da doutrina. No ano seguinte, Teles de Menezes e alguns confrades, depois de tentativa frustrada de formalizar uma Sociedade Espírita, na Bahia, devido a obstáculo imposto pela Igreja Católica, “fundaram a Associação Espírita Brasileira, que, apresentada como associação científica, pôde ser registrada” (SANTOS, 1997, p. 13).

É interessante lembrar que na época,

as concepções espíritas que tanta repulsa causavam à hierarquia católica entraram no Brasil registradas em livros e circularam de início em grupos restritos da elite brasileira. A habilidade de ler e a condição de comprar livros eram privilégios de pequena parte da população do país; menor ainda era o circuito em que novas idéias *[sic]* e autores eram debatidos.

A proposta de uma religião racional, baseada em textos organizados sistematicamente e atenta às tendências do conhecimento da época, terá contribuído para sua aceitação por setores da elite que tinham uma preocupação constante com o que ocorria na Europa (SANTOS, 1997, p. 14).

Os divulgadores das ideias Espíritas, embora tivessem na Escola Eclética uma base filosófica para a sua doutrina, não eram reprovados no Brasil somente pela Igreja que pressupunha hegemonia religiosa, mas também pelos positivistas, que, segundo a acepção comtiana, rechaçavam e condenavam “as concepções e práticas do Espiritismo, que classificavam como uma seita mágica” (SANTOS, 1997, p. 15).

Assim, o *movimento espírita* brasileiro foi se articulando, com parte da elite e dos intelectuais, formando sociedades, grupos de estudo, tradução das obras de Kardec e elaboração de periódicos espíritas. Dos vários periódicos espíritas lançados no país, um desperta curiosidade pelo seu tempo de publicação: *O Reformador*. Desde janeiro de 1883 até hoje, esse periódico brasileiro, criado pelo fotógrafo Elias de Souza, membro da *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, reúne leitores espíritas, simpatizantes e oponentes em torno de seus textos (SANTOS, 1997). Atualmente, a Federação Espírita Brasileira veicula *O Reformador*, também, de forma digital.

No ano seguinte do lançamento de *O Reformador*, 1884, com a intenção de representar todos os grupos e movimentos relacionados ao Espiritismo no país, funda-se, na capital do Império, a Federação Espírita Brasileira (FEB). Alguns líderes do *movimento espírita* do país eram influentes na sociedade de então. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti, que anunciou publicamente ter se tornado espírita em 1886, era médico, político e empresário. Ao assumir

ser adepto à doutrina dos Espíritos abertamente, Bezerra de Menezes impactou alguns setores da sociedade, principalmente no Rio de Janeiro, onde morava e exercia suas profissões (SANTOS, 1997). Foi por duas vezes presidente da FEB, entre 1889 e 1900, e um dos principais responsáveis pelo projeto de unificação do Espiritismo no país.

O Allan Kardec brasileiro, como ficou conhecido Bezerra de Menezes, foi um dos intelectuais que se empenhou para o estabelecimento do Espiritismo no Brasil com as características religiosas que o particulariza. Célia Arribas sugere que Bezerra de Menezes possivelmente tenha percebido “que somente enquanto religião o espiritismo teria uma via de legitimação mais fácil e certamente mais segura a seguir” (ARRIBAS, 2008, p. 103). Então, a pesquisadora afirma que

coube a Bezerra não só o trabalho de selecionar, na obra de Allan Kardec, determinados aspectos em detrimento de outros, como também o de encadeá-los, juntamente com outras coordenadas externas à obra kardequiana, visando dar ao seu espiritismo certa coerência e ordenação dentro de uma nova conformação estrutural. (ARRIBAS, 2008, p. 104)

Para organizar a doutrina dos Espíritos, em terras brasileiras, em conformidade com suas convicções, Bezerra de Menezes utiliza-se da escrita de artigos referentes ao Espiritismo em um periódico de grande circulação à época, *O Paiz*. À sombra de Max, pseudônimo usado por ele, escreve textos que veiculam de 1886 até o ano de 1893 (SANTOS, 1997).

Além dos textos publicados em *O Paiz*, Bezerra de Menezes escreveu artigos para *O Reformador* e alguns livros espíritas “como o romance *A casa assombrada* e os estudos *A loucura sob novo prisma* e *A doutrina espírita como filosofia teogônica*” (SANTOS, 1997, p. 21, grifo original).

Em 1890, Bezerra de Menezes promove estudos no Centro Espírita Grupo Ismael, sobre *O livro dos Espíritos*, de Kardec e a obra *Os quatro Evangelhos*, de Jean-Baptiste Roustaing. O livro organizado por Roustaing teria sido psicografado por Emilie Collignon. O estudo desse livro causou mal-estar na comunidade espírita, pois havia uma divisão entre os científicos e os religiosos sobre a legitimidade doutrinária da obra. Os científicos preferiam a obra de Kardec, os religiosos aceitavam o livro de Roustaing. Mas entre os científicos e religiosos também não havia unanimidade. Bezerra, que tentava a união entre os espíritas, trabalhava para minimizar as controvérsias doutrinárias que suas escolhas desencadearam (ARRIBAS, 2008).

Contudo, em sua segunda gestão como presidente da FEB, entre 1895 a 1900, o estudo do livro de Roustaing foi introduzido como complemento de *O livro dos Espíritos*. Por esse viés religioso da FEB, antes mesmo da segunda gestão de Bezerra de Menezes, em 1894, os

científicos fundaram o *Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil*, outra federativa que se contrapôs à FEB para divulgar a cientificidade do Espiritismo. Travou-se entre as duas federativas espíritas uma batalha intelectual registrada em algumas revistas, principalmente no *Reformador*. Bezerra de Meneses, que chegou a fazer parte do *Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil*, foi convidado a se retirar da federativa depois que os embates ideológicos se apresentaram nas revistas. Contudo, em 1897, o referido *Centro* se desarticulou e fechou suas portas. Os religiosos venceram (ARRIBAS, 2008).

Kardec, no livro *Catálogo racional: obras para se fundar uma biblioteca espírita*, coloca o livro de Roustaing, que desencadeou a divisão no *movimento espírita* francês e brasileiro, no item II: “Obras diversas sobre o Espiritismo ou complementares da doutrina”. No entanto, Kardec recomenda a leitura do livro *A gênese*, de sua autoria, capítulo XV, números 64 a 68, para contrapor a ideia que a obra de Roustaing, *Os quatro evangelhos*, apresenta sobre o corpo de Jesus (KARDEC, 2004). Para Roustaing, Jesus não teria um corpo de carne e ossos, semelhante aos seres humanos. Seu corpo, segundo o livro do advogado, seria fluídico, uma espécie de agênera, sobre esse assunto Kardec discorda em alguns textos.

Portanto, o livro de Roustaing está entre as obras complementares da doutrina espírita, mas não entre as fundamentais. Ele deveria ser estudado num centro espírita? Não, para Herculano Pires, jornalista, escritor, tradutor e divulgador do Espiritismo. Pires, em consonância com os científicos do *Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil*, afirma que “Roustaing é o anti-Kardec, mente confusa, misticismo beato e portanto vulgar, credence popularesca, falta absoluta de critério científico, desprezo pelos dados históricos, mitologia arcaica, raciocínio confessadamente avariado [...]” (PIRES, 1979, p. 192).

Embora houvesse divisão entre científicos e religiosos dentro do *movimento espírita* brasileiro, a leitura e as interpretações continuaram divulgando a doutrina dos Espíritos entre os espiritistas, simpatizantes e adversários. Nessas circunstâncias,

a Federação Espírita Brasileira criou em 1897 uma livraria especializada. Os espíritas consideram, com razão, que esse foi um marco na história do movimento. A livraria da FEB - inaugurou uma bem-sucedida associação, que persiste até hoje, entre atividade editorial e sistema próprio de circulação. Ela foi uma importante referência para os centros e núcleos espíritas que se organizavam pelo país, servindo, ainda, de inspiração para outras iniciativas do gênero (SANTOS, 1997, p. 28).

Paralelamente, em São Paulo, um outro grupo Espírita também iniciou suas publicações com tipografia própria. Antônio Gonçalves da Silva, o Batuíra, estava à frente desse projeto de divulgação da doutrina dos Espíritos. O *Grupo Espírita Verdade e Luz* lançou um jornal com o

mesmo nome da agremiação. O *Verdade e Luz* chegou a atingir a tiragem de 15 mil exemplares, em 1897. Devido à circulação do periódico, inclusive em outros Estados, o *movimento espírita* paulista torna-se conhecido e respeitado, o que geraria mais associações e centros Espíritas vinculados ao nome de Bатуíra, em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (SANTOS, 1997).

Caírbar de Souza Schutel também ajudou na disseminação das ideias espíritas por meio de periódicos. Foi farmacêutico e político. Nascido no Rio de Janeiro, mudou-se para Matão, São Paulo. Nesse local, conhece o Espiritismo e torna-se espírita em 1905, fundando, no dia 15 de agosto do mesmo ano, o jornal *O Clarim*. Alguns anos mais tarde, em 15 de fevereiro de 1925, lança a *Revista Internacional de Espiritismo*. Alguns artigos desta revista vinham assinados por nomes conhecidos mundialmente, como os de Sir Oliver Lodge, Ernesto Bozzano e Sir Arthur Conan Doyle. Os dois periódicos ainda estão sendo publicados (WANTUIL, 2002). A RIE, como é conhecida a *Revista Internacional de Espiritismo*, recebe assinaturas regulares de 26 países (O CLARIM, 2019).

Outros espíritas destacam-se pela divulgação da doutrina por meio de jornais e revistas, mas um chama a atenção por outro motivo: a educação. Eurípides Barsanulfo nasceu em família católica e exerceu vários cargos em Sacramento, interior de Minas Gerais. Barsanulfo

dedicou-se ao magistério no Lyceu Sacramentano; organizou e colaborou na redação do jornal *Gazeta de Sacramento*; atuou como guarda-livros - o equivalente ao atual contador - da 'Casa Mogico', onde tirava o sustento para as suas ações assistenciais; tornou-se, também, vereador de Sacramento e proprietário de farmácia filantrópica (BRETTAS, 2006, p. 170).

Ao se tornar espírita, alguns professores do Lyceu Sacramentano saíram do colégio e muitos pais retiraram seus filhos da escola. Então, para impedir que o Lyceu Sacramentano encerrasse suas atividades, Eurípides alugou uma sala em outro prédio e ministrou, por algum tempo, todos os conteúdos programados. Mesmo assim, alguns pais ainda tirariam seus filhos da escola do recém adepto ao Espiritismo, o que agravou a situação financeira, já difícil, do colégio (BRETTAS, 2006).

Foi nesse contexto que Eurípides Barsanulfo funda o Colégio Allan Kardec, 50 anos depois da morte do codificador da doutrina espírita, a 1º de abril de 1907. Segundo Brettas, a escola teria semelhanças pedagógicas com as teorias e práticas pestalozzianas. A afetividade deve estar presente na interlocução e no convívio entre educador e educando. Dora Incontri explica essa visão de Pestalozzi afirmando que “aclara-se a tarefa da educação, como um processo de entrega, não-violento, delicado e cuidadoso” (INCONTRI, 2001, p. 178). Em conformidade à explanação de Incontri, Brettas afirma que “a linha pedagógica adotada no

Collégio Allan Kardec era inédita na cidade. Num tempo caracterizado pelos rigores educacionais, não havia ali palmatória nem quaisquer castigos físicos, comuns na época” (BRETTAS, 2006, p. 197). O pesquisador afirma ainda que as aulas eram mistas, ou seja, homens e mulheres estudavam nas mesmas turmas (BRETTAS, 2006).

As classes ao ar livre também coincidem entre os dois educadores, Pestalozzi e Barsanulfo. “O ex-aluno José Vieira, em depoimento ao jornalista Jorge Rizzini, contou que durante a aparição do cometa Halley de 1910, todas as noites, Barsanulfo ministrava aulas de astronomia, rodeado pelos alunos dos cursos médio e superior” (BRETTAS, 2006, p. 205). O contato com a natureza era uma “estratégia didática do professor Barsanulfo [...] na execução de aulas práticas, como a dissecação de animais, ou as lições de botânica realizadas no pomar da escola” (BRETTAS, 2006, p. 207).

Silva, em sua dissertação de mestrado, *Espiritismo e educação: Eurípides Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec / Sacramento-MG (1880 - 1918)*, afirma que

Barsanulfo e Pestalozzi, dois educadores, foram comparados devido às suas práticas na educação aplicada com o estímulo ao raciocínio lógico, observação da natureza, valorização do pensamento reflexivo e crítico, valorização do afeto na relação entre educador e educando e atuação na assistência social (SILVA, 2017, p. 72).

Faz-se necessário mencionar que Eurípides Barsanulfo, provavelmente, nunca leu textos de Pestalozzi, pois, segundo Incontri, “nenhum de seus textos foi traduzido integralmente para o português, nenhum dos seus discípulos diretos veio ao Brasil, nenhuma escola ou instituição se inspirou em suas idéias [*sic*] com profundo conhecimento de causa” (INCONTRI, 1997, p. 126).

Embora Barsanulfo tenha se destacado na história do Espiritismo do Brasil pelo envolvimento com a educação e outras atividades filantrópicas, ele também foi um dos fundadores e redatores do jornal *Gazeta de Sacramento*. O periódico versava sobre os assuntos da região. Diferentemente dos outros divulgadores mencionados até aqui, Barsanulfo, que era considerado um intelectual, não divulgou a doutrina espírita por meio da escrita, mas com suas ações, o que mais tarde geraria biografias e, como se percebe, textos acadêmicos.

2.3 O ESPIRITISMO NO RIO GRANDE DO SUL: A EDUCAÇÃO FORMAL E A ESPIRITUAL

O Espiritismo chega em terras sul-rio-grandenses no fim do século XIX (MIGUEL, 2009). Segundo a tradição oral, “dois marinheiros espanhóis [...] aportaram em São José do

Norte, dando início à realização de sessões espíritas” (DECOM FERGS, 2010, sem paginação). No ano seguinte, seria inaugurada a primeira instituição espírita do estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande, no dia 25 de maio de 1887, segundo a ata de fundação da instituição. Outras sociedades espíritas foram constituídas nessa região. Na capital Porto Alegre, a primeira instituição espírita *Grupo Espírita Allan Kardec* é fundada em 13 de julho de 1894, hoje conhecida como *Sociedade Espírita Allan Kardec* (DECOM FERGS, 2010).

A FERGS, Federação Espírita do Rio Grande do Sul, seria fundada somente em 1921, segundo seu Estatuto Social:

Art. 1º - O presente Estatuto rege as atividades da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, que tem como sigla FERGS, fundada em 17 de fevereiro de 1921, com sede e foro nesta cidade de Porto Alegre, [...] constituindo-se uma organização religiosa – pessoa jurídica de direito privado de caráter científico, filosófico, religioso, educacional, cultural, de assessoramento, ação, assistência e promoção social, com prazo de duração indeterminado.

Parágrafo único – Os projetos, programas, ações e serviços de assistência e promoção social realizados pela FERGS, de modo contínuo, permanente e planejado, atenderão a critérios de universalidade e gratuidade (FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL, 2015, sem paginação).

Parece interessante ressaltar o caráter educacional, de ação, assistência e promoção social que a FERGS regulamenta como objetivo às sociedades espíritas afiliadas a ela. Tal finalidade está em consonância com os princípios educacionais e sociais que Rivail, Pestalozzi e Comenius realizam em suas obras didáticas, teóricas e práticas, conforme comentou-se anteriormente neste capítulo.

A educação por meio da leitura parece ser uma das metas fundamentais do Espiritismo, inclusive aqui no Rio Grande do Sul. A educação espírita não se trata de ensino regular: Pré-escola, Ensino fundamental e Médio, mas sim, da educação integral do ser, que é contínua. Visto que, para os espíritas, o corpo físico é uma veste temporária, importante para o seu desenvolvimento como espírito eterno, contudo, diferentemente do espírito, tem prazo de validade, é perecível, desintegra-se.

Embora distinto do ensino regular, pode-se fazer uma analogia com esse, pois, para o Espiritismo, o planeta Terra seria uma grande escola e, a cada reencarnação do espírito, neste ou em outros planetas, ele progrediria ou permaneceria no mesmo estágio, nunca retrogradaria, como numa escola comum, em que o aluno quando atinge os objetivos esperados, vai para a série seguinte, ou repete os conteúdos do ano anterior, se não houver aprendido os conteúdos adequadamente. Então, o planeta terra e tudo que há nele seriam material didático de Deus, que tem em Jesus o professor principal, o grande mestre da Terra. Este, por sua vez, como

representante de Deus no orbe terrestre, teria enviado, antes e depois dele, vários professores. Buda, Sócrates, Platão, Agostinho, Francisco de Assis e Gandhi seriam alguns de seus enviados a este planeta-escola. Apesar de alguns desses professores não terem deixado nada escrito sobre suas “aulas”, muito se escreveu e se escreve sobre eles e seus “conteúdos didáticos”, à semelhança do representante de Deus, segundo os espíritas, Jesus.

É interessante mencionar que, para o Espiritismo, assim como na escola comum, os alunos, da grande escola terrestre, além de aprenderem com os professores, também aprendem um com o outro. Contudo, o aprendizado depende, principalmente, do esforço do próprio aluno.

Embora preocupados essencialmente com a educação para a eternidade, alguns espíritas fundaram escolas de ensino básico aqui no Estado, Rio Grande do Sul (RS). Como é o caso de Francisco Valdomiro Lorenz, tcheco que se transferiu da região da Bohemia, no fim do século XIX, para o povoado de São Feliciano, atualmente Dom Feliciano. Lorenz trabalhava na lavoura e, como não havia escola na região, fundou o primeiro colégio da localidade (G1, 2015).

Francisco Lorenz teria escrito um dicionário polonês-português para que a comunidade de São Feliciano, que eram, em sua maioria, imigrantes poloneses, pudesse se comunicar com os brasileiros. Escreveu obras “sobre a cabala judaica, o hinduísmo, os povos do Antigo Egito e os costumes dos Maias, Astecas e Ameríndios. [Dos vários livros escritos], somente 10 deles podem ser encontrados hoje em dia” (G1, 2015, sem paginação).

Zêus Wantuil afirma que Lorenz “escreveu em jornais e revistas, e, em 1929, deu a público a importante obra – *‘Iniciação Lingüística’* [sic], que lhe grangeou [sic] grande autoridade a respeito de assuntos lingüísticos” (WANTUIL, 2002, p. 338).

Além de escrever obras sobre assuntos diversos, Lorenz era um esperantista reconhecido internacionalmente. Segundo Wantuil, a *Rádio-Roma* prestaria uma homenagem a Lorenz por ser ele o esperantista mais antigo ainda vivo. “A revista oficial da *Universala Esperanto-Asocio* publicou em seu número de Maio [de 1957], que Lorenz era esperantista desde 1887 [...]. Antes, porém, de ser irradiado o programa, já se havia transformado em homenagem póstuma” (WANTUIL, 2002, p. 339). Francisco Valdomiro Lorenz, *desencarnou*, como dizem os espíritas, em 24 de maio de 1957.

Na Serra Gaúcha, parte da história do Espiritismo familiar da região é apresentada no livro intitulado *Caravanas de Divulgação*, escrito por Rodrigo Cavalcanti de Azambuja. O autor explica, no final da obra, porque o livro recebeu essa denominação.

A Caravana de Divulgação foi uma iniciativa de diversos companheiros espíritas que percorreram os ‘Campos de Cima da Serra’, inicialmente a cavalo, fundando núcleos familiares e disseminando a leitura das obras espíritas. Na época, a Serra Gaúcha era

uma região tropeira, e as mulas representavam o meio de transporte e de carga tradicional. Quase tudo era transportado no lombo dos animais: alimentos, peças de vestuário e utensílios e com os livros e a Doutrina Espírita não foi diferente (AZAMBUJA, 2011, p. 246).

Os livros espíritas, assim como os alimentos, roupas e outros objetos importantes para a vida dos serranos na época, eram levados para diversas regiões dos Campos de Cima da Serra. Pessoas doentes, que não encontravam tratamento satisfatório na medicina tradicional, foram encaminhadas aos encontros espíritas realizados em casas de famílias simpatizantes ao Espiritismo, onde se estudava a doutrina espírita, em determinado dia da semana, e, algumas delas, curavam-se. Sentindo-se em débito pelas graças alcançadas, reuniam-se e formavam novos grupos familiares de estudo e prática da doutrina espírita (AZAMBUJA, 2011).

Dessa forma, as Caravanas foram deixando seus lastros por toda região e, algum tempo depois, “fundaram diversos hospitais, incontáveis grupos escolares e colégios, entidades assistenciais, clubes sociais, empresas, jornais etc” (AZAMBUJA, 2011, p. 21).

Algumas escolas funcionavam dentro da residência do professor ou da professora, como é o caso de Deotília Cardoso Lopes. Segundo Azambuja, alguns alunos de comunidades distantes estudavam e moravam com a professora. Deotília dedicou-se 42 anos ao magistério, lecionou Língua Portuguesa, Língua Francesa e Matemática e teria doado o terreno onde se construiu uma escola em Jaquirana (AZAMBUJA, 2011).

Em Bom Jesus, no início da década de 1950, não havia colégios suficientes para as crianças em idade escolar, então

o CE Amor de Jesus planejou e fez funcionar uma escola primária [...] com o único objetivo de contribuir para educação das crianças da localidade. O Centro Espírita entrou em entendimento com a Prefeitura Municipal e obteve dela os professores necessários custeados pelo município. Criou-se assim no dia 01/03/1950, no segundo piso da sede própria do CE Amor de Jesus, Escola Particular Eduardo Gans (AZAMBUJA, 2011, p. 159).

Havia, inicialmente, quatro professoras que lecionavam na Escola Particular Eduardo Gans, duas remuneradas pela prefeitura e duas pelo Centro Espírita. O colégio encerrou suas atividades em 1957 devido à escassez de recursos, visto que a prefeitura enviou suas professoras à Escola Nossa Senhora de Fátima, criada pela comunidade católica (AZAMBUJA, 2011, p. 159-160).

Nessas breves notas que se pretende comunicar o vínculo que o Espiritismo tem com a educação, faz-se necessário discorrer rapidamente sobre Virvi Christino Ramos, um dos fundadores da *Associação Cultural e Científica Nossa Senhora de Fátima* que, em 1957, ano

subsequente à fundação da *Associação Cultural e Científica*, fundou o Hospital Nossa Senhora de Fátima. Ele

cria a Escola de Auxiliares de Enfermagem em 1958 e funda a Faculdade de Direito em 1960. Além da Faculdade de Filosofia, também participa da articulação para instalação de curso de medicina na cidade, o que vai acontecer apenas em 1968, após a criação da Universidade de Caxias do Sul (VIRVI RAMOS, 2014-2021, sem paginação).

Todavia, antes do curso de medicina ser fundado na cidade, Ramos fez parte da comissão que construiria o Hospital Beneficente Marcílio Cardoso, em 1959, obra vinculada ao Centro Espírita Alunos do Bem, “que começou a funcionar em 1962 sob a supervisão médica de Virvi, que ficou no cargo até pelo menos 1966” (AZAMBUJA, 2011, p. 89).

Virvi Ramos também foi o primeiro reitor da Universidade de Caxias do Sul (UCS). “No dia 15 de fevereiro de 1967, em cerimônia realizada na Mitra Diocesana, ocorreu a instalação oficial da Universidade de Caxias do Sul [...]. O médico Virvi Ramos e o padre Sérgio Félix Leonardelli tomaram posse como reitor e vice-reitor, respectivamente.” (HÜBNER, 2014, p. 33).

Três entidades se responsabilizaram por manter os cursos disponíveis na época: os cursos de Direito e Medicina eram mantidos pela *Associação Cultural e Científica Nossa Senhora de Fátima*; os cursos de Filosofia, Ciências e Letras, Ciência Econômicas e Enfermagem eram mantidos pela Igreja Católica; o curso de Belas Artes, mantido pela prefeitura. Na comemoração dos 40 anos da Universidade de Caxias do Sul, o então reitor, Isidoro Zorzi relata: “Pela primeira vez, acredito eu, na história de Caxias, conseguiu-se juntar em 1967 a Igreja Católica e a representação da Doutrina Espírita para fundarem a UCS, junto com o poder público local” (AZAMBUJA, 2011, p. 90).

Além das pessoas mencionadas, houve outros espíritas que foram agentes do desenvolvimento social e cultural da região serrana. Um deles, reconhecido, primeiramente, pela divulgação do Espiritismo nos Campos de Cima da Serra, mais tarde seria reconhecido em todo o Estado e outras regiões do país, no *movimento espírita*. Francisco Spinelli, imigrante italiano, levou para outras localidades do Rio Grande do Sul e outros estados brasileiros as experiências que havia realizado nos lombos dos animais na Serra Gaúcha, com o intuito de unificar o Espiritismo, não somente divulgá-lo.

No entanto, nem só de Espiritismo vivia Spinelli. Ele participou de um grupo de teatro amador em Bom Jesus e apresentou, em 01 de abril de 1928, como um dos protagonistas a peça *A Pilla do Marinheiro*. No mês seguinte, o grupo encenou a peça *O Conto do Vigário*, escrita

por Spinelli e Arthur Ferreira Filho, que representava os costumes da região. Spinelli ainda teria participado de mais três peças: o *Dedo de Deus*, *A Filha do Saltimbanco* e *Deus lhe Pague*. Esta última teria interpretado e dirigido. Além de participação efetiva no teatro, Spinelli também foi proprietário de um cinema local e presidente de “Os Gelados”, primeiro bloco carnavalesco de Bom Jesus, fundado em 1926 (AZAMBUJA, 2011, p. 129-130).

Francisco Spinelli, em Vacaria,

foi colaborador do periódico *O Martello*, um semanário, com quatro páginas, de estilo literário e crítico fundado em 1912 (diretor: Eloy Teixeira). Mais tarde, instalou em Bom Jesus uma tipografia para suprir as necessidades da vila, editando então, por volta de 1923, o jornal *O Município* também chamado de Folha Republicana, um jornal de natureza política, no qual Francisco Spinelli era diretor gerente (AZAMBUJA, 2011, p. 131-132).

Depois de exercer várias profissões, Spinelli começa a trabalhar com advocacia. No ano de 1945, transfere-se para Porto Alegre, já como advogado experiente e bem-sucedido. Compra duas casas na rua Avaí, uma para sua residência e escritório e a outra doa para a FERGS. Integrou-se rapidamente ao *movimento espírita* da capital, colaborando com várias instituições. Tornou-se diretor da *Hora Espírita Radiofônica* e, em julho de 1949, já era diretor da revista *A Reencarnação*, principal órgão de divulgação do Espiritismo no Rio Grande do Sul (AZAMBUJA, 2011).

Engajado com trabalhos de disseminação da cultura, como teatro, cinema, palestras, torna-se “membro da Associação Riograndense de Imprensa, sob o número de ordem 322” (AZAMBUJA, 2011, p. 134). Idealiza, também, “um projeto que chamou de ‘Instituição Cultural Espírita’ que englobaria as atividades de gráfica e livraria” (AZAMBUJA, 2011, p. 135). Apesar de seus esforços para levar esse projeto adiante, somente a livraria vingou. A livraria da FERGS foi inaugurada em 18 de abril de 1954, em homenagem aos 97 anos do lançamento de *O livro dos Espíritos*. Propôs também a ideia: “Em cada Centro Espírita uma Livraria” (AZAMBUJA, 2011, p. 135). Concepção que é uma realidade nos Centros Espíritas, vinculados às federações espíritistas de todo o país.

Spinelli veio a falecer

um mês antes e não veria a recém fundada livraria da FERGS participar da primeira edição da Feira do Livro de Porto Alegre, que se realizou no período de 16 a 30 de novembro de 1955, ocupando uma das 14 barracas de madeira instaladas em torno do monumento ao General Osório, na Praça da Alfândega, evento do qual a Federação participou e ainda participa de todas as edições. A participação da FERGS nesta primeira Feira do Livro foi considerada um sucesso obtendo a venda de 1949 livros (AZAMBUJA, 2011, p. 135-136).

Por curiosidade, Chico Xavier foi o autor que mais vendeu, entre os autores espíritas, nessa primeira Feira do Livro de Porto Alegre. O livro mais vendido, entre os espíritas, foi o *Evangelho Segundo o Espiritismo* (AZAMBUJA, 2011).

Francisco Spinelli escreveu “vários artigos doutrinários [principalmente em *A Reencarnação*], tendo legado ao Espiritismo no Brasil trabalhos magníficos, quais *Normas e Instruções* [...] e *Serviço de Evangelização e Orientação Educacional das Gerações Novas (Curso Intensivo de Evangelizadores)*” (WANTUIL, 2002, p. 336, grifo original).

Com esse relato sobre o curso do Espiritismo da França até o Rio Grande do Sul, pode-se notar o vínculo que a doutrina dos Espíritos tem com a educação, com livros, periódicos, enfim, uma variedade de textos. Na França, Rivail escreve livros sobre a educação formal, semelhante aos seus antecessores (Pestalozzi, Rousseau e Comenius). Com o pseudônimo Allan Kardec, o pedagogo francês escreve livros e textos para a educação do Espírito. Vários personagens em todo Brasil divulgam o Espiritismo por meio de periódicos e livros, com intenção de educar o espírito dos que os leem. No Rio Grande do Sul, além de textos escritos para a divulgação do Espiritismo e para a educação do Espírito, a educação formal também movimentou personagens que operavam no meio espírita gaúcho.

Percebe-se, portanto, que a educação integral do ser é fundamental para tal doutrina. Mas sem o principal meio de acesso ao conhecimento, o livro, o texto em geral, não seria possível atingir uma educação de excelência, com a qual muitos idealizam. Então, foi por meio de seus livros e diversos escritos que a doutrina dos Espíritos se desenvolveu no Brasil, popularizando-se entre os leitores espíritas, simpatizantes e rivais, formando, assim, uma cultura religiosa. Essa cultura é reforçada no *movimento espírita* brasileiro com os estudos semanais nos Centros espíritas em todo país. Estudando há mais de seis anos no CEAB, constatei que esses encontros semanais, estabelecidos em torno de leituras e interpretações, podem ser considerados um rito na terceira revelação, conforme o Espiritismo se denomina.

2.4 ESPRITISMO: RITO E REVELAÇÃO

Ao ler a obra *Carnavais, malandros e heróis*, de Matta, percebi o destaque dado ao movimento, à peregrinação, em uma sociedade complexa. Então, constatei uma possível analogia dessa movimentação com algumas atividades na Casa espírita. Nessa obra, o antropólogo brasileiro comenta que seria necessário “descobrir o ponto de *origem* de alguns deslocamentos sociais” (MATTA, 1997, p. 104-105, grifo original). E continua seu raciocínio

afirmando que essa movimentação se dá permanentemente “pelo ritmo de dialética da casa e do trabalho” (MATTA, 1997, p. 105).

Assim, para Matta (1997), os pontos de origem podem ser a casa ou o trabalho, dependendo da perspectiva dos que se deslocam na sociedade. O autor assevera que consideramos o instante da chegada ou da saída, e que a transição de um lugar para outro não é significativa, visto que “a dialética é a dos polos opostos e em franca comparação, competição ou reciprocidade, pois quando estamos no trabalho sonhamos com a nossa casa, [...]; ao passo que, em casa, falamos do trabalho e, muitas vezes, esperamos ansiosamente por ele” (MATTA, 1997, p. 105). Adiante, o etnógrafo relaciona alguns objetivos dessa peregrinação cotidiana: “o trabalho, a compra, o negócio, o estudo” (MATTA, 1997, p. 105).

Roberto Da Matta comenta sobre a casa, o trabalho e o interstício entre ambos porque faz analogias com a marcha de Sete de Setembro, a Procissão da Igreja e o Carnaval. Ele correlaciona esses três rituais brasileiros com a peregrinação entre casa e trabalho, ou vice-versa. O antropólogo observa ainda que se na “vida real” não nos conscientizamos sobre a transição entre o ponto de origem e de chegada, “no mundo ritual, ou melhor, no mundo deslocado do rito e da consciência, ocorre uma diferença fundamental: *é a marcha que se torna importante*” (MATTA, 1997, p. 105, grifo original). Por minha vez, percebo alguma semelhança entre essas analogias com algumas movimentações dentro da Casa espírita.

Os Centros espíritas no Brasil também são chamados de Casas espíritas. *Casa* porque algumas pessoas se sentem mais acolhidas, se encontram mais à vontade que em outros Centros espíritas. Alguns colegas de estudos afirmam: “A minha Casa é o Alunos do Bem.” Temos aqui, talvez, um ponto de origem para o deslocamento social, dentro do Centro espírita, pois na Casa há o estudo, o trabalho, a compra e, entre outros alvos do caminhar cotidiano, o negócio.

O *estudo* verifica-se uma vez por semana, com um ou dois facilitadores, com determinado livro, de acordo com o tempo de estudo e a Casa espírita. No CEAB também há palestras diárias, à tarde e à noite, de segunda a sábado. Além disso, existem os seminários, os encontros estaduais, municipais, cursos para facilitadores, palestrantes, passistas, entre outros. Com a pandemia da Covid-19, esses encontros foram realizados virtualmente.

O *trabalho*, dentro dos Centros espíritas, é voluntário. Os frequentadores da Casa, geralmente os que fazem parte de grupos de estudo, podem realizar alguma atividade, de acordo com as suas habilidades, por exemplo: aplicar passes, ser facilitador de um ou mais grupo de estudos, ser palestrante, ajudar a organizar e a distribuir as doações de alimentos e roupas, participar de grupos mediúnicos de *desobsessão*, organizar as filas para os passes. Alguns

desses trabalhos, que não puderam ser realizados de modo virtual, foram suspensos devido à pandemia.

A *compra* efetua-se na biblioteca/livraria. Os alunos compram os livros de estudo, as obras de Allan Kardec, de Chico Xavier, de Divaldo Franco. Além dos livros, os estudantes e frequentadores podem comprar garrafas de água, no CEAB. As pessoas que não estudam podem comprar o que os alunos compram e associarem-se à biblioteca, pagando, no mínimo, R\$ 5,00 mensais, para, dessa maneira, habilitarem-se a tomar emprestado alguns livros, revistas, filmes.

Essas compras também podem figurar como negócio, pois o Centro espírita precisa se manter, pagar as suas despesas. Por isso, pede-se uma contribuição espontânea aos alunos da Casa, a partir do segundo ano de estudos. Se o aluno quiser contribuir, imprime-se um bloquinho de papel, no qual está a logomarca do Centro espírita e o nome do contribuinte; logo abaixo, está escrito *carnê de contribuição mensal de sócio*. Ao abrir o carnê, encontra-se digitado o nome e o número do sócio contribuinte, a data de cadastro, o mês da contribuição. Isso em duas vias, uma delas será destacada para o controle da Casa. O valor da contribuição é escrito à caneta, no ato do pagamento, pois é o contribuinte que decide o valor com que vai colaborar, que deve ser, minimamente, de R\$ 5,00. Esse pagamento lhe dá direito aos materiais disponíveis na biblioteca para empréstimo.

Há também alguns eventos que se realizam, geralmente gastronômicos, como cafés coloniais, almoços, às vezes de culinária típica da região. Esses eventos são organizados em outros lugares, pois a Casa não comportaria o número de participantes para esse fim. Ocasionalmente, são organizados bazares com roupas com preços simbólicos.

Na minha analogia, percebo que o Centro espírita é o ponto de origem, a Casa, e os alvos específicos da jornada – o estudo, o trabalho, a compra e o negócio – estão no mesmo local. Se houver um trânsito, este se faz de uma sala para outra, de um andar para outro. Não existe grandes deslocamentos de espaço e, conseqüentemente, de tempo. No entanto, penso que há um outro tipo de deslocamento, principalmente entre os alvos *estudo* e *trabalho*. Essa mudança de lugar é chamada por Van Genneep (1978) de *separação*, a primeira fase de três, segundo o autor, para os ritos de transição. Antes de iniciar as observações sobre o *estudo espírita* como ritual, considerarei as definições deste vocábulo por alguns estudiosos do assunto.

Cavalcanti, em *O mundo invisível*, considera o *estudo* e o *trabalho* – este é identificado em seu livro por caridade – como dois rituais dentro do sistema de crenças do Espiritismo à brasileira. No *movimento espírita*, afirma-se, com certa frequência, que no Espiritismo não há rituais. Penso que essa imagem do rito, no *movimento espírita*, dá-se pelo motivo de que o ritual

se opunha ao racional, os rituais eram atribuídos ao campo do religioso, do mágico e do místico, inclusive pela Antropologia Social, durante algum tempo (CAVALCANTI, 2008).

A concepção de *ritual* se modificou, passou a ser observada como linguagem e comportamento simbólicos, não mais como mística (CAVALCANTI, 2008). Radcliffe-Brown (1973) considera o ato ritual como material expressivo ou simbólico, distinguindo-o do técnico. Leach (1972) divide as ações humanas em aspecto técnico e estético, este diz algo, aquele faz. Semelhante à proposta de Radcliffe-Brown, o ritual, na perspectiva de Leach, estaria, então, no aspecto estético, o que expressa alguma coisa (LEACH, 1972). Geertz afirma que as ideias e as emoções são artefatos culturais e explica que

as espécies de símbolos culturais que servem aos lados intelectual e afetivo da mentalidade humana tendem a diferir - de um lado, uma linguagem discursiva, rotinas experimentais, matemática e assim por diante; de outro, mitos, rituais e arte. Mas esse contraste não deve ser traçado de modo muito acentuado: a matemática tem seus usos afetivos, a poesia é intelectual e a diferença, em qualquer caso, é apenas funcional, não substancial (GEERTZ, 2015, p. 59).

Dessa forma, percebe-se que a concepção de ritual se ampliou consideravelmente, conforme os teóricos citados. Assim, considero, como Cavalcanti, o *estudo*, no *movimento espírita*, um ritual, dentro dos seus sistemas de rituais. Então, retorno à *separação*, elaborada por Van Gennep (1978) e explicada por Victor Turner (2005), para fazer uma breve e genérica interpretação sobre esse ritual, que será analisado mais detidamente no capítulo 5.

Pensando no Centro espírita como Casa, então o espírita adentra à sua Casa, como mencionado anteriormente, o Centro espírita onde ele se sente mais acolhido, mais à vontade, com mais amizades, onde encontra a *família espiritual*, cumprimenta alguns colegas ou ex-colegas de *trabalho* ou de *estudo*, conversa por algum tempo e vai para o local de *trabalho* ou *estudo*. Contudo, ele pode passar antes na biblioteca, que está próxima à porta de entrada da Casa, local de *compras* ou *negócios* e, em seguida, ir para o lugar de seu compromisso do dia.

Chegando à sala de *estudos*, o aluno – no CEAB todos os estudantes são Alunos do Bem, conforme o nome do Centro espírita – organiza a sala, colocando as cadeiras ao redor da mesa, abrindo ou fechando as janelas, dependendo da temperatura do momento, colocando água na jarra, que permanece em cima da mesa. Se houver outros estudantes, cumprimenta os colegas e conversa sobre os mais variados assuntos, de futebol à vida em outros planetas. Quando chega o horário para o início da aula, às 19h30min, o facilitador geralmente pede para que o grupo se “organize” para dar início ao estudo da noite. Logo, o facilitador solicita para alguém fazer a prece inicial.

A prece inicial é o momento de *separação*, a primeira fase do rito, segundo Van Gennep (1978). Victor Turner explica que essa fase “compreende o comportamento simbólico que se refere ao afastamento do indivíduo, ou do grupo, seja de um ponto fixo anterior, na estrutura social, ou de um conjunto de condições culturais (um ‘estado’)” (TURNER, 2005, p. 138). A prece transporta o grupo de estudantes de um estado mental anterior para outro posterior, poderíamos dizer do *profano* para o *sagrado*, preparando-os para o período de aprendizado, separando-os da vida pragmática do cotidiano para momentos de instrução por meio da leitura e dos comentários de livros fundamentados nos ensinamentos do *mundo espiritual*. Entendo, então, o *sagrado* e o *profano* como opostos, conforme Eliade (2010). O *sagrado* se manifesta na experiência religiosa, enquanto o *profano* se apresenta na experiência do “nosso mundo ‘natural’” (ELIADE, 2010, p. 17). Considero, dessa forma, que os membros do grupo pesquisado experimentam o *sagrado* durante o encontro semanal de estudos das quartas-feiras à noite.

Durante a prece, todos devem se manter em silêncio – com exceção de um orador – com os olhos fechados, sentados de modo a se sentirem o mais confortável possível, com as mãos sobre as pernas (alguns preferem as palmas das mãos voltadas para cima, pois, acreditam que, assim, as *energias do plano espiritual* seriam assimiladas de forma mais efetiva) e concentrarem-se nas palavras proferidas para entrar em sintonia com a *espiritualidade superior*. A prece inicial é, geralmente, curta, com tempo estimado em torno de um minuto.

Nesse ínterim, acontece a *separação*. Antes da prece, todos estavam conversando, sorrindo ou não, dependendo do assunto, gesticulando, ouvindo, contando anedotas, situações do dia ou da semana, enfim, relembando a vida cotidiana, que, de certa forma, é vivenciá-la novamente. Alguns querem relatar algo relevante que aconteceu durante a semana, outros comentam sobre parentes, doenças, afinidades com os familiares, padrões e colegas de trabalho, outros ouvem e, algumas vezes, também falam. É uma espécie de resumo do que aconteceu do último encontro semanal, o *estudo*, até aquele momento, antes da oração.

Por isso, considero a prece como a *separação*, visto que a partir dela se inicia um novo momento da semana, o *estudo*. Depois desse momento no *estudo*, os *alunos do bem* ficam à *margem* ou na liminaridade, segundo a nomenclatura utilizada por Van Gennep (1978). Turner explica que “durante o período liminar, interveniente, o estado do sujeito ritual (o ‘passageiro’) é ambíguo; ele percorre um reino que tem poucos ou nenhum dos atributos dos estados passado ou vindouro” (TURNER, 2005, p. 138). Penso que a *margem* é o período subsequente à prece. Esse momento se inicia, frequentemente, com o facilitador pedindo para alguém ler o *Evangelho segundo o Espiritismo*, que, geralmente, é aberto ao acaso. Depois dessa leitura,

haverá um tempo, de dez a quinze minutos, para os comentários, que todos os participantes da reunião podem apresentar, segundo à sua interpretação do texto lido.

Os alunos permanecem numa situação ambígua desde a escolha do leitor pelo facilitador ou pela inscrição do próprio leitor, visto que ler em voz alta para um público não é uma atividade fácil para todas as pessoas. Considero, também, que o vocabulário do livro não é tão simples, pois a obra foi lançada originalmente em 1864 e a tradução que eu tenho, por exemplo, é de 1944. Então, para alguns, a linguagem utilizada no livro mostra-se complexa.

Dessa forma, com o leitor designado, todos permanecem num estado hesitante, pois ainda não se sabe o texto a ser lido. Depois de abrir o livro, o leitor menciona o título do trecho que irá ler. Nesse momento, o estado de hesitação de alguns alunos diminui, pois, como já estudamos há mais de seis anos juntos, alguns trechos do livro já nos é familiar. Contudo, se ele pode ser diminuído durante a leitura para alguns, esse estado pode ser alterado para todos, provavelmente o será, durante os comentários, visto que a interpretação que os colegas fazem estão sempre vinculadas às suas vivências e aos seus horizontes de expectativas e, por isso, naturalmente, pontos de vistas distintos emergem das análises dos alunos.

Depois do tempo estipulado dessa fase ritual, a liminar, entra-se na seguinte, a *agregação*, na qual os indivíduos “estão numa condição estável, em virtude da qual tem direitos e obrigações de um tipo ‘estrutural’ claramente definido, e dele se espera um comportamento de acordo com certas normas costumeiras e certos padrões éticos” (TURNER, 2005, p. 138). Nos estudos presenciais, antes da pandemia, após a leitura do ESE e os comentários realizados pelos membros do grupo de estudos, estudávamos os livros EADE, editados pela FEB, conforme a apresentação no subcapítulo 3.3. Como essa obra segue uma ordem de conteúdo, geralmente estudávamos um roteiro por semana. Desse modo, sabíamos qual texto analisaríamos na semana seguinte, então poderíamos lê-lo antecipadamente. Na verdade, o ideal seria estudá-lo para trazer as contribuições e as dúvidas para a aula seguinte, o que seria um compromisso básico dos alunos e do(s) facilitador(es).

Porém, muitas vezes, nós, os alunos, não fazíamos a nossa parte da obrigação de estudar em casa e estudávamos somente na Casa espírita, com o facilitador, que cumpria o seu compromisso, pois, ao que parece, estudava antecipadamente para explicar de forma adequada, na maioria das vezes, o assunto proposto pelo livro, o que é um direito do estudante. Embora nem sempre haja equidade nessa relação referente às obrigações de estudo, os alunos agiam, geralmente, em conformidade com as normas e os padrões éticos estabelecidos para os grupos de estudos.

Apresentadas as três fases do rito de passagem propostas por Van Gennep (1978), a *separação*, a *margin* e a *agregação*, permito-me, de acordo com as observações feitas por mais de um ano no grupo pesquisado, afirmar que ao final do rito de *estudo*, no Centro espírita, há uma outra *separação*, também veiculada pela prece, agora a prece final da reunião de estudos. Essa separação conduziria o espírito dos atores envolvidos no rito do *sagrado* para o *profano*. Depois de estudar os conteúdos que os livros espíritas oferecem, os *alunos do bem* estariam preparados para mais uma semana em contato com as vicissitudes do cotidiano, como no *shabat* para os judeus, na missa para os católicos, ou no culto para os protestantes.

Aproveitando a menção dos rituais semanais dos judeus, católicos e protestantes, apresento uma crença espírita na qual o Espiritismo seria a terceira revelação, o Consolador prometido por Jesus, segundo o evangelho de João (14:16). A primeira revelação seria o Judaísmo, e a segunda, o Cristianismo. Com o livro *O evangelho segundo o Espiritismo*, percebe-se a conexão que a doutrina dos Espíritos tem em relação ao Cristianismo. Essa aproximação, com a doutrina do Cristo, encontra-se, também, mencionada na questão 625, de *O livro dos Espíritos*, cuja resposta afirma ser Jesus o modelo e o guia para a humanidade.

Em relação ao judaísmo, há algumas analogias do vocabulário espírita ao do judeu. Existe o *pentateuco* espírita, os cinco livros basilares da doutrina, escritos por Kardec, assim como a *Torah*, cinco livros atribuídos a Moisés, que são os livros que fundamentam a fé israelita. Os dez livros são oferecidos aos dois escritores por uma força superior: para Moisés é Deus, para Kardec, os Espíritos superiores.

Kardec escreveu outras obras além dessas basilares, contudo, assim como Moisés teve os seus continuadores, que escreveram obras complementares que integram a literatura das duas revelações. Alguns livros complementares do judaísmo são a *Mishná*, o *Talmude*, o *Zohar*. No Espiritismo, há outros livros do próprio Kardec, de outros franceses e de outras nacionalidades, incluindo muitos brasileiros, conforme está registrado nesta tese.

Entretanto, alguns palestrantes espíritas chamam a atenção para a possível relação aos temas propostos no Espiritismo e na Cabala judaica, que tem no *Zohar* a sua fundamentação. Nos livros cabalísticos, segundo esses divulgadores da doutrina espírita, encontram-se textos sobre a *reencarnação*, a *lei de ação e reação*, a sobrevivência da alma após a morte do corpo, a comunicabilidade entre o plano espiritual e os encarnados. O *Zohar* tem autoria atribuída ao Rabi Shimon Bar-Yohai, que teria vivido no século II da era comum. O autor teria condensado nesse livro 3000 anos da sabedoria “espiritual que os cabalistas haviam acumulado” (LAITMAN, 2012, p. 9). Segundo Laitman, na introdução do *Zohar* está escrito “que a sabedoria da Cabalá começaria sua disseminação a partir do ano de 1840” (LAITMAN, 2012,

p. 15), o que, para a interpretação de alguns espíritas, pode se referir aos fenômenos de Rydesville, das irmãs Fox, que se iniciaram em 1848. As irmãs Kate e Margareth Fox teriam feito comunicações com um espírito que havia sido assassinado e enterrado na adega da casa na qual a família Fox estava morando há alguns meses.

Arthur Conan Doyle, em *A História do Espiritualismo*, informa que “Os espiritualistas têm por hábito considerar o dia 31 de março de 1848 como o ponto de partida de todos os fenômenos psíquicos” (DOYLE, 2013, p. 5670). Nessa data, segundo a obra de Doyle, aconteceram duas manifestações espirituais que dariam início ao movimento espiritualista: o caso das irmãs Fox e de Andrew Jackson Davis. A. J. Davis teria anotado, em seu diário, que ao alvorecer dessa data, “uma brisa morna roçou-me a face e ouvi uma voz, suave e forte, dizendo: ‘Irmão, o bom trabalho começou. Contempla a manifestação viva que surge’. Fiquei pensando o que queria dizer semelhante mensagem” (DOYLE, 2013, p. 6320). Então, essas histórias permeiam o *movimento espírita* veiculadas pela escrita e pela oralidade, formando, assim, no consciente coletivo espiritista, que a sua crença estaria fundamentada em raízes cristãs e judaicas.

Pensando nessas raízes, observemos o *shabat* judaico, composto de alguns ritos que, também, são celebrados semanalmente, como a missa e o *estudo espírita*. Segundo a Confederação Israelita do Brasil (CONIB), “em hebraico, a etimologia da palavra Shabat está relacionada com o verbo shvat, que significa ‘cessar’. Apesar de ser traduzida universalmente como descanso, uma tradução mais literal seria ‘cessação’, no sentido de parar o trabalho” (CONIB, 2021, sem paginação). O *estudo espírita*, no CEAB, oportuniza aos seus agentes uma pausa, uma cessação do cotidiano. Eles entram nesse rito, passam pelos momentos de *separação*, *liminaridade*, *agregação* e, novamente, *separação*, para poderem, dessa forma, vivenciar o que foi aprendido até o próximo dia ritual.

Dessa forma, estabeleço, para esta pesquisa (n)etnográfica, que os estudos espíritas observados por mim no ano de 2020, vinculados ao Centro Espírita Alunos do Bem, de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, são um rito de passagem, no qual os integrantes do grupo oram, leem e interpretam textos da literatura espírita (terceira revelação) e outros, conforme a (n)etnografia construída e registrada no capítulo 5 desta tese.

Para fundamentar como se processa a recepção da literatura estudada no grupo pesquisado, ou seja, como os integrantes desse grupo de estudos lidam com os textos e as análises que decorrem das leituras, utilizo a teoria Estética da recepção, de acordo com o que está apresentado no próximo capítulo.

3 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E A LITERATURA ESPÍRITA BRASILEIRA

3.1 O PAPEL DO LEITOR NA INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

A obra não é produto fixo, unívoco ante
qualquer público; nem este é passivo,
homogêneo, registrando uniformemente o
seu efeito.
(CANDIDO, 2006, p. 83)

Em meados do século XX, a comunidade universitária amplia-se e, o que antes era para poucos e abastados, agora começa a ter novas demandas de outros grupos sociais. Com o “aumento do nível de vida, as classes médias, os funcionários, os trabalhadores de serviços e mesmo, embora em menor escala, os operários qualificados, começavam a procurar [a universidade] como meio de promoção social” (MANDEL, 1979, p. 42).

Contudo, ainda, nessa época, a quantidade de universitários vindos de classes sociais proletárias era minoria. A maior parte tratava-se de descendentes de famílias abonadas, burgueses e, até mesmo, “das camadas trabalhadoras mais favorecidas.” (BITTAR; BITTAR, 2014, p. 147)

Nos anos de 1960, os estudantes universitários, percebendo as diferenças sociais dentro da universidade, os currículos incompatíveis com as novas exigências dessa comunidade que se estabelecia no ambiente estudantil e, entre outros elementos, a inadequação do espaço físico que a academia dispunha, iniciam suas reivindicações, o que culminaria nos movimentos estudantis que se disseminaram pela Europa e alguns países da América.

Nesse contexto universitário ocidental, o professor alemão Hans Robert Jauss da Universidade de Constança, em consonância com a insatisfação curricular que a academia assinalava para a Teoria Literária, apresenta, em 1967, em uma conferência de abertura do semestre letivo, as sete teses para uma nova História da Literatura, que fundamentariam a Estética da Recepção.

Ex-aluno de Hans Georg Gadamer, Jauss identifica nos ensinamentos de seu professor um norte, possivelmente o mais importante, a ser seguido. Com o lançamento da obra *Verdade e método*, em 1961, Gadamer

procura infundir nova direção à Hermenêutica, ao atribuir-lhe o papel de intérprete da História. Retomando conceitos da Fenomenologia, como o de expectativa, resgatando as noções de prejuízo e tradição, e elaborando sua

própria terminologia, como a concepção de ‘consciência da história dos efeitos’ (Wirkungsgeschichtebewusstsein) [sic], Gadamer ofereceu ao pensamento alemão a possibilidade de uma reflexão filosófica que, prosseguindo as investigações de F. Schleiermacher e W. Dilthey, no século XIX, e de M. Heidegger, no século XX, renovava o estatuto da Hermenêutica e possibilitava a (re)visão da História sem ter de percorrer a trilha, talvez já por demais batida, do Marxismo (ZILBERMAN, 2015, p. 19).

Em conformidade com o pensamento de Gadamer, Jauss propõe uma (re)visão da História da Literatura. Até então, o autor e o texto eram os temas centrais para a maioria das teorias literárias em vigência. Com Hans Robert Jauss, a história da literatura ganha amplitude, visto que os leitores iriam estabelecer, com suas interpretações o novo *modus operandi* da História da Literatura.

Com a fundamentação da nova teoria delineada por Jauss, outros intelectuais percebem que a Estética da Recepção poderia contribuir com maneiras diferentes de pensar a História da Literatura. Hans Ulrich Gumbrecht, que foi professor assistente em Constança e, atualmente, é professor de literatura na Universidade de Stanford, Califórnia, certifica que, além da Estética da Recepção conceber o leitor como objeto da ciência da literatura, o que o *New Criticism* já havia deliberado, sua principal contribuição seria

ter ela abandonado a classificação da quantidade das exegeses possíveis e historicamente realizadas sobre um texto, em muitas interpretações ‘falsas’ e uma ‘Correta’. Seu interesse cognitivo se desloca da tentativa de constituir uma significação procedente para o esforço de compreender a diferença das diversas exegeses de um texto (GUMBRECHT, 1979, p. 191).

Com a Estética da Recepção não há leitores ideais. Todos os leitores são importantes para a nova teoria, pois, para conceber uma teoria que abarcasse a história literária, que tivesse no leitor o seu interesse fundamental, seria necessária a inclusão dos leitores comuns. Conforme Soares (2005), para a Estética da Recepção, todos os leitores são imprescindíveis, inclusive “o leitor vulgar que não sabe o que é interpretar, nem sente essa necessidade. Sem esse público não é possível compreender no essencial a história dos gêneros literários, a boa e má literatura, a persistência e o declínio de certos modelos ou paradigmas” (SOARES, 2005, p. 130).

Gumbrecht afirma que entre todos os leitores que vão construir novos e distintos sentidos para os textos, o primeiro leitor a elaborar significados para determinada obra é seu próprio autor. Ele inicia o processo de construção da história da literatura referente à sua própria composição artística, pois apresenta o primeiro de uma série de sentidos em conformidade com o seu horizonte de expectativas (GUMBRECHT, 1979).

O mesmo teórico estabelece que as construções de sentidos dos autores e várias possibilidades interpretativas de seus leitores são, naturalmente, diferentes. Porém, ele acrescenta que as produções de sentidos dos autores e leitores se vinculam,

por meio da possibilidade de serem descritas como ações e, de modo mais preciso, como *ações reciprocamente relacionadas*. Infere-se daí uma *primeira (e provisória) determinação* do campo da ciência da literatura da estética da recepção: quem deseja apreender as condições de diferentes constituições do sentido sobre um texto deve pesquisar as *interações entre um autor e seus leitores, pois a ação social do autor é tanto condição para a compreensão do texto pelo leitor, como a ação social, provável dos leitores, age como premissa para a produção textual do autor* (GUMBRECHT, 1979, p. 191-192, grifo original).

Então, para Gumbrecht (1979), o processo de interação entre autor e leitor configura uma deliberação que pode colaborar na compreensão das diferentes construções de sentidos, pois as ações sociais de ambos, autor e leitor, servem como proposições tanto na produção textual como na compreensão dos agentes da leitura.

Wolfgang Iser também contribui para o estabelecimento da Estética da Recepção. Professor de Inglês e de Literatura Comparada da Universidade de Constança, ele, ao lado de Jauss, é o maior divulgador da Teoria da Recepção. Falecido em 2007, Iser deixou algumas obras sobre a Estética da Recepção. Em português, há traduções de quatro livros seus, mas somente dois deles trazem relação direta com o conteúdo da Teoria da Recepção: *O ato da leitura*, em dois volumes, e *A literatura e o leitor*, obra que oferece alguns textos de intelectuais apresentando suas contribuições para a Estética da Recepção.

Em “A interação do texto com o leitor”, título de sua contribuição textual para o livro *A literatura e o leitor*, Iser anuncia que não se pode “perceber sem pressupostos, não tem sentido falar-se da recepção recebida como uma pura percepção” (ISER, 1979, p. 87). Em seguida, acrescenta que a interação entre o texto e o leitor não é espontânea, não acontece naturalmente, mas é o efeito de um movimento analítico, “de que se origina uma imagem do outro, que é, simultaneamente, uma imagem de mim mesmo” (ISER, 1979, p. 87).

O leitor, dessa maneira, aproxima-se do texto com todas as suas experiências intelectuais, emocionais e sociais, que o auxiliarão a interpretar o seu interlocutor, o texto. Entende-se, pelo que já foi exposto anteriormente, segundo os teóricos da Estética da Recepção, que não importa o patamar de seu conhecimento literário, ou qualquer outra competência cognitiva, o leitor comunicar-se-á com o texto, produzindo sentido a seu modo. E isso diferencia a Teoria da Recepção das outras teorias que têm a literatura como objeto de seus estudos. O

valor da obra, para a história da literatura que a Estética da Recepção propõe, é medido pelas múltiplas interpretações que os diversos leitores, em épocas distintas, atribuem a ela.

Iser assevera que a relação entre texto e leitor não sucede como numa relação diádica, entre duas pessoas. Para ele, faltaria, do texto, a resposta imediata que numa interação diádica aconteceria. Acrescenta ainda que os interlocutores, num diálogo, face a face, questionam-se, “mutuamente [...], de forma a saber se controlam a contingência ou se suas imagens da situação transpõem a inapreensibilidade da experiência alheia. O leitor contudo nunca retirará do texto a certeza explícita de que a sua compreensão é a justa.” (ISER, 1979, p. 87)

Sócrates havia dito algo semelhante em um diálogo com Fedro:

O uso da escrita, Fedro, tem um inconveniente que se assemelha à pintura. Também as figuras pintadas têm a atitude de pessoas vivas, mas se alguém as interrogar conservar-se-ão gravemente caladas. O mesmo sucede com os discursos. Falam das coisas como se as conhecessem, mas quando alguém quer informar-se sobre qualquer ponto do assunto exposto, eles se limitam a repetir sempre a mesma coisa. Uma vez escrito, um discurso sai a vagar por toda parte, não só entre os conhecedores mas também entre os que o não entendem, e nunca se pode dizer para quem serve e para quem não serve. Quando é desprezado ou injustamente censurado, necessita de auxílio do pai, pois não é capaz de defender-se nem de se proteger por si (PLATÃO, 1996, p. 179).

O inconveniente do texto escrito para Sócrates é também uma parte que interessa à Teoria da Recepção. Os que não entendem o conteúdo do discurso, escrito ou não, segundo Sócrates, são fundamentais para a História da Literatura, que tem como foco o leitor. Possivelmente, Sócrates não estivesse falando sobre textos literários, enquanto a Estética da Recepção estuda somente o texto ficcional, porém, penso que a reflexão é válida, visto que não somente os textos fictícios encontram divergências nas interpretações produzidas por seus interlocutores. O registro de Platão, sobre o diálogo entre Sócrates e Fedro, menciona que nos discursos podem haver produções de sentidos diferentes, quando ele diz a Fedro que há os conhecedores e os que não entendem. Ainda mais, ele relata que os próprios discursistas não conhecem o conteúdo da mensagem como, a seu ver, deveriam. Isso corrobora a afirmação de Gumbrecht, que considera o autor “como o primeiro [a dar sentido ao seu próprio texto] de uma série de constituições do sentido [atribuídas à sua obra]” (GUMBRECHT, 1979, p. 191).

Para Sócrates há oradores/ouvintes e escritores/leitores ideais dos/para os quais as mensagens/obras escritas foram faladas/redigidas como deveriam e recebidas adequadamente pelos ouvintes/leitores. Seria desperdício para o filósofo uma palestra mal falada ou interpretada inadequadamente, um texto mal escrito ou mal interpretado. Para a Teoria da Recepção, isso é

parte inerente e fundamental para uma história da literatura com foco no leitor, uma vez que o próprio autor é o primeiro leitor da obra.

Iser sustenta que o leitor jamais saberá, realmente, se a sua interpretação é a ideal. (ISER, 1979) Tendo em vista esse pensamento, faz-se a seguinte pergunta: numa relação diádica, é possível que haja plena convicção de que o interlocutor compreenda o que foi expresso de forma justa? Há uma resposta para essa questão, mas como esse texto de Iser (1979) se direciona para a ficção, gênero investigado pela teoria literária adotada para esta tese, penso ser mais adequado considerar o assunto com mais vagar, deixando-o para outro momento, que pode ser no capítulo em que se apresentará a (n)etnografia do grupo de estudos pesquisado ou nas considerações finais desta tese. Contudo, considero oportuna a elucubração sobre o questionamento, neste momento, pois se trata de interpretações que se assemelham à interação texto/leitor.

Karlheinz Stierle, professor da Universidade de Constança até sua aposentadoria, em 2004, também contribui para o estabelecimento da Estética da Recepção. No livro *A literatura e o leitor*, expõe algumas ideias sobre a Teoria da Recepção com o texto “Que significa a recepção dos textos ficcionais?”. Stierle assevera, nessa publicação, algo que evoca o que foi apresentado sobre as reflexões de Sócrates e Iser, nos parágrafos anteriores. O teórico afirma que “os passos recepcionais mais complexos, exigidos pelo texto ficcional, só são apreensíveis sobre o fundo da recepção dos textos pragmáticos” (STIERLE, 1979, p. 137).

Com essa declaração, o autor anuncia a conexão que existe entre os textos ficcionais e os pragmáticos, relacionando-os à recepção. Embora, nessa afirmação, somente seja destacada a dependência que o texto ficcional tem da linguagem objetiva nas fases mais difíceis na interação texto/leitor, imagina-se que em situações menos complexas os textos pragmáticos também auxiliem na compreensão e, sem eles, o texto ficcional, na sua interação com o leitor, dificilmente produziria sentido, a depender do receptor. Porém, o que se quer destacar com a afirmação de Stierle é a contrapartida de sua declaração, ou seja, o texto pragmático, às vezes, necessita do texto ficcional para que se torne mais facilmente apreensível. Um exemplo para essa declaração se dá com as parábolas e toda a sorte de linguagem figurada aplicada de forma fictícia. Elas são utilizadas, geralmente, para facilitar a compreensão de textos pragmáticos, sejam eles falados ou escritos. Ainda mais, a linguagem pragmática é permeada, constantemente, pela linguagem figurada, fictícia ou não.

Os dois livros que seriam utilizados pelo grupo de estudos pesquisado – EADE I *Cristianismo e Espiritismo* (2019) e EADE II *Ensinos e parábolas de Jesus*, parte 1 (2020) – aplicam a linguagem figurada para explicar linguagem pragmática de alguns textos, e também

utilizam-se da linguagem pragmática para explicar a figurada em outros textos. Esses recursos linguísticos acontecem principalmente no livro EADE II *Ensinos e parábolas de Jesus*, parte 1, pois os textos explorados já são, originalmente, fictícios. As explicações e comentários muitas vezes se utilizam dos dois recursos linguísticos para que o texto se torne mais acessível à compreensão do leitor. Esses recursos também são utilizados, pelos mesmos motivos dos livros que seriam estudados, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, livro, principal, que passou a ser lido, interpretado e comentado nos encontros *on-line*, do grupo de estudos pesquisado, depois do isolamento social, devido à pandemia.

Mais adiante, Stierle faz considerações sobre a relação entre textos ficcionais e a realidade.

A marca básica do texto ficcional é, não obstante todas as referências à realidade, o seu caráter de colocação (*Setzung*). Sob este pressuposto, a relação do texto com a realidade não é uma simples função de uma realidade a ser retratada, mas sim de uma poética da ficção, que pode ser ora mais, ora menos relacionada com a realidade e com a experiência coletiva da realidade. A ficção não se deixa corrigir por meio de um conhecimento minucioso da materialidade dos fatos a que se refere. Ao passo que os textos assertivos podem ser corrigidos pela realidade, os textos ficcionais são, no sentido próprio, textos de ficção apenas quando se possa contar com a possibilidade de um desvio do dado, desvio na verdade não sujeito a correção, mas apenas interpretável ou criticável (STIERLE, 1979, p. 146-147).

Então, por se tratar de ficção, o texto literário pode e deve ser esquivo ao que se considera realidade, contrariamente aos textos assertivos. Isso é uma característica que distingue os dois gêneros textuais. Enquanto o texto pragmático pode ser revisado se não for verídico, o texto ficcional está imune, de certa maneira, do peso dos fatos reais, assim considerados por seus leitores.

Com a apresentação de alguns teóricos da Estética da Recepção, pretendo mostrar que a Teoria da Recepção propõe uma história da literatura mais abrangente, indo além das propostas até então veiculadas pelas teorias correntes, que atribuíam ao autor e à obra os papéis principais da História da Literatura. O leitor deve, portanto, deixar de ser considerado coadjuvante para estar entre os protagonistas da História da Literatura. Somente com o leitor entre os personagens principais da vida histórica da obra literária, faz-se possível recuperar a historicidade da Literatura.

Hans Robert Jauss, precursor dos teóricos mencionados anteriormente, referindo-se à Estética da Recepção, estabelece as suas teses na aula inaugural de 13 de abril de 1967, quando a Universidade Constança completava um ano de atividades. Tal aula seria publicada como livro, mais tarde, com o título *A História da literatura como provocação à teoria literária*.

Jauss, nessa obra, “Investe contra [o ensino da História da Literatura, segundo as concepções vigentes] e propõe outros caminhos, assumindo uma atitude radical que confere ao texto a marca da ruptura e baliza o começo de uma nova era” (ZILBERMAN, 2015, p. 45).

Essa atitude radical, que rompe com o passado e dá bases para novos tempos para a História da Literatura, estimula ensaístas como Gumbrecht, Iser e Stierle, conforme registrado nestas páginas.

Eu, autor deste estudo, instigado com os teóricos citados e com o pai da Estética da Recepção, Hans Robert Jauss, aventuro-me no próximo subcapítulo, ensaiando uma análise apoiada nas sete teses de Jauss, apresentadas na obra *A História da literatura como provocação à teoria literária*, da recepção de alguns livros da literatura espírita brasileira. Essas obras não estão catalogadas no cânone da literatura brasileira, mas se pode dizer que estão entre as mais vendidas no país. Algumas delas, lançadas na primeira metade do século XX e, ainda, atualmente reeditadas, como é o caso da obra *Parnaso de além túmulo*, de Francisco Cândido Xavier, com a primeira edição em 1932 e a décima nona em 2016. Penso, dessa forma, que a literatura espírita brasileira contempla o tríplice aspecto do programa metodológico de Jauss: “o diacrônico, relativo a recepção das obras literárias ao longo do tempo (tese 5); o sincrônico, que mostra o sistema de relações da literatura numa dada época e a sucessão desses sistemas (tese 6); e, por último, o relacionamento entre a literatura e a vida prática (tese 7)” (ZILBERMAN, 2015, p. 53-54).

Embora o programa metodológico de Jauss ocorra somente nas últimas três teses propostas pelo teórico – as quatro primeiras teses são premissas para as três últimas –, a parte do capítulo subsequente busca analisar a literatura espírita brasileira sob a perspectiva da Estética da Recepção, desde a terceira tese de Jauss. As obras mencionadas no item 3.2 são fundamentadas na teoria espírita. Como a maioria delas narram temas que fazem referência ao *Novo Testamento*, o livro principal que dá suporte às obras é *O Evangelho segundo o Espiritismo*, obra adotada para as leituras do grupo pesquisado, devido à pandemia.

3.2 O TEXTO ESPÍRITA SOB A PERSPECTIVA DA RECEPÇÃO

Como o propósito deste estudo é fazer uma (n)etnografia de um grupo de leitores, penso que a Estética da Recepção é uma teoria apropriada para fundamentar esta tese sobre leitura e leitores, pois se trata de uma história da recepção, visto que o *O Evangelho segundo o Espiritismo (ESE)* é uma obra que contém compilações de textos evangélicos e interpretações do autor Kardec, sendo algumas atribuídas aos Espíritos. Sabe-se que nos evangelhos há

algumas parábolas que o próprio autor Jesus interpreta para alguns de seus discípulos. Kardec retoma essas parábolas interpretadas por Jesus e faz novas observações e comentários, segundo as suas perspectivas. Percebe-se, dessa maneira, que existe uma história da recepção no *movimento espírita*, registrada em livros, desde 1864, ano de lançamento do *ESE*. No Brasil, essa recepção se ampliou com Francisco Cândido Xavier e suas obras, com a tradição do “Evangelho no lar” (leitura e comentários, em família, de textos que se referem ao Novo Testamento, principalmente o *ESE*), com os estudos nos centros espíritas, com palestras, etc.

Pretendo, neste momento, dialogar com as teses que Hans Robert Jauss apresenta na obra *A História da literatura como provocação à teoria literária*, relacionando-as a algumas obras da literatura espírita brasileira. Dessa forma, apresento a teoria estético-recepcional de forma mais consistente, aplicando-a em alguns livros psicografados por Francisco Cândido Xavier. Alguns desses livros, como mencionado anteriormente, tratam-se de interpretações de alguns textos do Novo Testamento, à luz do Espiritismo.

Optei pelas obras de Francisco Cândido Xavier porque elas, de certa forma, moldam a cultura espírita brasileira, que tem um viés religioso mais acentuado. Essa característica está em conformidade às ideias de Bezerra de Menezes, já mencionadas nesta tese. As obras de Chico Xavier, principalmente as atribuídas a Emmanuel, carregam o tom cristão e adequam o Espiritismo à brasileira, sincrético e conciliador, legitimando uma tradição religiosa proposta pela FEB, na última década do século XIX. Xavier encarna a sua obra e passa ser um personagem central no Espiritismo brasileiro, no século XX. O autor era, a princípio, reconhecido pelas obras, no entanto, mais tarde, as próprias obras, possivelmente, viriam a ser conhecidas devido à sua influência na formação do imaginário religioso brasileiro (LEWGOY, 2004).

Cabe lembrar que Chico Xavier não é unanimidade dentro do *movimento espírita*, pois suas obras não teriam “o mesmo grau de autoridade que envolve os trabalhos de Kardec. Nos círculos espíritas mais intelectualizados, afirmações por ele psicografadas já foram discutidas e contestadas” (CAMARGO, 1961, p. 05).

Isso posto, apresento, então, as teses de Hans Robert Jauss para analisar a recepção de algumas obras da literatura de Francisco Cândido Xavier. Início pela primeira tese que Jauss propõe, na qual ele afirma que “*A historicidade da literatura não repousa numa conexão de ‘fatos literários’ estabelecida post festum, mas no experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores*” (JAUSS, 1994, p. 24, grifo original). Acrescenta, ainda, que mesmo o crítico e o historiador, ao fazerem seus trabalhos referentes a uma obra literária, não o fazem de outro lugar, senão o do leitor. (JAUSS, 1994) Então, para Jauss, a história da literatura efetua-

se, principalmente, no diálogo entre leitor e texto, no ato da leitura, não somente com leitores “ideais” – filólogo, historiador, hermenêuta, crítico –, mas também com leitores “comuns”.

Ao comentar sua primeira tese, o teórico assegura que uma obra literária não é autossuficiente, que o que tem a oferecer não é estanque para qualquer leitor em que época for. Mas, ao contrário, “ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual” (JAUSS, 1994, p. 25). Dificilmente dois músicos diante da mesma partitura, em lugares diferentes, na mesma época ou não, executariam a música da mesma maneira. A emoção, o ambiente, as experiências do artista influenciariam o modo de interpretar a partitura. Com livros e leitores não seria diferente, visto que cada leitor carrega consigo experiências próprias que o influenciam no momento da leitura. Assim, para cada leitor há maneira ou maneiras diferentes para dialogar com a obra.

Diferentemente do estruturalismo e do marxismo que entendiam a obra literária como imanente, Jauss estabelece que “a história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete” (JAUSS, 1994, p. 25). Segundo essa afirmação de Jauss, são os sujeitos que lidam com a obra, o leitor, o escritor, o crítico, que efetuam esse processo de recepção e produção estética na literatura. O leitor, ao experienciar a obra, também a produz, acrescentando a ela novas ideias, princípios, juízos, que podem coincidir com as produções de outros leitores ou rechaçá-las, com várias gradações entre um extremo e outro.

Finalizando seu comentário sobre a sua primeira tese, o autor observa que a ocorrência literária, diferentemente da política, “não possui conseqüências [sic] imperiosas, que seguem existindo por si sós e das quais nenhuma geração posterior poderá mais escapar.” (JAUSS, 1994, p. 26). O acontecimento literário somente terá conseqüências se houver demanda futura, ou seja, se os leitores e autores se interessarem, de alguma maneira, para fins diversos, pelas obras passadas. Enfim, para Jauss, “a literatura como acontecimento cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativa dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra” (JAUSS, 1994, p. 26). Em sua segunda tese, Jauss anuncia que

A análise da experiência literária do leitor escapa ao psicologismo que a ameaça quando descreve a recepção e o efeito de uma obra a partir do sistema de referências que se pode construir em expectativas que, no momento histórico do aparecimento de cada obra, resultam do conhecimento prévio do gênero, da forma e da temática de

obras já conhecidas, bem como da oposição entre a linguagem poética e a linguagem prática (JAUSS, 1994, p. 27, grifo original).

Então, no contexto em que surge determinada obra, existem conhecimentos prévios de gênero, forma e tema que indicam perspectivas, de acordo com referências contemporâneas e/ou passadas, mas o leitor “comum”, não necessariamente, interpreta a obra de acordo com esses conhecimentos prévios, esquivando-se, muitas vezes, das acepções literárias tradicionais (com foco no livro, autor, obra, contexto) generalizadas do leitor “ideal”.

A obra literária nova, que está sendo lida pela primeira vez, por uma pessoa ou por várias, não será totalmente nova, pois ela não surge do nada. Os leitores vão correlacioná-la com outras, encontrando semelhanças e diferenças, gostando de determinados personagens, criando, às vezes, expectativas para eles com finais e meios felizes ou infelizes. Cada leitor reproduz a obra segundo suas possibilidades dialógicas (JAUSS, 1994).

Além de o leitor ter como referências as obras literárias de sua época e anteriores, a sua experiência de vida também o auxiliará na objetivação de seu horizonte de expectativa. Dessa forma, o leitor geralmente terá conteúdo para estabelecer relações com o seu interlocutor, a obra literária (JAUSS, 1994).

O horizonte de expectativa do receptor fundamenta a terceira tese de Jauss. Sobre esse tema, ele assevera, ao iniciar sua proposição, que “*o horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público.*” (JAUSS, 1994, p. 31, grifo original).

Como esta pesquisa se propõe a investigar um grupo de estudos espírita, tomando como referência inicial a ideia de que o caráter artístico de uma obra pode ser determinado pela maneira que seu efeito provoca num público, penso no primeiro livro editado da psicografia de Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier) *Parnaso de além-túmulo* e o efeito que ele provocou nos leitores, espíritas e críticos literários. Publicado em 1932, pela Federação Espírita Brasileira (FEB), a obra era uma coletânea de 60 poemas, que foram atribuídos a quinze autores: nove brasileiros, quatro portugueses e um anônimo, todos eles falecidos. Em 1935, a FEB lança nova edição, quase triplicada. Agora, com 173 poemas atribuídos a 32 autores (ROCHA, 2001).

Segundo a FEB, até a oitava edição, foram acrescentados alguns poemas e autores, sendo essa edição a definitiva. Na 19ª edição, lançada em 2016, há 56 autores e 259 poemas, com comentários de Elias Barbosa (XAVIER, 2016, p. 11).

Esse livro causou espanto não somente no público espírita, mas também na crítica literária tradicional, visto que Chico Xavier era um jovem de 22 anos e não havia acabado o que chamamos hoje de ensino fundamental 1.

Na imprensa direcionada ao público espírita, segundo Alexandre Caroli Rocha,

há em síntese um consenso e uma polêmica. O primeiro diz respeito à exaltação da obra, considerada a principal referência da poesia mediúnica, ela que não é a primeira no gênero. A polêmica sobre *Parnaso* no meio espírita se refere às modificações que se processaram no decorrer das edições do livro; principalmente a exclusão de poemas causou a discussão entre opositores de tais supressões e a FEB (ROCHA, 2001, p. 51).

Sabe-se que escritores e intelectuais se interessaram pela obra vinda do além, segundo os espíritas. Um dos escritores que reconheceram o trabalho literário de Chico em seu primeiro livro editado foi Monteiro Lobato. O literato afirma em entrevista que “se o homem realmente produziu por conta própria tudo o que vem no *Parnaso*, então ele pode estar em qualquer academia, ocupando quantas cadeiras quiser...” (LOBATO, 1964, p. 200). Na mesma página ainda acrescenta: “Aqueles versos de Augusto dos Anjos são tudo quanto pode existir de mais Augusto dos Anjos...” (LOBATO, 1964, p. 200).

Humberto de Campos escreve no *Diário Carioca*, em 10 de julho de 1932, um artigo intitulado “Poetas do outro mundo”. Nele, o escritor relata suas impressões sobre a coletânea de poemas atribuída aos mortos.

Eu faltaria, entretanto, ao dever que me é imposto pela consciência, se não confessasse que, fazendo versos pela pena do sr. Francisco Cândido Xavier, os poetas de que ele é intérprete apresentam as mesmas características de inspiração e de expressão que os identificavam neste planeta. Os temas abordados são os que os preocuparam em vida. O gosto é o mesmo e o verso obedece, ordinariamente, à mesma pauta musical. Frouxo e ingênuo em Casimiro, largo e sonoro em Castro Alves, sarcástico e variado em Junqueiro, fúnebre e grave em Antero, filosófico e profundo em Augusto dos Anjos – sente-se ao ler cada um dos autores que veio do outro mundo para cantar neste instante, a inclinação do Sr. Francisco Cândido Xavier para escrever *à la maniere de...* ou para traduzir o que aqueles altos espíritos sopraram ao seu (CAMPOS *apud* TIMPONI, 2015, p. 60-61).

Embora Humberto de Campos avalie a possibilidade de os poemas escritos por Chico Xavier serem pastiche, ele não o afirma. O caso parece ter interessado o escritor, porquanto dois dias depois, no mesmo periódico, ele cita e comenta alguns poemas. Um de Augusto dos Anjos, um de Casimiro de Abreu, um de Antero de Quental, um de Castro Alves e um de Guerra Junqueiro. Ao final de seu artigo, ele afirma que “o *Parnaso de além-túmulo* merece, como se

vê, a atenção dos estudiosos, que poderão dizer o que há nele, de sobrenatural ou de mistificação” (CAMPOS, 1932, *apud* TIMPONI, 2015, p. 64).

Jauss complementa sua terceira tese sustentando que se designa

distância estética aquela que medeia entre o horizonte de expectativa preexistente e aparição de uma nova obra - cuja acolhida, dando-se por intermédio da negação de experiências conhecidas ou da conscientização de outras jamais expressas, pode ter por consequência [sic] uma “mudança de horizonte” -, tal distância estética deixa-se objetivar historicamente no espectro das relações do público e do juízo da crítica (sucesso espontâneo, rejeição ou choque, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia) (JAUSS, 1994, p. 31, grifo original).

Percebe-se que o livro *Parnaso de além-túmulo*, ao vir à tona, parece mudar o horizonte de expectativa não somente de um público específico, que seriam os espíritas, mas também de um público especializado nos autores e no gênero veiculados no livro. É um caso interessante, uma vez que o horizonte de expectativa preexiste, já que os autores e seus estilos são conhecidos, porém a obra é nova, tem um conceito distinto de autoria, pois seriam os mortos que escreviam pelas mãos de um jovem de 22 anos. Então, a distância estética, conforme citação anterior, estabelece-se de maneira singular, na obra referida, já que, provavelmente, Jauss não pensou em obras literárias atribuídas a escritores do além, em coautoria com um jovem, até então, insignificante no contexto literário de seu país.

Na sua quarta tese, Jauss estabelece que os leitores de duas épocas distintas, de uma mesma obra, contribuem para uma história da literatura mais ampla, evitando, assim, percepções clássicas e modernizantes da literatura.

A reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita, por outro lado, que se apresentem as questões para as quais o texto constituiu uma resposta e que se descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra. Tal abordagem corrige as normas de uma compreensão clássica ou modernizante da arte - em geral aplicadas inconscientemente - e evita o círculo vicioso do recurso a um genérico espírito da época (JAUSS, 1994, p. 35, grifo original).

Para essa tese de Jauss, utilizarei como exemplo de obra espírita, para ilustrar a recepção de uma mesma obra em tempos diferentes, o livro *Nosso lar*. Psicografado por Chico Xavier, atribuído ao espírito de pseudônimo André Luiz, esse livro é o *best-seller* mais popular do autor. Lançado em 1944 pela editora FEB, a obra inspirou uma telenovela intitulada *A Viagem*, escrita por Ivani Ribeiro, televisionada pela *TV Tupi* em 1975 e em 1994 a *Rede Globo de Televisão* fez um *remake* da telenovela e a transmitiu em sua emissora no mesmo ano. Em 2010, *Nosso*

lar foi lançado no cinema, com sucesso de público. A mesma obra foi adaptada para radionovela pela editora *Elevação*.

Dessa forma, nota-se que a recepção da obra escrita influenciou e influencia adaptações para três outros meios de veiculação de arte. Comento que influencia porque está para ser lançado o filme *Nosso lar 2*, uma adaptação do livro *Os mensageiros*, também psicografado por Chico Xavier e atribuído ao espírito André Luiz. Assim, com a tecnologia que direciona obras escritas populares a serem veiculadas por outras mídias, a recepção agrega novos horizontes de expectativa, pois muitos leitores verão/ouvirão a obra primeiramente na TV, no cinema ou no rádio, antes de ler o livro. Como a adaptação depende das escolhas do(s) adaptador(es), o novo leitor levará em conta o horizonte de expectativa dos leitores anteriores, os adaptadores, que leram a obra anteriormente e, que, por isso, possibilitarão a reconstrução do horizonte de expectativa para os novos leitores.

Contudo, antes das adaptações para as novas plataformas midiáticas, houve a recepção no calor da hora, em 1944, por figuras conhecidas e com autoridade dentro do *movimento espírita brasileiro*, como é o caso de Francisco Valdomiro Lorenz. Lorenz teria enviado uma carta a um amigo com suas impressões sobre o livro *Nosso lar*. Algumas linhas dessa missiva foram transcritas na revista espírita *Reformador*, em junho de 1944:

O livro de André Luiz, psicografado pelo nosso querido Chico Xavier, é uma pérola de alto valor, e bem merece a recomendação do nobre Emmanuel, que lhe escreveu o prefácio. Oxalá muitos leiam, com o necessário entendimento, essa obra! Fiquei satisfeito por encontrar nela várias confirmações de minhas idéias [sic] sobre [sic] a vida nas regiões astrais, próximas da terra material, como: a alimentação, os auxílios, as organizações sociais e culturais, a administração, os meios de locomoção, os campos de repouso, os jardins, bosques, o rio, a música. Completei o meu conhecimento dessas coisas, e adquiri o conhecimento relativo aos bonus-horas, aeróbus, os ministérios, a organização da família, etc. Compreendi que nessas regiões, próximas do orbe terráqueo, há espécie de atmosfera nutriente, trabalhos de várias espécies, comunicações com a Terra, com o Umbral, com a região das Trevas, e também com as Regiões Superiores; os Ministérios da Elevação e da União Divina são organizações muito nobres, lógicas e caritativas. Tenho lido algumas descrições dos planos astrais, em várias línguas; porém nenhuma tão clara e persuasiva, como o excelente 'Nosso Lar': Graças a Deus por tão abençoada luz! (LORENZ, 1944, p. 27).

Essa carta demonstra que o livro estava de acordo com o horizonte de expectativa do leitor Lorenz, que serve para alguns como um crítico literário, no que se refere ao Espiritismo e ao espiritualismo, naquela época, pois era autor reconhecido sobre o tema espiritualidade. Mas, também, a obra de Chico vai além do seu horizonte de expectativa e ele comenta ao amigo que o livro, além de confirmar o que elucubrava sobre a vida no plano espiritual, completa e ensina fatos novos sobre esse plano.

Para a obra de Chico Xavier, haver crítica confirmativa de um escritor como Lorenz, veiculada na revista *Reformador*, seria uma publicidade que alcançaria um número significativo de leitores.

Dois meses antes da missiva de Lorenz ser publicada na revista *Reformador*, G. Mirim faz uma apresentação da obra na mesma revista, uma espécie de resumo, e, ao fim de seu relato, manifesta o seguinte comentário:

[*Nosso lar*] é um livro excelente, porque trata de uma vida espiritual muito ao alcance da nossa inteligência, muito próxima da Terra e não das altas esferas espirituais que nossa compreensão não alcançaria.
A literatura é boa e muitos episódios nos fazem lembrar cenas da ‘Divina Commedia’. Os ensinamentos vêm enquadrados em belas narrativas que nos empolgam.
É um livro de grande interesse [*sic*], mesmo como arte, até para o leitor de romances, e por isso tem o futuro assegurado igualmente pela forma (MIRIM, 1944, p. 20).

Nesse trecho, o crítico, se posso chamá-lo assim, pronuncia-se primeiramente sobre o conteúdo da obra para espíritas, porque pressupõe um conhecimento doutrinário (doutrina espírita) de quem o lê, quando discorre que não se compreenderia se o livro tratasse das altas esferas espirituais. Em seguida, comenta ser a obra uma boa literatura e relata que, em algumas partes, assemelha-se a um clássico da literatura mundial. Logo, acrescenta que seu futuro estaria estabelecido, pois se tratava de arte, romance.

Penso que os produtores de *Nosso lar* em novas mídias foram influenciados por essa tradição crítica assertiva em relação à boa qualidade da obra, mas houve também opositores que consideravam o autor Chico Xavier *obsidiado*, ou seja, influenciado por espíritos inferiores, segundo o vocabulário espírita, para escrever tantas incoerências em relação ao plano espiritual, conforme relatos de pessoas do *movimento espírita* daquela época.

Esses opositores, embora em escala menor no *movimento espírita* atual, também motivariam uma tradição crítica, como se pode perceber no comentário do escritor Sérgio Fernandes Aleixo, citado por Fabiano Cesar de Mendonça Vidal, em sua dissertação de mestrado intitulada *Em torno de Nosso Lar: uma análise das controvérsias produzidas no movimento espírita*.

O conceito de mundos transitórios (Kardec assim o batizou) diz que, apesar da ausência de vida na superfície estéril de certos planetas, esses orbes destinados seriam aos espíritos errantes, os que habitariam para repouso, instrução e progresso. Tendo sido esse o caso da Terra durante sua formação, o conceito se vincularia obrigatoriamente à expectativa de que a vida se instale na superfície de tais planetas, ainda inapropriados a ela, apenas em transição para tanto. Desse modo, nada tem ele a ver com as estruturas conhecidas por colônias espirituais, edificações no além algumas de séculos, protegidas por muralhas, armas e até animais, onde os habitantes

teriam uma fruição de gozos e costumes tipicamente físicos, como nutrição, eventos pagos, empregos remunerados, casamentos, etc.; moradia de todos os tipos, com banheiro e cozinha, inclusive assim como parques, plantações e fábricas, seja de suco, de roupas, de artefatos, etc., etc. À luz da codificação espírita, não passam de abusos ficcionais ditados nos interlúdios invigilantes de médiuns sem discernimento, que acreditam lhes baste a boa intenção e a cega confiança em seus guias para o exercício de suas faculdades (ALEIXO *apud* VIDAL, 2014, p. 81)

Aleixo fundamenta sua crítica na questão 234, de *O livro dos Espíritos*, em que Kardec pergunta aos Espíritos se há mundos que serviriam de repouso para os homens desencarnados. A resposta é positiva, mas não traz muitos detalhes de como seriam esses mundos (KARDEC, 2012). Tal resposta, para Aleixo, rechaça as obras de André Luiz, autor espiritual que, pelas mãos de Chico Xavier, segundo os espíritas, escreveu treze obras referentes ao tema em questão.

Esses relatos, referentes à recepção, corroboram a quarta tese de Jauss quando ele adiciona que a informação de como foi produzida e recebida a obra no passado e no presente

dá a conhecer a história de sua recepção – que intermedeia ambas as posições - e coloca em questão, como um dogma platonizante da metafísica filológica, a aparente obviedade segundo a qual a poesia encontra-se atemporalmente presente no texto literário, e seu significado objetivo, cunhado de forma definitiva, eterna e imediatamente acessível ao intérprete (JAUSS, 1994, p. 35).

As descrições da recepção da obra *Nosso lar*, mencionadas nos parágrafos anteriores, apontam para interpretações distintas, mesmo que elas sejam de opinião semelhante, no que se refere à qualidade literária da obra. Nenhuma das adaptações são iguais, os textos escritos na revista *Reformador* direcionam o leitor para aspectos distintos do livro e o crítico que contesta a pureza doutrinária, ao embasar seu comentário em Kardec, sugere incoerências para uma obra que pretende ter conteúdo espírita. Como propõe Jauss, o texto literário depende do seu leitor, pois o significado e a poesia não são inerentes à obra. Lorenz tinha conhecimento prévio do tema devido às leituras feitas em outros idiomas; Mirim encontrou semelhanças entre *Nosso lar* e *Divina Comédia* e finalizou seu comentário sobre o livro de Chico afirmando que a obra tinha valor literário e Aleixo, ao criticar a obra desfavoravelmente, embasa sua opinião na obra que fundamenta o Espiritismo.

Os julgamentos diferentes da obra no passado possibilitam que os leitores atuais de *Nosso lar* conheçam a história de sua recepção, podendo, dessa forma, dialogar com as exegeses conformadas pelos contextos de seus leitores e ampliar, ou, como quer Jauss, reconstruir seus horizontes de expectativas.

A quinta tese de Jauss sustenta que

a teoria estético-recepcional não permite somente apreender sentido e forma da obra literária no desdobramento histórico de sua compreensão. Ela demanda também que se insira a obra isolada em sua “série literária”, a fim de que se conheça sua posição e significado histórico no contexto da experiência da literatura. No passo que conduz de uma história da recepção das obras à história da literatura, como acontecimento, esta última revela-se um processo no qual a recepção passiva de leitor e crítico transforma-se na recepção ativa e na nova produção do autor - ou, visto de outra perspectiva, um processo no qual a nova obra pode resolver problemas formais e morais legados pela anterior, podendo ainda propor novos problemas (JAUSS, 1994, p. 41, grifo original).

Para ilustrar essa tese de Jauss com a literatura espírita desenvolvida no Brasil, pelo escritor Francisco Cândido Xavier, defini usar como exemplo um romance conhecido no movimento espírita brasileiro, a obra *Paulo e Estêvão*, psicografada por Xavier, com autoria atribuída ao espírito guia do médium escritor Emmanuel. Os livros *Há dois mil anos* (1940), *Cinquenta anos depois* (1940), *Paulo e Estêvão* (1942), *Renúncia* (1943) e *Ave, Cristo!* (1953) formam a série, que se denominou, no movimento espírita, de Romances históricos de Emmanuel.

Jauss afirma, no início da tese em questão, que a Estética da Recepção não serve somente para compreender o sentido e a forma da obra em sua repercussão histórica, mas que ela deve também ser vista à parte em sua “série literária”, para que se entenda o seu lugar e valor “no contexto da experiência da literatura” (JAUSS, 1994, p. 41). Se pensarmos no contexto literário brasileiro das décadas de 1940 e 1950, os nomes de Francisco Cândido Xavier e de Emmanuel não são, se quer, mencionados pela tradição literária acadêmica, visto que há, até hoje no meio acadêmico, certo preconceito com obras de cunho religioso, então imagino que com obras cuja autoria é atribuída a espíritos não seria diferente. Portanto, se é improvável tecer comentários sobre o livro *Paulo e Estêvão* relacionado à literatura brasileira aceita pela crítica tradicional como obra a ser lida, nas décadas de 40 e 50, do século passado. Acredito que seja possível colocá-la, isoladamente, em sua série histórica ou, ainda, nas obras produzidas pelas mãos mediúnicas, como dizem os espíritas, de Chico Xavier nas décadas mencionadas.

Há duas possibilidades: pensar na série de Romances Históricos e verificar seu lugar e valor contrapondo-a com quatro livros do mesmo autor espiritual; ou cogitar os livros produzidos nos anos 1940 e 1950, cinquenta e um livros atribuídos a autores espirituais diferentes (onze ou mais), visto que alguns livros são atribuídos a espíritos diversos, todos psicografados por Chico Xavier. Desses cinquenta e um livros da lavra mediúnica xaveriana, li 30 deles.

Penso que seria mais adequado isolar o livro *Paulo e Estêvão* da produção literária das décadas de 40 e 50 do século passado, somente dos livros de Xavier, para que não se estenda demasiadamente o que se pretende demonstrar para confirmar que a literatura espírita produzida no Brasil harmoniza-se com a quinta tese que Jauss propõe para uma nova história da literatura ou, no caso do Espiritismo, para uma história da literatura espírita, pois, pelo que se sabe, não há uma história da literatura espiritista.

Dos trinta livros lidos por mim, treze são de autoria atribuída a Emmanuel, doze atribuídos a André Luiz, três a Humberto de Campos, um a Irmão Jacob e um a Neio Lúcio. Para isolar o livro *Paulo e Estêvão* das 29 obras que foram escritas nas décadas de 1940 e 1950, verifico o gênero e conteúdo delas. Dez obras são romances que narram como seria a vida no mundo espiritual, nove delas atribuídas a André Luiz: *Nosso lar*, *Os mensageiros*, *Missionários da luz*, *Obreiros da vida eterna*, *No mundo maior*, *Libertação*, *Entre a terra e o céu*, *Nos domínios da mediunidade* e *Ação e reação*; e uma atribuída ao Irmão Jacob: *Voltei*.

Os livros *Evolução em dois mundos* e *Mecanismos da mediunidade*, atribuídos a André Luiz, foram psicografados por dois médiuns, Waldo Vieira e Francisco Cândido Xavier. Waldo Vieira psicografava os capítulos ímpares e Chico Xavier os pares. Os livros têm linguagem difícil, são livros técnicos, científicos, não se enquadram em gêneros textuais como romance, poesia, contos ou crônicas. Então, esses dois livros ficam muito distantes da “posição e do significado” histórico-literário de *Paulo e Estêvão*.

Do autor espiritual André Luiz ainda há a obra *Agenda cristã*. Trata-se de um livro com mensagens para leitores que querem diretrizes para a autoiluminação. Emmanuel escreve o prefácio da obra afirmando que ela apresenta “a palavra do nosso plano de luta, onde aprendemos que o milagre da perfeição é obra de esforço, conhecimento, disciplina, elevação, serviço e aprimoramento no templo do próprio ‘eu’” (XAVIER, 2010a, p. 12). Para escrever o prefácio, Emmanuel leu a obra anteriormente, o que indica que, então, há nas palavras escritas pelo prefaciador a contribuição para a história da literatura do ponto de vista da Estética da Recepção, porquanto existe um leitor do passado que leu a obra e teceu comentários referentes ao seu conteúdo. É conteúdo cristão, segundo Emmanuel, num trecho do prefácio, o que o aproxima da obra *Paulo e Estêvão*, mas se distancia dela no que se refere à forma, pois são cinquenta mensagens expressas em cinquenta capítulos.

Há três obras atribuídas a Humberto de Campos: *Boa nova*, *Pontos e Contos* e *Contos e apólogos*. As três trazem conteúdos sobre religiosidade e espiritualidade na forma de contos e apólogos. O livro *Boa nova*, como o nome sugere, oferece, na maioria dos contos, histórias que envolvem personagens bíblicos, principalmente do Novo Testamento. Nesse caso, esse livro

aproxima-se em conteúdo da obra *Paulo e Estevão*, mas se diferencia na forma por se tratar de uma coletânea de contos. Os outros dois livros apresentam temas e formas semelhantes à obra *Boa nova*, porém com menos personagens bíblicos e com uma característica que conduz um fato inusitado na literatura brasileira, talvez mundial. Os livros *Contos e apólogos*, *Pontos e contos*, entre outros são de autoria de Humberto de Campos, segundo os espíritas, mas, devido a uma ação judicial da família do autor falecido, requerendo os direitos autorais das obras psicografadas por Chico Xavier com o nome de seu familiar, o autor espiritual, depois do processo conhecido como o caso Humberto de Campos, que rendeu o livro *A psicografia ante os tribunais*, de Miguel Timponi, passa a assinar com o pseudônimo de Irmão X.

Esse caso sugere interessante ocorrência para uma história da literatura pela ótica da Estética da Recepção, pois os familiares do autor falecido, percebendo as semelhanças nas características, no estilo da escrita de Xavier, que a atribuía a Humberto de Campos, conhecendo o que os críticos literários comentavam sobre essas obras, pretendiam que a justiça avaliasse ser ou não, tais escritos, de autoria do escritor falecido:

Pede a inicial que o Poder Judiciário declare por sentença se É OU NÃO do Espírito de Humberto de Campos a obra literária que menciona, o que vale dizer — que declare, por sentença, a sobrevivência ou não do Espírito e a possibilidade ou impossibilidade da sua comunicação com os vivos.

Ora, a tese da sobrevivência do Espírito constitui precisamente a velha controvérsia que divide as doutrinas religiosas, as escolas filosóficas e as correntes científicas.

Como poderão os nossos tribunais dirimir uma contenda dessa natureza? Afirmar ou negar a sobrevivência do Espírito seria, em última análise, decretar a oficialização de um princípio religioso, filosófico ou científico.

Seria isso possível?

Não. Respondem os estatutos políticos de todas as nações cultas do mundo. Não. É o que confirma a nossa Constituição, que garante a liberdade de crença e de culto religioso (Const., art. 122 n. 4) (TIMPONI, 2015, p. 18-19).

O caso foi encerrado e Humberto de Campos passa a assinar suas obras, pelas mãos de Chico Xavier, com o pseudônimo Irmão X. Com o novo nome, Campos publicaria mais nove livros pela psicografia do médium de Pedro Leopoldo, Minas Gerais.

O livro *Jesus no lar*, atribuído ao espírito Neio Lúcio, que é personagem do livro *Cinquenta anos depois*, narra cinquenta histórias, em cinquenta capítulos, com conteúdo evangélico, em forma de contos curtos. Emmanuel, que também é o prefaciador dessa obra, afirma que o autor oferece “aos discípulos novos, algumas das lições do Senhor no círculo mais íntimo dos Apóstolos e seguidores da primeira hora. Hoje, que quase vinte séculos são já decorridos sobre as primícias da Boa Nova, o domicílio de Simão se transformou no mundo inteiro...” (XAVIER, 2013a, p. 10).

Cabe mencionar que todos os livros de André Luiz, citados anteriormente, têm prefácio de Emmanuel. Pode-se considerar esse Espírito, segundo a crença dos espíritistas, como um leitor do passado que deixa registradas suas impressões sobre as obras, apresentando-as ao futuro público leitor. Dessa forma, quando a obra é prefaciada por outro escritor, seja ele quem for, *encarnado* ou *desencarnado*, na linguagem do Espiritismo, ela já vem a público com registro de recepção, já há início da história literária da obra ou da série literária que ela pertence. O prefaciador é, então, um leitor ativo, de acordo com a Estética da Recepção, pois apresenta a obra em consonância com a experiência de vida, literária e cultural que o conforma. Entende-se, desse modo, que uma obra com prefácio auxilia no processo de construção para uma história da literatura com vistas à recepção.

Dos trinta livros referidos, faltam treze a serem mencionados, todos de Emmanuel. *Palavras de Emmanuel* é uma compilação de mensagens de 23 livros do autor espiritual. Sylvio Brito Soares, ao prefaciar a obra, enuncia que “o novo livro será de grande valia, não apenas para os estudiosos, senão que também para quantos tenham a incumbência de escrever, fazer conferências, ou discursar sobre temas espíritas” (XAVIER, 2010b, p. 10). Neste trecho do prefácio, o leitor Soares sugere a que tipos de leitores o livro interessaria. Dos 23 livros em que foram retiradas as mensagens para formar este *Palavras de Emmanuel*, dezessete foram lidos por mim e oito deles são de prefácios escritos por Emmanuel para sete livros de André Luiz e um de Neio Lúcio. Isso demonstra como os prefácios de Emmanuel são importantes para a comunidade de leitores espíritas. O autor espiritual, guia de Chico Xavier, tem autoridade como leitor e crítico, proporcionando com os seus prefácios leitura ativa das obras, apontando direções que possam dirimir “*problemas formais e morais legados pela[s] [obra] anterior[es]*” (JAUSS, 1994, p. 41, grifo original).

Das obras de Xavier, atribuídas a Emmanuel, há *Religião dos Espíritos*, livro que comenta algumas questões de *O livro dos Espíritos*. Esses comentários foram realizados no ano de 1959, durante 91 sessões na sede da Comunhão Espírita Cristã. No prefácio do próprio Emmanuel, ele corrobora a tese de Jauss, ao comentar que os leitores futuros poderão compreender o livro em estudo de maneira mais ampliada:

Não temos, pois, outro objetivo que não seja demonstrar a nossa necessidade de estudo metódico da obra de Kardec, não só para lhe penetrarmos a essência redentora, como também para que lhe estendamos a grandeza em novas facetas do pensamento, na convicção de que outros companheiros de tarefa comparecerão à liça, suprimindo-nos as deficiências naturais com estudos mais altos dos temas renovadores trazidos ao mundo pelo apóstolo de Lião (XAVIER, 2018, p. 10).

O livro *O Consolador* foi elaborado com perguntas dos trabalhadores do Grupo Espírita Luís Gonzaga, de Pedro Leopoldo, Minas Gérias, respondidas pelo espírito Emmanuel, quatrocentos e onze questões e suas respectivas respostas. Obra que veio a público em 1940 pela editora FEB.

Pensamento e vida é um livro que, segundo Emmanuel, existe no mundo espiritual como uma cartilha oral e que serve “aos companheiros em trânsito para o berço, utilizada em nossas escolas de regeneração, entre a morte e o renascimento” (XAVIER, 2006, p. 09-10). As obras *Pensamento e vida*, *O Consolador* e *Religião dos Espíritos* distinguem tanto em forma quanto em conteúdo do livro *Paulo e Estêvão* e também não se enquadram em sua série literária de romances históricos, pois são livros de estudos *doutrinários*.

Ainda há mais quatro livros escritos por Francisco Cândido Xavier, entre as décadas de 40 e 60 do século XX, que são atribuídos a Emmanuel e que não se ajustam à série de *Paulo e Estêvão*. São eles: *Caminho, verdade e vida*, *Pão nosso*, *Vinha de luz* e *Fonte viva*. Essa coleção intitulada “Fonte Viva” é composta por cinco livros e, além dos citados, inclui-se na série a obra *Ceifa de luz*, editada em 1978, pela FEB. Os cinco livros dessa coleção têm conteúdo exegético, referindo-se à Bíblia, principalmente ao Novo Testamento. Embora o assunto seja semelhante ao da obra *Paulo e Estêvão*, sua forma se difere, visto que, para cada capítulo da série Fonte Viva, um versículo ou parte de versículo é analisada de acordo com a doutrina dos Espíritos.

Ocupo-me, neste momento, dos livros que se enquadram na ‘série literária’ de *Paulo e Estêvão*, pois os dois livros que seriam estudados no grupo de estudos pesquisado fazem referências a algumas dessas obras, uma vez que o tema dos livros analisados no grupo de estudos são: o Cristianismo e o Espiritismo e os ensinamentos e as parábolas de Jesus. Contudo, devido à pandemia, como já mencionado anteriormente, o livro utilizado foi o *Evangelho segundo o Espiritismo* e, no qual, trata-se dos mesmos temas ou assuntos semelhantes aos livros que seriam estudados anteriormente, EADE 1 e 2.

Em ordem cronológica, os romances históricos de Emmanuel foram editados na seguinte sequência: *Há dois mil anos* (1940), *Cinquenta anos depois* (1940), *Paulo e Estêvão* (1942), *Renúncia* (1943) e *Ave, Cristo!* (1953). Todos esses livros têm o intuito de contar a história, em forma de romance, de alguns personagens que estão, de alguma maneira, relacionados com o cristianismo.

Há dois mil anos narra a história de Publius Lentulus, um senador romano que teria sido uma das vidas passadas de Emmanuel. Publius não se converteu ao cristianismo, mas sua esposa Livia Lentulus teria sido uma mártir que fora levada das catacumbas, onde se reuniam os

cristãos em torno das palavras que relatavam as passagens da vida do Cristo, para o Circo Máximo, lugar em que os seguidores de Jesus eram martirizados, o que servia de espetáculo para os romanos. Tal martírio teria ocorrido no ano de 58, durante o governo do imperador Nero (XAVIER, 2012a). Esse livro é o único da série de romances históricos de Emmanuel que tem uma personalidade sua, numa reencarnação passada, segundo a crença espírita, como personagem central da obra.

Em *Cinquenta anos depois*, Emmanuel, no prefácio, informa que Nestório, um escravo judeu, seria a sua nova reencarnação. O título do livro faz referência aos cinquenta anos que se passaram da morte de Publius Lentulus, no ano de 79, quando estava em Pompeia e a cidade foi destruída pela erupção do vulcão Vesúvio (XAVIER, 2012a). No ano 131 inicia a história do livro. Nestório, embora escravo, era culto. As famílias romanas utilizavam-se de escravos para a educação dos filhos. Então, o nobre Caius Fabrício presenteou a família de Helvídio Lucius com esse escravo grego, de 45 anos de idade e de origem judaica, nascido em Éfeso. Contudo, a personagem principal do livro é Célia Lucius, filha de Helvídio e de Alba Lucínia. Célia, a filha mais nova do casal, preocupava seu pai por se atrair pelos ensinamentos dos cristãos. A história prossegue narrando, entre outros acontecimentos, a vida da filha mais nova do casal Alba e Helvídio Lucius (XAVIER, 2012b).

O último livro dos romances históricos psicografado por Xavier, com autoria atribuída a Emmanuel, como mencionado anteriormente é *Ave, Cristo!*. Curiosamente ele narra episódios da história do cristianismo do século III, embora tenha sido escrito uma década depois de *Renúncia*, história que se passa no século XIV. *Ave, Cristo!* narra a história de um pai, Quinto Varro, que está no plano espiritual e pede para os seus superiores para reencarnar e ajudar seu filho Taciano. Varro ganha um período de cem anos para o seu projeto e, assim, vem à Terra para semear o amor de Cristo no coração de seu filho (XAVIER, 2012c).

A obra *Renúncia* relata a história de Alcíone, um espírito elevado que estava em um planeta do sistema Sírius estudando assuntos relativos a ritmo e harmonia para futuramente solucionar problemas dessa arte, no planeta Terra, por meio da inspiração. Ela deixa temporariamente suas pesquisas e o orbe onde estava, depois da aprovação de seus superiores, para ajudar uma pessoa muito amada na Terra. Torna-se um exemplo de ser humano a ser seguido, segundo o livro, mas não consegue salvar o ser amado das armadilhas que ele mesmo criou para si (XAVIER, 2013b).

Paulo e Estêvão, assim como as quatro obras mencionadas nos parágrafos anteriores, narra acontecimentos que teriam ocorrido com mártires cristãos. É um romance histórico e Emmanuel afirma não ser ficção, de acordo com o seu prefácio para a obra: “A contribuição de

Estêvão e de outras personagens desta história real vem confirmar a necessidade e a universalidade da lei de cooperação” (XAVIER, 2012d, p. 10). É curioso, também, no mesmo prefácio, ele afirmar sobre uma futura crítica de seu livro.

Desde já, vejo os críticos consultando textos e combinando versículos para trazerem à tona os erros do nosso tentame singelo. Aos bem-intencionados agradecemos sinceramente, por conhecer a nossa expressão de criatura falível, declarando que este livro modesto foi grafado por um Espírito para os que vivam em espírito; e ao pedantismo dogmático ou literário, de todos os tempos, recorremos ao próprio Evangelho para repetir que, se a letra mata, o espírito vivifica (XAVIER, 2012d, p. 10).

Os outros quatro livros também seriam histórias reais retratadas como romance. Então, o que diferenciaria a obra *Paulo e Estêvão* das quatro que se relaciona com elas tanto em estilo como em conteúdo? Penso que uma possível resposta está nos personagens principais: Saulo, que mudou seu nome para Paulo depois de se tornar cristão, antigo doutor da Lei Mosaica, perseguidor de cristãos, assim que se converte aos ensinoss de Jesus, torna-se o maior divulgador do Cristianismo no primeiro século, e Estêvão, o primeiro mártir cristão, segundo o romance *Paulo e Estêvão* (XAVIER, 2012d). Esses dois personagens também estão em *Atos dos Apóstolos*, atribuído a Lucas, o evangelista.

Entende-se a preocupação de Emmanuel prevendo uma crítica a alguns fatos de seu romance, pois ele trataria de dois personagens conhecidos no mundo cristão, principalmente Paulo de Tarso. Esse é um tema que está de acordo com o final da quinta tese de Jauss, pois a obra em questão discorda de algumas datas referentes às escrituras sagradas: a maioria dos historiadores afirmam que o primeiro evangelho a ser escrito é o de Marcos e os outros três teriam por base esse evangelho, mas, em *Paulo e Estêvão*, o escritor assevera que Levi (Mateus) escrevia, muitas vezes, enquanto Jesus falava (XAVIER, 2012d). Então, conforme a quinta tese de Jauss, o processo da recepção ativa “no qual a nova obra pode resolver problemas formais e morais legados pela anterior, podendo ainda propor novos problemas.” (JAUSS, 1994, p. 41). Nesse caso mencionado de *Paulo e Estêvão*, a obra propõe novos problemas quando diz ser realidade o que escreve e discorda de estudiosos bíblicos. Outro assunto polêmico que a obra aborda se refere à autoria das cartas de Paulo. Alguns estudiosos garantem que a carta aos hebreus, por exemplo, não é de Paulo devido ao seu estilo, que é muito diferente das outras cartas atribuídas a ele. Mas em *Paulo e Estêvão*, o escritor relata o seguinte:

Daí por diante, aproveitando as últimas horas de cada dia, os companheiros de Paulo viram que ele escrevia um documento a que dedicava profunda atenção. Às vezes, era visto a escrever com lágrimas, como se desejasse fazer da mensagem um depósito de

santas inspirações. Em dois meses entregava o trabalho a Aristarco para copiá-lo, dizendo:

– Esta é a *Epístola aos hebreus*. Fiz questão de grafá-la, valendo-me dos próprios recursos, pois que a dedico aos meus irmãos de raça e procurei escrevê-la com o coração (XAVIER, 2012d, p. 456, grifo original).

Discordando de alguns estudiosos dos textos religiosos, a obra *Paulo e Estêvão*, como Emmanuel havia antecipado em seu prefácio, traz à luz, novamente, para críticos da literatura espírita, obras clássicas da literatura religiosa: os quatro evangelhos, as cartas de Paulo e os Atos dos Apóstolos. Um novo olhar é direcionado para o Novo Testamento, tentando encontrar incongruências no livro atribuído a Emmanuel. Por outro lado, os espíritas começam a se interessar pelos textos bíblicos, com tradução dos evangelhos e dos Atos dos Apóstolos do grego para a língua portuguesa, com estudos sobre o livro *Gênesis*, *Levítico*, dezenas de palestras disponibilizadas na plataforma *YouTube*, sobre textos do Novo e Antigo Testamentos. Essa tradição de estudos impulsionada por uma obra vai ao encontro do que propõe Jauss, comentando sua quinta tese:

um passado literário só logra retornar quando uma nova recepção o traz de volta ao presente, seja porque o novo momento da evolução literária lança uma luz inesperada sobre uma literatura esquecida, luz esta que lhe permite encontrar nela o que anteriormente não era possível buscar ali (JAUSS, 1994, p. 44).

Embora os textos bíblicos não estivessem esquecidos por algumas comunidades religiosas, eles são reexaminados por membros de certas comunidades religiosas, conforme previa Emmanuel no prefácio de *Paulo e Estêvão*, devido aos problemas que a nova obra propõe, e, além disso, conquistam novos leitores, por intermédio do novo livro espírita.

A penúltima tese de Jauss sugere que

os resultados obtidos pela lingüística [sic] com a diferenciação e vinculação metodológica da análise diacrônica e da sincrônica ensejam, também no âmbito da história da literatura, a superação da contemplação diacrônica, até hoje a única habitualmente empregada. Se já a perspectiva histórico-recepcional depara constantemente com relações interdependentes a pressupor um nexo funcional (“posição bloqueadas ou ocupadas diferentemente”) nas modificações da produção literária, então há de ser igualmente possível efetuar um corte sincrônico atravessando um momento do desenvolvimento, classificar a multiplicidade heterogênea de obras contemporâneas segundo estruturas equivalentes, opostas e hierárquicas e, assim, revelar um amplo sistema de relações na literatura de um determinado momento histórico. Poder-se-ia, então, desenvolver o princípio expositivo de uma nova história da literatura dispondo-se mais cortes no antes e no depois da diacronia, de tal forma que esses cortes articulem historicamente, em seus momentos constitutivos de épocas, mudança estrutural na literatura (JAUSS, 1994, p. 46, grifo original).

A proposta deste trabalho também está em consonância com essa tese de Jauss, pois ela afirma que é “*possível efetuar um corte sincrônico atravessando um momento do desenvolvimento*” (JAUSS, 1994, p. 46, grifo original) da história literária do ponto de vista recepcional. Como a observação da prática de leitura de um grupo de estudantes da doutrina espírita, durante um ano letivo (de março a dezembro) servirá para elaborar uma (n)etnografia, penso que este estudo pode contribuir para uma história da literatura espírita, de acordo com a Estética da Recepção.

Esta (n)etnografia pode verificar como o *Evangelho segundo o Espiritismo*, de Kardec, e as obras espíritas brasileiras escritas nas décadas de 40, 50 e 60 do século XX, por Xavier, entre outras obras e escritores são recepcionadas pelo grupo de estudos observado. Menciono somente um escritor brasileiro, porque a crença espírita atribui a vários autores as obras que ele produziu. Reporto as obras dessas três décadas, por já terem sido referidas anteriormente, e para que se desenvolva, como recomenda a sexta tese de Jauss, “*o princípio expositivo de uma nova história da literatura dispendo-se mais cortes no antes e no depois da diacronia, de tal forma que esses cortes articulem historicamente, em seus momentos constitutivos de épocas, mudança estrutural na literatura*” (JAUSS, 1994, p. 46, grifo original).

Este estudo não pretende elaborar o princípio de uma nova história da literatura espírita. Pensando em história da literatura, tradicionalmente, de forma diacrônica, como Jauss aponta ser a única até então (1967) frequentemente aplicada, talvez, nem essa exista na literatura espiritista. Algo que pretendo com esta pesquisa seria dar elementos para uma possível história da literatura espírita, segundo a Estética da Recepção, uma vez que, atualmente, no *movimento espírita brasileiro*, novos livros estão sendo escritos, fundamentados em obras de Kardec, Chico Xavier e outros; como é o caso dos livros do ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita) e EADE (Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita), *Paulo e Estêvão em sonetos*, *O evangelho por Emmanuel* e *O cérebro triúno*.

Além desses e outros livros escritos embasados na obra de Kardec e Xavier, chega à recepção, e por meio dela também, novos meios de divulgação dos livros. Há seminários lítero-musicais, músicas com letras referentes a poesias e romances psicografados, grupos de estudo *on-line*, etc.

Os recursos de recepção que a *internet* disponibiliza ampliam os “*cortes no antes e no depois da diacronia*” (JAUSS, 1994, p. 46, grifo original). Embora a literatura espírita não tenha os cortes no antes, pois não se conhece uma história da literatura espírita “tradicional”, ou diacrônica, pode-se pensar nesses *cortes* com as facilidades encontradas por meio das novas tecnologias. Estas, por meio da tela, vêm incrementando a recepção da literatura. No caso da

literatura espírita, há muitos livros que podem ser descarregados, gratuitamente, em formato *pdf*, em celulares, *tablets* ou computadores. Existem muitas obras espiritistas disponíveis em leitores digitais, por preço reduzido em relação aos impressos e que podem ser acessadas por vários aparelhos eletrônicos. A disponibilidade e a variabilidade de divulgação da literatura espírita fomentariam uma “*mudança estrutural na literatura*” (JAUSS, 1994, p. 46, grifo original) espírita, pois se pode pesquisar, por meio digital, arquivos relacionados à recepção das obras espíritas em algumas revistas que publicam, desde o século XIX, conteúdo espiritista. Acredita-se em mudança estrutural, pois a literatura espírita teria uma história, e essa história já seria registrada com o prisma que a Estética da Recepção sugere.

Desse modo, a observação da recepção da literatura espírita, com o intuito de fazer uma etnografia num grupo de estudos dessa doutrina, pode apresentar elementos que ajudem a verificar “*sistema[s] de relações na literatura*” (JAUSS, 1994, p. 46, grifo original) espiritista que se estuda no atual momento histórico, numa determinada região, no país mais profícuo em obras dessa natureza.

Enfim, a última tese que Jauss apresentou em sua aula inaugural, em abril de 1967, afirma que

a tarefa da história da literatura somente se cumpre quando a produção literária é não apenas apresentada sincrônica e diacronicamente na sucessão de seus sistemas, mas vista também como história particular, em sua relação própria com a história geral. Tal relação não se esgota no fato de podermos encontrar na literatura de todas as épocas um quadro tipificado, idealizado, satírico ou utópico da vida social. A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social (JAUSS, 1994, p. 50, grifo original).

Então, Jauss conclui as teses expostas em sua aula reiterando a importância do leitor na história da literatura, pois a história particular dos leitores relacionada com a história geral contribuiria para uma história da literatura mais abrangente e satisfatória, somente quando a produção literária tomar em consideração a recepção. Hans Robert Jauss ainda acrescenta que a literatura evidencia a sua função na sociedade ao permear o *horizonte de expectativa* do leitor em seu cotidiano, ajudando-o a elaborar novos pontos de vista em relação às suas vivências habituais, impactando-o cultural e socialmente.

Dessa forma, esta pesquisa, que propõe uma (n)etnografia de leitura em um grupo de estudos de um Centro Espírita, em Caxias do Sul, está em consonância com as teses

apresentadas por Jauss, em sua exposição de 1967, pois a recepção realizada, durante os estudos desse grupo, contempla as ideias que fundamentam a Estética da Recepção.

Então, o grupo pesquisado estuda um livro por ano. Em 2019, os estudantes leram o livro EADE I, em 2020 seria estudado o livro II do Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, mas, devido à pandemia, os planos mudaram, conforme exposto no próximo subcapítulo.

3.3 ESTUDO APROFUNDADO DA DOUTRINA ESPÍRITA (EADE)/ *O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO*

Embora tenha ocorrido a substituição da obra a ser lida pelo grupo de estudos em 2020, penso ser interessante, para esta tese, explicitar alguns aspectos dos livros que seriam estudados, se não houvesse o problema pandêmico no mundo. A opção por deixar neste subcapítulo o que já havia escrito antes da pandemia, sobre os livros I e II do EADE, contribui para demonstrar a transição que a pesquisa sofreu, pela definição do “novo” livro adotado para a leitura nos encontros virtuais. Isso também indica que o aspecto religioso do Espiritismo é fundamental para grupo de estudos pesquisado. Sendo este um trabalho etnográfico, as mudanças decorrentes, nesta pesquisa, devido à situação pandêmica, são fundamentais para o desenvolvimento da etnografia. Então, escrevo algumas páginas para apresentar os livros que seriam estudados pelo grupo espírita em questão e que, também, são utilizados por alguns grupos de estudos espíritas vinculados à FEB, em todo país.

O Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, também conhecido pela sigla EADE, faz parte de uma série de livros utilizados em muitas Casas Espíritas para orientar os conteúdos examinados nos grupos estudo. Todos esses livros são constituídos de compilações de textos das obras de Allan Kardec e outras que fundamentam os estudos sobre o Espiritismo. No EADE existem cinco livros, e os dois primeiros seriam os exemplares utilizados pelo grupo de estudos que está sendo observado para a pesquisa etnográfica desta tese. Dessa forma, pensa-se ser pertinente contextualizar sobre os livros dos quais muitos Centros Espíritas fazem uso nos seus ambientes de estudo, pois a recepção das obras espíritas, para muitos estudantes, passa primeiramente pelos livros sistematizados pela FEB, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) e Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE)

Há pré-requisitos para estudar os livros do EADE. Para iniciar o primeiro livro do Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, deve-se conhecer as obras básicas de Allan Kardec, principalmente *O livro do Espíritos* e *O livro dos Médiuns*, ou estar vinculado a grupos de estudos espíritas há, mais ou menos, cinco anos, em conformidade com os critérios da Casa

Espírita em que o estudante está inserido. Existem cinco livros que antecedem o EADE. Esses livros são compilações como o EADE e também são elaborados por pessoas especializadas nos temas do Espiritismo.

Os primeiros três livros, que antecedem o EADE, estão inseridos numa proposta pedagógica intitulada Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE). Tal proposta foi organizada pela professora de ensino fundamental Cecília Rocha, natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), que passou a residir na capital federal, depois de se aposentar, em 1980. Em 1983, a Campanha do ESDE foi lançada em Brasília, pela Federação Espírita Brasileira. No início, o ESDE contava com “seis apostilas de estudo, representativas de níveis graduais e seqüenciais [sic] de aprendizado doutrinário, utilizou a técnica do trabalho em grupo como diretriz pedagógica.” (ROCHA, 2012, p. 5)

Pensa-se que cabe um pouco de história, neste momento. Salomão Jacob Benchaya, em seu livro *Da religião espírita ao laicismo*, afirma que “Duas experiências, em especial, nascidas em território gaúcho ganharam projeção nacional e internacional: a evangelização infanto-juvenil e o estudo sistematizado do Espiritismo. Esta última é originária da SELC – atual CCEPA [...]” (BENCHAYA, 2006, p. 37).

Benchaya exerceu alguns cargos na FERGS e na SELC, hoje CCEPA: Federação Espírita do Rio Grande do Sul, Sociedade Espírita Luz e Caridade e Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, respectivamente. No livro citado no parágrafo anterior, Salomão Benchaya faz algumas revelações interessantes e, às vezes, enérgicas a respeito do *movimento espírita* gaúcho e brasileiro.

Sobre os estudos, ele relata que

A SELC já mantinha, na década de 70, grupos permanentes de estudo metódico do Espiritismo e que adotavam os programas do COEM – Centro de Orientação e Estudo da Mediunidade – exitosa iniciativa do Centro Espírita Luz Eterna, de Curitiba. Com o tempo, a SELC elaborou seus próprios programas e sua experiência com grupos de estudo constituiu-se no laboratório da campanha que seria lançada pela FERGS (BENCHAYA, 2006, p. 47).

Adiante, Benchaya informa que o *movimento espírita* gaúcho já havia oficializado, em 1978, com o aval da FERGS, a Campanha de divulgação dos estudos sistematizados para os centros espíritas do Rio Grande do Sul (RS). Em seguida, comenta a resistência dos membros de outras federativas, inclusive do próprio presidente da FEB, em aceitar estabelecer um modelo de estudos, semelhante ao do RS, nos seus estados (BENCHAYA, 2006).

O autor conta que Maurice Herbert Jones, seu companheiro na SELC e membro do Conselho Nacional Federativo da FEB, à época, insistia, nas reuniões com integrantes da Federação Espírita Brasileira, na importância de ter um estudo metódico sobre o Espiritismo nos Centros e Sociedades espíritas de todo Brasil. “Finalmente, face às pressões de Maurice Jones, Francisco Thiesen, Presidente da FEB, na reunião de 6 de julho de 1979, desafiou Jones a apresentar uma proposta oficial de campanha.” (BENCHAYA, 2006, p. 48).

Em 1980, Jones expõe o projeto, mas os representantes das federativas não estavam interessados no assunto e queriam adiar o tema para outra reunião. Então, Maurice Jones pressionou o presidente da FEB, reivindicando que houvesse votação para aceitar ou rejeitar o projeto. Benchaya narra que Jones “não podia entender aquela surda resistência a uma Campanha de Estudo do Espiritismo em um movimento que já desenvolvia uma intensa Campanha de Evangelização Infanto-juvenil.” (BENCHAYA, 2006, p. 48). Em seguida, o autor conta que Maurice Jones observou “a votação, que era aberta, pois apreciaria conhecer e registrar para a história, os dirigentes de Federações Estaduais que se atrevessem a reprovar uma campanha objetivando estimular o estudo do Espiritismo.” (BENCHAYA, 2006, p. 48). A pressão do representante gaúcho resultou na aprovação do projeto por unanimidade.

No entanto, houve desinteresse da Federação Espírita Brasileira sobre o assunto, segundo Benchaya, pois a Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita só seria lançada oficialmente pela FEB em 27 de novembro de 1983. (BENCHAYA, 2006) Em seguida, o autor confidencia que

Pode parecer estranho hoje se pensar que uma campanha de estudo, regular e sistemático, da Doutrina só foi possível lançar-se quando já haviam *[sic]* decorrido 100 anos da existência de um movimento espírita organizado, no Brasil. Foi, coincidentemente, em 1983, no mesmo ano em que lançou a Campanha, que a Federação Espírita Brasileira comemorou seu centenário. Não é exagero dizer-se, assim, que aquela campanha tão arduamente conquistada pela federativa gaúcha acabou por ser lançada com 100 anos de atraso, pois que esse deveria ter sido justamente o primeiro passo do espiritismo brasileiro. (BENCHAYA, 2006, p. 49)

Entende-se a posição dos representantes do *movimento espírita* gaúcho, Jones e Benchaya, pois o Espiritismo deveria ser uma doutrina respaldada no estudo metódico, como Kardec propõe em algumas obras. Na introdução de *O livro dos Espíritos*, item VIII, Kardec afirma que “O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se dá a ele. [...] Quem queira adquirir uma Ciência deve fazer um estudo metódico, começar pelo começo e seguir o encadeamento e o desenvolvimento das ideias.” (KARDEC, 2012, p. 43).

Anos mais tarde, Allan Kardec registra em *O Evangelho segundo o Espiritismo* uma mensagem atribuída ao Espírito de Verdade, no capítulo VI, intitulado “O Cristo Consolador”, que aconselha: “Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.” (KARDEC, 2013a, p. 107). Em outro livro, *Obras Póstumas*, está anotado que “Um curso regular de Espiritismo seria ministrado com a finalidade de desenvolver os princípios da Ciência e de propagar o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios” (KARDEC, 2013b, p. 313).

Dessa forma, depreende-se que, para Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, o estudo sério, metódico e constante do Espiritismo, deveria fundamentar as reflexões doutrinárias nas instituições espíritas.

O SELC, representado por seus membros Jones, Benchaya e outros, estava pensando em consonância com os postulados Kardequianos. Contudo, uma outra mensagem, recebida em terras brasileiras, mais precisamente em Porto Alegre, impulsiona o debate em torno dos estudos metódicos na comunidade espírita. O espírito Angel Aguarod teria ditado, para a médium Cecília Rocha, em uma reunião de apoio e orientação na Federação Espírita do Rio Grande do Sul, em 28 de abril de 1976, uma mensagem referente aos estudos espíritas, conforme este excerto:

Cabe, pois, aos espíritas, responsáveis pelo Movimento Espírita, uma ampla tarefa de divulgação das obras básicas da Doutrina, promovendo um estudo sistemático das mesmas [sic], com chamada de atenção para os aspectos que estão colocados à margem, com graves prejuízos para a assimilação correta dos princípios e bases do Espiritismo e de sua missão. Recomendariamos, portanto, o estudo de um plano amplo no sentido de esclarecer os mais responsáveis pela dinamização do Movimento Espírita, da importância do estudo, da interpretação e da vivência do Espiritismo. (OLIVEIRA, 2009, p. 174, grifo original)

Dois anos mais tarde, em 26 de julho de 1978, outra mensagem, atribuída a Angel Aguarod, psicografada pela mesma médium, reforça a importância de se efetivar estudos metódicos no *movimento espírita*: “Reiterando despretensiosa sugestão, recomendariamos uma ‘grande campanha’, para usar nomenclatura moderna, em torno da importância do estudo das obras básicas da Doutrina Espírita” (OLIVEIRA, 2009, p. 176).

Dessa maneira, evidencia-se a importância, dentro do *movimento espírita* brasileiro, dos estudos sistemáticos e regulares em torno das obras kardequianas e outras que auxiliam a sua compreensão.

Depois dessa história concisa em torno do lançamento do ESDE, cogita-se ser necessário registrar, também resumidamente, sua estrutura e a dos livros subsequentes utilizados nos estudos das Casas Espíritas, *Mediunidade: estudo e prática* e *Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita*.

É interessante anotar que esses dez livros, ESDE (3), *Mediunidade: estudo e prática* (2) e EADE (5), são compilações de obras espíritas e não espíritas e, portanto, são escolhas de leitores pensando nos próximos leitores. Isso remete à Teoria da Recepção, pois ela pretende uma história da literatura centrada na experiência do leitor, num tríplice aspecto: diacrônico, sincrônico e a relação da literatura com a vida prática, conforme explanado neste capítulo, nos itens 3.1 e 3.2.

O ESDE, como já comentado neste subcapítulo, foi organizado pela professora Cecília Rocha. Há três livros que são chamados de Tomos: Tomo I, Tomo II e Tomo Único. O conteúdo está disponível em Programa Fundamental, Tomo I e II e Programa Complementar, Tomo Único. Para cada Tomo do Programa Fundamental e Complementar há nove módulos de estudo, somando, então, vinte e sete módulos. Os dois Programas apresentam

uma visão panorâmica e doutrinária do Espiritismo, fundamentada na ordem dos assuntos existentes em *O Livro dos Espíritos*.
O objetivo fundamental deste Curso [...] é propiciar condições para estudar o Espiritismo de forma séria, regular e contínua, tendo como base as obras codificadas por Allan Kardec e o Evangelho de Jesus (ROCHA, 2012, p. 7).

A título de curiosidade, o Tomo I, na edição de 2012, tem 336 páginas, o Tomo II, edição de 2014, 248 páginas e o Tomo Único, edição de 2014, 472 páginas. Todos eles estão disponíveis para venda na maioria dos Centros Espíritas em que há grupos de estudo. Eles também podem ser descarregados gratuitamente no sítio eletrônico da FEB.

Seguindo a ordem dos livros organizados pela FEB para conduzir os estudos nos Centros Espíritas, os dois livros subsequentes ao ESDE são intitulados *Mediunidade: estudo e prática*, Programa I e II. A professora de Ensino Médio e Universitário, Marta Antunes de Oliveira Moura, é a responsável pela organização desses dois Programas. Segundo Moura,

A pessoa inscrita no Programa I do curso deve possuir conhecimento básico do Espiritismo, adquirido no estudo de obras básicas da Codificação, sobretudo *O livro dos espíritos*, nos encontros da juventude espírita ou do ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita), conteúdo programático básico. É desejável que os inscritos no Programa II conheçam *O livro dos médiuns*, que pode ser estudado em paralelo. (MOURA, 2014, p. 15)

Nota-se que a obra fundamental, e que serve de pré-requisito para o Programa I, é *O livro dos Espíritos*, primeira obra publicada por Allan Kardec, em abril de 1857. Para o Programa II, aconselha-se conhecer *O livro dos Médiuns*, segundo livro de Kardec, com primeira edição apresentada ao público em janeiro de 1861. Assim como no ESDE, além de Kardec, outro nome vem vinculado aos estudos do Espiritismo, nos dois Programas de *Mediunidade: estudo e prática*: “Os conteúdos doutrinários do curso estão firmemente assentados nos princípios da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, e nos valores morais do Evangelho de Jesus.” (MOURA, 2014, p. 9) No Brasil, maior país espírita do mundo, o Espiritismo toma um caráter mais religioso, o que para alguns espíritistas é adequado e para outros nem tanto.

Enfim, os livros do EADE são os últimos organizados pela FEB para conduzir os grupos de estudos dos Centros Espíritas interessados na proposta pedagógica sugerida pela instituição. Como registrado anteriormente, o Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita trata-se de cinco livros. Os temas apresentados para cada livro são: livro I, *Cristianismo e Espiritismo*; livro II, *Ensinos e parábolas de Jesus Parte I*; livro III, *Ensinos e parábolas de Jesus Parte II*; livro IV, *Espiritismo, o consolador prometido por Jesus*; e livro V, *Filosofia e ciências espíritas*.

Pelos títulos apresentados, nota-se que a religiosidade é o tema fundamental para os quatro primeiros livros, e somente no quinto livro o assunto se dirige para os aspectos filosóficos e científicos da Doutrina dos Espíritos. É importante lembrar que todos os cinco livros do EADE são organizados pela professora Marta Antunes de Oliveira Moura, a mesma pessoa responsável pelos livros dos Programas de *Mediunidade: estudo e prática*.

Contudo, nesta pesquisa seria observado como os leitores lidam, no grupo de estudo, com as leituras, as interpretações, as compreensões, as decodificações, entre outros aspectos relacionados à leitura e ao grupo de leitores envolvido, dos conteúdos apresentados nos livros I e II do EADE. Porém, devido à pandemia desencadeada pelo COVID-19, o grupo de estudos está lendo, interpretando e comentando outros livros, mas, principalmente, *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Optei por deixar o Quadro 2 para demonstrar os temas estudados em 2019, sua relação com o livro que seria estudado em 2020 e o livro que foi adotado no mesmo ano.

No ano de 2019, eu observei as aulas referentes ao livro I do EADE, *Cristianismo e Espiritismo*. O livro está dividido em dois módulos. Conforme o Quadro 2:

Quadro 2: Livro I do EADE

LIVRO I	
Módulo I Antecedentes do Cristianismo	Módulo II Cristianismo
Roteiro 1 Evolução do pensamento religioso	Roteiro 1 Nascimento e infância de Jesus roteiro
Roteiro 2 As religiões não cristãs (1)	Roteiro 2 Maria, mãe de Jesus
Roteiro 3 As religiões não cristãs (2)	Roteiro 3 João batista – o precursor
Roteiro 4 O judaísmo	Roteiro 4 A missão de Jesus – guia e modelo da humanidade
Roteiro 5 Moisés, o mensageiro da primeira revelação	Roteiro 5 Os apóstolos de Jesus. A missão dos doze apóstolos
	Roteiro 6 A escritura dos evangelhos. Os evangelistas
	Roteiro 7 Fenômenos psíquicos no evangelho
	Roteiro 8 Os discípulos de Jesus
	Roteiro 9 A última ceia
	Roteiro 10 O calvário, a crucificação e a ressurreição de Jesus
	Roteiro 11 Estêvão, o primeiro mártir do cristianismo
	Roteiro 12 Conversão e missão de Paulo de Tarso
	Roteiro 13 As viagens missionárias do apóstolo Paulo
	Roteiro 14 As epístolas de Paulo (1)
	Roteiro 15 As epístolas de Paulo (2)

(Continuação do Quadro).

	Roteiro 16 As epístolas de Paulo (3)	
	Roteiro 17 As epístolas de Tiago e de Pedro	
	Roteiro 18 Epístolas de João e de Judas	
	Roteiro 19 Atos dos apóstolos (1)	
	Roteiro 20 Atos dos apóstolos (2)	
	Roteiro 21 O apocalipse de João	
	Roteiro 22 A igreja cristã primitiva	
	Roteiro 23 Igreja Católica Apostólica Romana e Ortodoxa	
	Roteiro 24 Islamismo	
	Roteiro 25 A Reforma Protestante	

Fonte: Criação do autor (2020).

Muitos livros foram utilizados para compor o livro I do EADE, *Cristianismo e Espiritismo*. Há citações de várias obras com referências ao fim de cada Roteiro. Os organizadores responsáveis pela escolha dos textos para os temas propostos no livro I do EADE, Moura e seus auxiliares, leram-nos antecipadamente, elegendo os mais apropriados, segundo suas vivências literárias, tentando, possivelmente, motivar, aos futuros leitores, conforme os seus horizontes de expectativas, algumas possibilidades de compreensão dos textos dispostos no primeiro livro dessa série.

Nota-se que os organizadores do livro EADE I são, também, autores, pois, além de citar textos, elucidam alguns temas com comentários próprios. Ao fazerem esses comentários, os organizadores produzem sentido antes de seus leitores.

Gumbrecht afirma que “A constituição do sentido, como produção do texto por parte do autor e a constituição do sentido como compreensão do texto, por parte do leitor, distingue-se naturalmente” (GUMBRECHT, 1979, p. 191). Essa afirmação possibilita pensar, referindo-se

ao EADE I, que há os autores dos livros citados pelos organizadores produzindo sentido, os organizadores como receptores e autores, produzindo sentido como leitor e autor e, por último, pensando no grupo de estudo espírita, os leitores do livro EADE I produzindo sentidos com o resultado da constituição de sentidos dos autores dos livros citados e com o dos organizadores. No caso do EADE I, ao chegar no grupo de estudos, já há, no mínimo, três produções de sentido distintas: a do autor, a do organizador-leitor e a do organizador-autor. Dessa forma, pode-se ter uma história da literatura com foco no leitor, como pretende a Estética da Recepção.

Em 2020, o livro EADE II, *Ensinos e parábolas de Jesus Parte I*, seria estudado pelo grupo pesquisado. Há dois livros, EADE II e III, cujo tema refere-se aos ensinamentos e às parábolas de Jesus, por isso parte I para o livro EADE II e parte II para o EADE III. Nesses dois livros, além da organizadora e sua equipe, há auxílio de dois estudiosos do Evangelho, conforme está registrado nos agradecimentos do livro EADE II:

Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão a Honório Onofre Abreu (1930 - 2007), valoroso trabalhador espírita e amigo querido que, no Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, elaborou o programa e os textos dos livros II e III – Ensinos e Parábolas de Jesus, partes 1 e 2, analisados à luz da Doutrina Espírita. (MOURA, 2015, p. 9)

Mais adiante, ainda nos agradecimentos, os organizadores reconhecem a participação de Haroldo Dutra Dias no desenvolvimento do conteúdo para os livros II e III do EADE. Dias, atualmente, é um dos mais reconhecidos palestrantes dentro do *movimento espírita* nacional e internacional, autor de alguns livros e tradutor do Novo Testamento, diretamente dos manuscritos gregos para a Língua Portuguesa, editado pelo Conselho Espírita Internacional, em 2010.

O EADE II, *Ensinos e parábolas de Jesus Parte I*, está subdividido em seis módulos. Conforme a Quadro 3:

Quadro 3: Livro II do EADE

EADE II
Ensinos e parábolas de Jesus Parte I
MÓDULO I
Metodologia para o estudo do Evangelho à luz da Doutrina Espírita
Roteiro 1
A Doutrina Espírita e o Evangelho
Roteiro 2
As três revelações divinas: Moisés, Jesus e Kardec
Roteiro 3
Crítérios de estudo e interpretação do Evangelho (1)

(Continuação do Quadro).

Roteiro 4 Critérios de estudo e interpretação do Evangelho (2)
Roteiro 5 Interpretação de textos evangélicos
MÓDULO II Ensinos diretos de Jesus
Roteiro 1 As bem-aventuranças
Roteiro 2 Discípulos: sal da terra e luz do mundo
Roteiro 3 Não vim trazer paz, mas espada
Roteiro 4 Nicodemus
Roteiro 5 Verdade e libertação
Roteiro 6 A inspiração de Pedro
Roteiro 7 Instruções aos discípulos
MÓDULO III Ensinos por parábolas
Roteiro 1 O semeador
Roteiro 2 O bom samaritano
Roteiro 3 A rede
Roteiro 4 O trigo e o joio
Roteiro 5 A candeia
Roteiro 6 O fariseu e o publicano
MÓDULO IV Aprendendo com as curas
Roteiro 1 O paralítico de Cafarnaum
Roteiro 2 O cego de Betsaida
Roteiro 3 A cura da sogra de Pedro e dos endemoniados
Roteiro 4 O homem da mão mirrada
MÓDULO V Aprendendo com os fatos cotidianos
Roteiro 1 João Batista
Roteiro 2 Zaqueu, o publicano
Roteiro 3 O chamamento de Levi (Mateus), Pedro, André, João e Tiago maior
Roteiro 4 O centurião de Cafarnaum
Roteiro 5 A caminho de Emaús

(Finalização do Quadro).

MÓDULO VI
Aprendendo com fatos extraordinários
Roteiro 1
A pesca maravilhosa
Roteiro 2
As bodas de caná
Roteiro 3
A tempestade acalmada

Fonte: Criação do autor (2020).

Como mencionado anteriormente, os organizadores do EADE necessitaram da cooperação de dois estudiosos da Bíblia, os mineiros Honório Onofre Abreu e Haroldo Dutra Dias. Há no *movimento espírita* de Minas Gerais uma tradição do estudo da Bíblia à luz do Espiritismo, principalmente do Novo Testamento. Mesmo na condição de organizador-leitor e de organizador-autor, Moura e seus assistentes afirmam ter aprendido a lidar com os textos evangélicos com os mineiros, principalmente Abreu, durante dois anos:

Somos tomados por profundas e felizes emoções quando, voltando ao passado, recordarmos os primeiros contatos com Honório e a sua imediata aceitação em realizar o trabalho. Por dois anos consecutivos, de 2003 a 2005, estabeleceu-se entre nós fraterna convivência, período em que tivemos a oportunidade de aprender estudar o Evangelho de Jesus, ampliando o entendimento do assunto que extrapola interpretações literais ainda comuns, inclusive no meio espírita. (MOURA, 2015, p. 9)

Considerando os textos utilizados para estruturar o Livro EADE II, percebe-se alguns livros da codificação Kardequiana, alguns de Chico Xavier, Bíblia e outros. Por se tratar de estudos referentes ao ensino e parábolas de Jesus, então, tem-se como texto fundamental a Bíblia, sobretudo o Novo Testamento. Um dos livros de Kardec utilizado no EADE II é *O Evangelho segundo o Espiritismo*, que cita alguns textos do evangelho, com comentários de Allan Kardec e outros atribuídos a alguns espíritos. Livros de Xavier, *Caminho, verdade e vida*, *Vinha de luz* e outros, cuja autoria é atribuída ao espírito Emmanuel, que fazem interpretações de versículos da Bíblia à luz das obras de Kardec.

Percebe-se, assim, que *O Evangelho segundo o Espiritismo*, livro adotado para o estudo em 2020, pelo grupo pesquisado, devido ao isolamento social, também é uma obra que se dedica ao estudo bíblico, principalmente do Novo Testamento, como o EADE II. Assim como os livros que seriam estudados foram apresentados em quadros, para mostrar os seus conteúdos, apresento, a seguir, o Quadro 4 para delinear os temas propostos na obra kardequiana, publicada em 1864.

Quadro 4: O Evangelho segundo o Espiritismo

Sumário/ Nota da Editora/ Explicação/ Prefácio
Introdução I - Objetivo desta obra. II – Autoridade da Doutrina Espírita - Controle universal do ensino dos Espíritos. III – Notícias históricas. IV – Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo - Resumo da doutrina de Sócrates e Platão
Capítulo I – Não vim destruir a lei As três revelações: Moisés, Cristo, Espiritismo – Aliança da Ciência e da Religião - <i>Instruções dos Espíritos: A nova era</i>
Capítulo II – Meu Reino não é deste mundo A vida futura – A realeza de Jesus – O ponto de vista – <i>Instruções dos Espíritos: Uma realeza terrestre</i>
Capítulo III – Há muitas moradas na casa do meu Pai Diferentes estados da alma na erraticidade – Diferentes categorias de mundos habitados – Destinação da Terra. Causas das misérias humanas – <i>Instruções dos Espíritos: Mundos inferiores e mundos superiores – Mundos de expiações e de provas – Mundos regeneradores – Progressão dos mundos</i>
Capítulo IV – Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo Ressurreição e reencarnação. – A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe. – <i>Instruções dos Espíritos: Limites da encarnação. – Necessidade da encarnação</i>
Capítulo V – Bem-aventurados os aflitos Justiça das aflições – Causas atuais das aflições – Causas anteriores das aflições – Esquecimento do passado – Motivos de resignação – O suicídio e a loucura – <i>Instruções dos Espíritos: Bem e mal sofrer – O mal e o remédio – A felicidade não é deste mundo – Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras – Se fosse um homem de bem, teria morrido – Os tormentos voluntários – A desgraça real – A melancolia – Provas voluntárias. O verdadeiro cilício – Dever-se-á pôr termo às provas do próximo? – Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura? – Sacrifício da própria vida – Provento dos sofrimentos para outrem</i>
Capítulo VI – O Cristo Consolador O jugo leve – Consolador prometido – <i>Instruções dos Espíritos: Advento do Espírito de Verdade</i>
Capítulo VII – Bem-aventurados os pobres de espírito O que se deve entender por pobres de espírito – Aquele que se eleva será rebaixado – Mistérios ocultos aos doutos e aos prudentes – <i>Instruções dos Espíritos: O orgulho e a humildade – Missão do homem inteligente na Terra</i>
Capítulo VIII – Bem-aventurados os que têm puro o coração Simplicidade e pureza de coração – Pecado por pensamentos. Adultério – Verdadeira pureza. Mãos não lavadas – Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a – <i>Instruções dos Espíritos: Deixai que venham a mim as criancinhas – Bem-aventurados os que têm fechados os olhos</i>
Capítulo IX – Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos Injúrias e violências – <i>Instruções dos Espíritos: A afabilidade e a doçura – A paciência – Obediência e resignação – A cólera</i>
Capítulo X – Bem-aventurados os que são misericordiosos Perdoai, para que Deus vos perdoe – Reconciliação com os adversários – O sacrifício mais agradável a Deus – O argueiro e a trave no olho – Não julgueis, para não serdes julgados. Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado – <i>Instruções dos Espíritos: Perdão das ofensas – A indulgência – É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem, divulgar o mal de outrem?</i>
Capítulo XI – Amar o próximo como a si mesmo O mandamento maior. Fazemos aos outros o que queiramos que os outros nos façam. Parábola dos Credores e dos Devedores – Dai a César o que é de César – <i>Instruções dos Espíritos: A lei de amor – O egoísmo – A fé e a caridade – Caridade para com os criminosos – Deve-se expor a vida por um malfeitor</i>

(Continuação do Quadro).

Capítulo XII – Amai os vossos inimigos Retribuir o mal com o bem – Os inimigos desencarnados – Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra – <i>Instruções dos Espíritos</i>: A vingança – O ódio – O duelo
Capítulo XIII – Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a mão direita Fazer o bem sem ostentação – Os infortúnios ocultos – O óbolo da viúva – Convidar os pobres e os estropiados. Dar sem esperar retribuição – <i>Instruções dos Espíritos</i>: A caridade material e a caridade moral – A beneficência – A piedade. Os órfãos – Benefícios pagos com a ingratidão – Beneficência exclusiva
Capítulo XIV – Honrai a vosso pai e a vossa mãe Piedade filial – Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? – A parentela corporal e a parentela espiritual – <i>Instruções dos Espíritos</i>: A ingratidão dos filhos e os laços de família
Capítulo XV – Fora da caridade não há salvação O de que precisa o Espírito para ser salvo. Parábola do Bom Samaritano – O mandamento maior – Necessidade da caridade, segundo Paulo – Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação – <i>Instruções dos Espíritos</i>: Fora da caridade não há salvação
Capítulo XVI – Não se pode servir a Deus e a Mamom Salvação dos ricos – Preservar-se da avareza – Jesus em casa de Zaqueu – Parábola do Mau Rico – Parábola dos Talentos – Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria – Desigualdade das riquezas – <i>Instruções dos Espíritos</i>: A verdadeira propriedade – Emprego da riqueza – Desprendimento dos bens terrenos – Transmissão da riqueza
Capítulo XVII – Sede perfeitos Caracteres da perfeição – O homem de bem – Os bons espíritos – Parábola do Semeador – <i>Instruções dos Espíritos</i>: O dever – A virtude – Os superiores e os inferiores – O homem no mundo – Cuidar do corpo e do espírito
Capítulo XVIII – Muitos os chamados, poucos os escolhidos Parábola do Festim das Bodas – A porta estreita – Nem todos os que dizem: “Senhor! Senhor!” entrarão no Reino dos Céus – Muito se pedirá àquele que muito recebeu – <i>Instruções dos Espíritos</i>: Dar-se-á àquele que tem – Pelas suas obras é que se reconhece o cristão
Capítulo XIX – A fé transporta montanhas Poder da fé – A fé religiosa. Condição da fé inabalável – Parábola da Figueira que Secou – <i>Instruções dos Espíritos</i>: A fé: mãe da esperança e da caridade – A fé humana e a divina
Capítulo XX – Os trabalhadores da última hora <i>Instruções dos Espíritos</i>: Os últimos serão os primeiros – Missão dos espíritos – Os obreiros do Senhor
Capítulo XXI – Haverá falsos cristos e falsos profetas Conhece-se a árvore pelo fruto – Missão dos profetas – Prodígios dos falsos profetas – Não creais em todos os Espíritos – <i>Instruções dos Espíritos</i>: Os falsos profetas – Caracteres do verdadeiro profeta – Os falsos profetas da erraticidade – Jeremias e os falsos profetas
Capítulo XXII – Não separeis o que Deus juntou Indissolubilidade do casamento – O divórcio
Capítulo XXIII – Estranha moral Odiar os pais – Abandonar pai, mãe e filhos – Deixar aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos – Não vim trazer a paz, mas a divisão
Capítulo XXIV – Não ponhais a candeia debaixo do alqueire Candeia sob o alqueire. Por que fala Jesus por parábolas – Não vades ter com os gentios – Não são os que gozam saúde que precisam de médico – Coragem da fé – Carregar sua cruz. Quem quiser salvar a vida, perdê-la-á
Capítulo XXV – Buscai e achareis Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará – Observai os pássaros do céu – Não vos afadigueis pela posse do ouro
Capítulo XXVI – Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes Dom de curar – Preces pagas – Mercadores expulsos do templo – Mediunidade gratuita

(Finalização do Quadro).

Capítulo XXVII – Pedi e obtereis
Qualidades da prece – Eficácia da prece – Ação da prece. Transmissão do pensamento – Preces inteligíveis – Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores – <i>Instruções dos Espíritos: Maneira de orar – Felicidade que a prece proporciona</i>
Capítulo XXVIII – Coletânea de preces espíritas
Preâmbulo
I – <i>Preces gerais</i> . II – <i>Preces por aquele mesmo que ora</i> . III – <i>Preces por outrem</i> . IV – <i>Preces pelos que já não são da Terra</i> . V – <i>Preces pelos doentes e pelos obsidiados</i>
Nota Explicativa/ Índice Geral

Dessa maneira, conforme a apresentação dos temas inseridos nos três livros apresentados anteriormente, verifica-se a leitura da Bíblia em diferentes épocas, segundo os horizontes de expectativa de leitores variados e em contextos distintos. Kardec faz sua interpretação em conformidade com o Espiritismo, Xavier lê e produz sentido com o auxílio da interpretação de Kardec, Abreu interpreta com a contribuição das leituras de Francisco Cândido Xavier e Allan Kardec, os leitores do EADE I, II e de *O Evangelho segundo o Espiritismo* estabelecem sentidos amparados pelos leitores mencionados nas linhas precedentes. Considera-se possível, então, abordar a Literatura Espírita fundamentada na experiência do leitor, em conformidade com os princípios estabelecidos pela Estética da Recepção.

Contudo, para se verificar como ocorre a experiência de leitura no grupo de estudo observado, necessita-se de critério, método, neste caso, uma abordagem etnográfica. Pretende-se, dessa forma, explicar tal metodologia nas páginas que seguem.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

“Para as coisas novas necessitam-se de
palavras novas”.
(KARDEC)

O termo etnografia foi criado no século XIX, segundo Kozinets (2014), devido à necessidade para designar o novo campo de estudos que buscava conhecer os costumes e os modos dos chamados selvagens, à época. A maior parte dos antropólogos do século XIX faziam os seus estudos em gabinetes, não iam a campo para obter as informações do grupo social a ser estudado. Os dados informacionais, sobre os povos ditos primitivos, eram presumidos e examinados “mediante a leitura de relatos de viajantes, expedições científicas, missionários ou informes das oficinas coloniais”. (URIARTE, 2012, p. 03)

Mais tarde, no fim do século XIX, alguns antropólogos iniciam seus trabalhos em campo, mas foi com o polonês, Bronisław Kasper Malinowski, no início do século XX, atribuído pela tradição como fundador da etnografia moderna (GABRIELE, 2016), que o fazer etnográfico teria concebido a necessidade da convivência com o grupo social que se pretendia pesquisar. Seria fundamental participar do cotidiano, interagir nas mais diversas situações, tantas quanto possível.

Malinowski apresenta ao público uma obra intitulada *Argonautas do Pacífico Ocidental*, em 1922. Esse livro é fruto de uma pesquisa que durou três anos, nas ilhas Trobriand. Lá ele conviveu com os nativos cotidianamente, aprendeu o idioma local, observou, anotou, escreveu, refletiu, reescreveu sobre a cultura na qual estava imerso. Na introdução desse livro, o autor informa o método do qual fez uso para a sua investigação etnográfica junto aos trobriandeses.

Malinowski compreende que o cientista deve manter a sua pesquisa de forma sistemática e metódica para recolher o máximo de detalhes possível, o que formaria a base para a futura análise e, “dispondo de um cabedal científico, o investigador tem a capacidade de conduzir a pesquisa através de linhas de efetiva relevância e a objetivos realmente importantes.” (MALINOWSKI, 1984, p. 29)

Percebe-se, em Malinowski, a constante inquietação do cientista que quer dar a sua contribuição referente ao conhecimento de uma cultura específica. Ao afirmar que “revendo o material todo que tinha em mãos e preparando, inclusive, algumas porções dele para publicação, mesmo ciente, a cada passo, de que teria de reescrevê-lo” (MALINOWSKI, 1984, p. 29), ele

demonstra uma continuidade do fazer etnográfico. Embora haja a necessidade de publicar as descrições da cultura em estudo, sabe-se que, como numa obra de arte (pintura, escultura, literatura), alguns retoques devem ser feitos, inclusive pode-se reconstruir uma obra inteira e ainda ficar com a sensação de que algo não foi expresso ou mal expresso.

O pesquisador polonês desenvolve, então, procedimentos e estratégias que configurariam a etnografia moderna, dentre eles a observação participante e o registro são fundamentais, pois “cada fenômeno deve ser estudado a partir do maior número possível de suas manifestações concretas; cada um deve ser estudado através de um levantamento exaustivo de exemplos detalhados.” (MALINOWSKI, 1984, p. 31)

Nenhuma situação, nenhum fato deve ser desprezado, tudo é importante para os objetivos da etnografia, segundo Malinowski. Ele também chama a atenção para a subjetividade do pesquisador. Inserido no cotidiano dos nativos, como observador participante, seria impossível, para o cientista, ser totalmente imparcial. Contudo, assevera que, “mesmo nesse particular, devemos empenhar-nos no sentido de deixar que os fatos falem por si mesmos.” (MALINOWSKI, 1984, p. 35)

Os atos cristalizados da cultura e os seus princípios rígidos são, para Malinowski, o esqueleto, a estrutura social. Os hábitos e os elementos sociais comuns que decorrem diariamente são a carne e o sangue do “corpo” em estudo. Contudo, Malinowski lembra que, além dessas duas partes do *corpus*, deve-se anotar, também, as expressões do que ele chama de espírito: “os pontos de vista, as opiniões, as palavras dos nativos” (MALINOWSKI, 1984, p. 36).

Logo ele confirma a importância dessas três partes do *corpus* sobre as quais o pesquisador necessita registrar, em sua investigação, por meio de anotação diária, visto que “em todo ato da vida tribal existe, primeiro, a rotina estabelecida pela tradição e pelos costumes; em seguida, a maneira como se desenvolve essa rotina; e, finalmente, o comentário a respeito dela, contido na mente dos nativos. (MALINOWSKI, 1984, p. 36)

No último item da introdução da obra *Argonautas do Pacífico Ocidental*, o autor considera que há três caminhos possíveis para os propósitos da pesquisa etnográfica em campo. Embora esses caminhos sejam diferentes, eles se complementam:

1. A organização da tribo e a anatomia de sua cultura devem ser delineadas de modo claro e preciso. O método de *documentação concreta e estatística* fornece os meios com que podemos obtê-las.
2. Este quadro precisa ser completado pelos *fatos imponderáveis da vida real* bem como pelos *tipos de comportamento*, coletados através de observações detalhadas e

minuciosas que só são possíveis através do contato íntimo com a vida nativa e que devem ser registradas nalgum tipo de diário etnográfico.

3. O *corpus inscriptionum* - uma coleção de asserções, narrativas típicas, palavras características, elementos folclóricos e fórmulas mágicas - deve ser apresentado como documento da mentalidade nativa. (MALINOWSKI, 1984, p. 37, grifo original)

Então, Malinowski, o pai da etnografia moderna, segundo a tradição, diferentemente da maioria dos etnógrafos que o antecederam, afirma a necessidade de imersão cultural, o pesquisador deve estar inserido no grupo social que pretende estudar por um tempo razoável, tempo esse no qual é fundamental aprender o idioma local, os ritos, anotar os atos cotidianos, enfim, necessita “aprender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão de seu mundo.” (MALINOWSKI, 1984, p. 37-38).

Nascido quatro anos depois do lançamento de os *Argonautas do Pacífico Ocidental*, em 1926, o norte-americano Clifford Geertz torna-se, anos mais tarde, um antropólogo reconhecido por ser um dos maiores representantes da Antropologia Hermenêutica. (GEERTZ, 2015) Suas ideias não reconhecem linhas divisórias, dialogam com diversas áreas do conhecimento como História, Comunicação, Psicologia, Filosofia, Letras. Para ele, “o conceito de cultura [...] é essencialmente semiótico” (GEERTZ, 2015, p. 04) e, adiante assevera que a cultura pode ser considerada como teias de significados e sua análise, que o próprio homem teceu e nelas se emaranhou. Por isso, ele afirma buscar significado e explicação em suas pesquisas, visto não considerar a cultura “como uma ciência experimental em busca de leis, mas [...] uma ciência interpretativa” (GEERTZ, 2015).

A etnografia, segundo o fundador da Antropologia Hermenêutica, como alguns intitulam Geertz, “é uma descrição densa.” (GEERTZ, 2015, p. 07) Adiante afirma que a etnografia “é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele [o etnógrafo] tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar.” (GEERTZ, 2015, p. 07)

Com a etnografia finalizada, o que está informado pelo pesquisador passa a ser a “nossa própria construção das construções de outras pessoas” (GEERTZ, 2015, p. 07). Interpretar a cultura por meio do fazer etnográfico é produzir um artefato para que um grupo social compreenda o artefato de outro grupo social.

Pode-se considerar a etnografia como uma elaboração organizada de uma vivência em uma composição textual, tradução do conspícuo para o expresso em palavras, (LAPLANTINE, 2004) ou, ainda, “uma tradução da experiência para a forma textual.” (CLIFFORD, 2002, p.

21) Então, o etnógrafo pode ser considerado um tradutor. Como se sabe, nenhuma tradução consegue ser fiel à versão original do texto. O tradutor é um traidor, segundo o provérbio italiano. Todavia, ele é um traidor não porque quer ser (pressupõe-se), mas pela impossibilidade cultural de não ser, pois ele também está preso às teias e suas análises que, ao mesmo tempo, sustentam-no, conformam-no e limitam-no.

Para o pesquisador, a experiência etnográfica é tensa, complexa, pois sabe-se que o sucesso não ocorrerá totalmente, talvez, satisfatoriamente. Sendo a cultura pública, uma ideiação, sem, contudo, pertencer a um indivíduo; não-física, porém manifesta (GEERTZ, 2015), o etnógrafo busca “formular a base na qual se imagina, sempre excessivamente, estar-se situado, eis no que consiste o texto antropológico como empreendimento científico.” (GEERTZ, 2015, p. 10)

Geertz afirma que a etnografia é uma interpretação. Mesmo quando um nativo faz a etnografia de seu grupo social, ela continua sendo uma interpretação, diferente da análise cultural de um etnógrafo não-nativo, mas uma versão descrita do que pensa ser a sua cultura. “Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ — o sentido original de *fictio* — não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento.” (GEERTZ, 2015, p. 11, grifos originais). Geertz faz uma comparação com a literatura para abordar essa ficcionalidade. Ele assevera que a literatura se baseia em personagens hipotéticos e eventos que não aconteceram de fato, diferentemente da etnografia, na qual tanto os personagens quanto os eventos são apresentados como reais. (GEERTZ, 2015, p. 11)

A análise cultural sempre vai ser incompleta, para Geertz (GEERTZ, 2015). Penso que as análises e as interpretações, de qualquer objeto, não podem ter a pretensão da completude, visto que a perspectiva do analista é uma das muitas possíveis. O capital cultural do etnógrafo também ampara as suas percepções e interpretações. Por isso, talvez, Geertz afirme que “a antropologia interpretativa, é uma ciência cujo progresso é marcado menos por uma perfeição de consenso do que por um refinamento de debate.” (GEERTZ, 2015, p. 20).

James Clifford, em *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, depois de apresentar e tecer comentários sobre os processos etnográficos experiencial e interpretativo, o primeiro representado, neste capítulo, por Malinowski e o segundo por Geertz, discorre sobre outros dois processos da etnografia: o dialógico e o polifônico.

A autoridade do fazer etnográfico foi repensada, visto que ela deveria ser “como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes

e politicamente significativos.” (CLIFFORD, 2002, p. 43). Então, o etnógrafo deve dividir a sua tarefa com um ou mais integrantes da cultura que quer textualizar.

Pensando com Benveniste, Clifford afirma que, num determinado contexto, ao utilizar-se o pronome *eu* presume-se um *você*, ou seja, só existe significado num discurso se houver um interlocutor, no mínimo, e uma situação comunicativa. (CLIFFORD, 2002) Adiante, o autor, depois de citar Bakhtin, referente à heteroglossia da linguagem, assevera que não se pode cogitar as palavras que compõem uma etnografia monologicamente, pois “a linguagem da etnografia é atravessada por outras subjetividades e nuances contextuais específicas” (CLIFFORD, 2002, p. 43-44).

Com essas acepções, alguns trabalhos foram registrados em forma de diálogo, nos quais “os interlocutores negociam ativamente uma visão compartilhada da realidade.” (CLIFFORD, 2002, p. 45) O etnógrafo profissional, nessa abordagem dialógica e também na polifônica, divide a autoridade etnográfica com o(s) seu(s) interlocutor(es), que de informante(s), nos procedimentos experiencial e interpretativo, passa(m) a ser etnógrafo(s). “Os antropólogos terão cada vez mais de partilhar seus textos, e por vezes as folhas de rosto dos livros, com aqueles colaboradores nativos para os quais o termo *informante* não é mais adequado, se é que um algum dia foi.” (CLIFFORD, 2002, p. 55, grifo original)

A comparação entre etnografia e romance se faz presente no texto de Clifford para contrastar os modos da escrita etnográfica. Ele cita Flaubert e Dickens. O primeiro utiliza-se da citação indireta, com narrador onisciente, que conhece inclusive os pensamentos e os desejos de seus personagens. O segundo faz uso da citação direta, o narrador é menos controlador, outras vozes interferem no seu discurso, há lacunas a serem preenchidas pelos interlocutores/leitores. Flaubert então representaria as abordagens experiencial e interpretativa e Dickens, a dialógica e a polifônica. (CLIFFORD, 2002)

Como não há um método perfeito para o fazer etnográfico, Clifford assegura que os quatro estudados por ele no seu texto “estão disponíveis a todos os escritores de textos etnográficos, ocidentais e não-ocidentais. Nenhum é obsoleto, nenhum é puro: há lugar para invenção dentro de cada um destes paradigmas.” (CLIFFORD, 2002, p. 58)

Como percebeu-se com o exposto neste subcapítulo, há uma constante busca pelo aperfeiçoamento para as abordagens etnográficas. Com o processo experiencial, verificou-se a necessidade de ir a campo, estar presente nas mais diversas situações para observar, anotar, pensar e descrever a cultura estudada. Na abordagem interpretativa, o etnógrafo também tem a sua experiência em campo, em meio aos nativos, observa, anota, pensa, descreve; contudo, identifica em fatos simples, como piscadelas, objetos para extrair análises profundas da cultura

estudada. A etnografia é uma descrição “extraordinariamente ‘densa’” (GEERTZ, 2015, p. 07). Já com as abordagens dialógica e polifônica, a autoridade do etnógrafo é contestada. Isso já se pensava nos processos etnográficos experiencial e interpretativo, mas essas abordagens – a dialógica e a polifônica - colocam a voz ou as vozes dos nativos ao lado da voz do etnógrafo, ou seja, os nativos também são etnógrafos.

É um processo comum na ciência atualizar os métodos de analisar os objetos pesquisados dentro de um campo de estudos definido. Nota-se isso com as quatro abordagens etnográficas apresentadas aqui. Mas, e quando o campo muda? Como é o caso da minha pesquisa, que comecei *in loco*, no Centro espírita, e desde o dia 25 de março de 2020, estamos fazendo a reunião virtualmente, *on-line*. O campo agora é o meu quarto ou o meu escritório, neles observo, anoto, penso, escrevo, porém isso é assunto do próximo subcapítulo.

4.2 NETNOGRAFIA

Com as situações impostas pelo novo Coronavírus, as reuniões no Centro Espírita Alunos do Bem foram suspensas desde o início da terceira semana de março de 2020. Assim, a minha pesquisa também ficaria interrompida até segunda ordem. Essa ordem veio de maneira sutil, de tal forma que demorei algumas semanas para compreendê-la. O grupo de estudos do CEAB, no qual faço a pesquisa, continuou a se comunicar pelo grupo de *whatsapp* postando fotos, imagens, vídeos e textos geralmente sobre temas espíritas.

No dia 25 de março de 2020, duas semanas depois de nosso último encontro presencial para os estudos da doutrina espírita, no CEAB, o facilitador do grupo de estudos nos propôs, pelo *whatsapp*, fazermos o Evangelho no Lar, às 21h. Então, às 21h01, ele enviou um áudio com uma prece, depois nos passou o capítulo e o item do livro *O evangelho segundo o Espiritismo*. Enviou uma foto que demonstrava o título do item a ser lido: “Os inimigos desencarnados”. Cada um leu o texto, de onde estava (eu estava em casa), e depois alguns comentaram no grupo de *whatsapp*. Os encontros ocorreram dessa maneira por mais três semanas, 01, 08 e 15 de abril de 2020.

Antes do *Evangelho no lar* do dia 15 de abril, combinamos fazer uma reunião *on-line* teste, semelhante a um encontro por videoconferência, às 19h30min, em uma plataforma digital chamada *Zoom*, mas somente seis pessoas conseguiram acessar a plataforma. Contudo, a partir da semana seguinte, mais precisamente dia 22, conseguimos nos reunir pelo *Zoom*. Nessa semana, retomei o meu diário de bordo para fazer as devidas anotações. Algumas semanas

depois, conversei com o orientador da tese sobre a possibilidade de continuar com a pesquisa de modo *on-line*. Ele concordou e me incentivou.

Todavia, a pesquisa etnográfica *on-line* demanda novos procedimentos. E por se tratar de um campo distinto daqueles nos quais os etnógrafos têm uma experiência *in loco*, com o grupo étnico a ser estudado, alguns intitularam essa abordagem metodológica como Netnografia, pois “novos mapeamentos da realidade às vezes exigem novos nomes” (KOZINETTS, 2014, p. 12).

Como mencionado no fim do subcapítulo anterior, o campo onde, agora, faço a minha pesquisa é o meu escritório ou o meu quarto, fisicamente. Acrescentei o advérbio fisicamente, porque embora esteja em minha casa, virtualmente e mentalmente estou em outro lugar. Como me encontrava com as mesmas pessoas há algum tempo no CEAB, para os mesmos fins, parece-me que estou em um lugar semelhante ao CEAB, até ocorrer uma interferência de ordem tecnológica que interrompe a comunicação, por alguns instantes, e percebo que estou diante de uma tela de computador, por alguns instantes.

Embora o campo seja distinto da etnografia, a netnografia guarda algumas semelhanças com ela, pois trata-se de “pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online.” (KOZINETTS, 2014, p. 61-62). A netnografia percorre as seguintes etapas da etnografia: “planejamento do estudo, entrada, coleta de dados, interpretação, garantia de padrões éticos e representação da pesquisa.” (KOZINETTS, 2014, p. 62). A minha pesquisa já havia percorrido algumas delas com a investigação *in loco*, mas tive que recomeçar devido às mudanças impostas pelos estudos *on-line*. Entre essas mudanças estão a utilização do computador ou do celular como meio de comunicação entre os membros do grupo, um número menor de participantes nos estudos *on-line* e substituição do livro a ser lido, interpretado e comentado.

Faz-se interessante anotar que esta pesquisa não é sobre uma comunidade *on-line*, ela assemelha-se mais a uma pesquisa *on-line* de uma comunidade, pois o grupo de estudos já existia antes de os membros se reunirem por meio da *internet*. Para Kozinets, os estudos *on-line* de uma comunidade

examinam algum fenômeno social geral cuja existência social vai muito além da internet e das interações online, ainda que essas interações possam desempenhar um papel importante com a afiliação ao grupo. Estudos online de comunidades tomam um determinado fenômeno social ou comunal como sua área focal de interesse e depois estendem isso, argumentando ou presumindo que, por meio do estudo da comunidade online, algo significativo pode ser aprendido sobre a comunidade ou cultura focal mais ampla, e depois generalizado para o todo. (KOZINETTS, 2014, p. 65)

Contudo, esse estudo *on-line* de uma comunidade descrito por Kozinets não é exatamente o que ocorre com o grupo investigado nesta pesquisa. Considero que o nosso grupo de estudos não mantinha uma comunidade *on-line*, a não ser pelo *whatsapp*, até o surgimento da pandemia. Com os encontros estabelecidos semanalmente a partir do dia 22 de abril, formou-se uma comunidade *on-line*. Dessa data até o nosso último encontro de 2020, 16 de dezembro, o grupo tornou-se exclusivamente *on-line*.

Com isso posto, penso diferente de Kozinets quando ele sugere “que a pesquisa em comunidades *on-line* tenderia a ter um foco primordialmente netnográfico. Para a pesquisa *on-line* de uma comunidade, a netnografia desempenharia um papel auxiliar ou secundário.” (KOZINETTS, 2014, p. 66, grifo original) Imagino que o autor não tinha em mente, quando escreveu o excerto anterior, um caso semelhante ao que ocorreu com o nosso grupo de estudos, que se desloca do mundo “real” para o “virtual” (*on-line*). Embora seja, provavelmente, por um curto período, foi nesse momento em que se estabeleceu a coleta de dados que será utilizada nesta pesquisa. Dessa forma, o nosso grupo de estudos pode ser considerado, também, uma comunidade *on-line* e ser analisada pela abordagem netnográfica.

Kozinets, possivelmente, não contava com a popularização de plataformas como *Zoom* e *Meet*, com as quais pode-se fazer reuniões com imagem e voz sincronicamente com um número de cem participantes. As duas plataformas estão disponíveis para computadores, celulares e *tablets*, o que facilita o acesso para os encontros virtuais.

No livro *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*, o autor informa que já há “mais de uma década [existe] literatura etnográfica e científica social relacionada às comunicações mediadas por computador e comunidades online” (KOZINETTS, 2014, p. 69). Então, a pesquisa netnográfica tem se estabelecido entre os etnógrafos como uma abordagem viável no meio antropológico, mesmo sendo desencarnada, na linguagem utilizada por Hine (2000).

Mais adiante, na mesma página do livro citado no parágrafo anterior, Kozinets afirma que existem quatro diferenças fundamentais entre a etnografia e a netnografia. Esta abordagem seria distinta daquela devido à *alteração*, ao *anonimato*, à *acessibilidade* e ao *arquivamento*. Todavia, esta pesquisa não se enquadra em todas essas diferenças descritas pelo autor.

A *alteração* seria a mudança proporcionada pela mediação tecnológica entre os interlocutores, ou seja, a utilização do computador e, em nossa pesquisa também o celular, para a realização da pesquisa de modo *on-line*. Essa diferença se faz presente neste trabalho, visto ser impossível acessar a *internet* sem um aparelho eletrônico que viabilize a comunicação virtual. No entanto, o *anonimato* e a *acessibilidade* não se ajustam a esta pesquisa. Em nosso

grupo, todos se conhecem há algum tempo, a maioria dos membros estão estudando o Espiritismo há sete anos, na mesma turma, no mesmo centro espírita. Nem todas as pessoas conectadas à *internet* podem acessar os nossos estudos, somente os que participam do grupo há algum tempo ou os que pedem para frequentar os encontros e têm autorização do facilitador e da turma de estudantes.

Quando Kozinets se refere a essas quatro diferenças, ele está discorrendo sobre textos, encontrados virtualmente em *chats*, *fóruns*, *blogs*. Como mencionado anteriormente, as plataformas que possibilitam o encontro virtual por imagem, vídeo e som, sincronicamente, não eram tão comuns quando o autor escreveu o texto como agora o são, por esse motivo, ele percebe essas quatro diferenças fundamentais que não se aplicam, do mesmo modo, nesta pesquisa.

A última diferença entre etnografia e netnografia, das quatro que o autor aponta em seu livro, o *arquivamento*, seria possível de ser aplicada em nosso estudo. Contudo, em uma reunião *on-line*, pelo *YouTube*, denominada como *webnário*, realizada pela FERGS no dia 27 de junho de 2020, recomendou-se não gravar os estudos. Mas, como o nosso caso é diferente, devido à pesquisa que realizo, perguntei ao facilitador e aos demais membros do grupo se eu poderia gravar as reuniões, eles não se opuseram e permitiram que eu as gravasse. Tentei fazê-lo, porém não consegui, pois teria que fazer uma assinatura diferenciada na plataforma digital utilizada para as reuniões e pagar por ela, então resolvi não ir adiante. Cogitei ser um “sinal” para não desobedecer ao que propôs a FERGS, no *webnário*.

Como iniciei a pesquisa *in loco*, no centro espírita, percebo outras diferenças nas observações *on-line*, que serão abordadas na etnografia/netnografia, próximo capítulo. Decidimos não utilizar os dados que coletei no ano de 2019, mas a experiência que tive, observando, anotando e escrevendo o diário etnográfico e netnográfico, em 2019 e 2020, respectivamente, me proporciona duas perspectivas do mesmo grupo étnico. Parece-me que há dois campos para a mesma comunidade pesquisada, mas não estou certo disso, o próximo capítulo talvez responda. Todavia, os membros do grupo pesquisado se encontram virtualmente em torno do mesmo objeto que se encontravam presencialmente: o livro, esteja ele na tela ou nas mãos. A leitura é o que (n)os une.

5 (N)ETNOGRAFIA DA LEITURA

5.1 RECEPÇÕES DOS TEXTOS ESPÍRITAS

“Conhecer as situações assumidas pelo homem religioso, compreender o seu universo espiritual é, em suma, fazer avançar o conhecimento geral do homem”.

(ELIADE, 2010, p. 164)

Esta (n)etnografia se iniciará com o diário que escrevi do encontro do dia 10 de junho de 2020. Como a fundamentação teórica desta tese está sendo baseada pela Estética da Recepção, procurei entre os estudos àqueles nos quais lemos parábolas, pois essa teoria lida com textos ficcionais. As parábolas, incluídas no *Evangelho Segundo o Espiritismo (ESE)*, são histórias inventadas, atribuídas a Jesus, nas quais ele, o orador, intentava comunicar ensinamentos de acordo com o contexto situacional, para que o auditório pudesse compreender os ensinamentos espirituais propostos por essas ficções. Dessa forma, estabeleço a primeira parte da (n)etnografia analisando integralmente o diário que escrevi para essa reunião, que foi a décima quarta do ano, na qual lemos *A parábola dos trabalhadores da vinha*, que está transcrita no *ESE*, no capítulo XX, intitulado “Os trabalhadores da última hora”.

O encontro teria início às 20h, entrei às 19h55min. Já estavam na sala (plataforma *meet*) Nara, Livia e Elaine (todos os nomes utilizados para os participantes do grupo são pseudônimos, com exceção do meu (eu)). Em seguida, entraram Olinda, Irvênia, Úrsula, Carlos, Ricardo, Dandara e Francisco. Então, estávamos em onze nesta reunião de estudos. No início deste ano, quando tivemos as duas aulas presenciais de 04 e 11 de março de 2020, estávamos em 18 pessoas que participam do grupo de estudos. A *internet*, que muitas vezes aproxima as pessoas, não conseguiu manter o grupo todo unido, semanalmente, para os encontros virtuais.

Francisco, depois de entrar na sala e cumprimentar as pessoas, perguntou:

- Alguém gostaria de ler?

Eu: Posso ler, mas o Carlos pode ler, se quiser, já que faz tempo que ele não lê.

Francisco: o Jorgemar lê, a Nara faz a prece inicial e o Carlos a prece final.

As reuniões do grupo geralmente se iniciam dessa maneira. O facilitador pergunta se alguém gostaria de fazer a prece inicial. Durante a pandemia, ele já distribuía as tarefas da noite

de estudos, no início da aula. Diferentemente do que ocorria presencialmente, em que o facilitador perguntava imediatamente antes do que seria realizado: prece, leitura, comentário.

Referente à minha fala, que soa um tanto quanto grosseira a quem não conhece a relação dos membros do grupo, ela se deu pelo motivo de que Carlos não participava dos encontros há algumas reuniões, então fiz esse comentário, em tom chistoso, e penso que o grupo entendeu, pois a maioria dos alunos sorriu. Eu tinha a percepção de que ele gostava de ler o *ESE* para o grupo nas reuniões, visto que ele sempre se inscrevia para fazê-lo. Contudo, embora ele tenha entendido o gracejo - ao que me parece -, participou de poucas reuniões durante o ano, mas não foi devido à brincadeira que fiz, penso, dado que ele participou de poucas reuniões antes desta e nos disse, em algumas reuniões que sucederam a esta, que era muito difícil para ele participar dos encontros, pois, no mesmo horário dos nossos encontros semanais, havia um culto protestante em frente à sua casa e, segundo Carlos, “eles falavam e cantavam muito alto”, por isso ele não conseguia prestar atenção à leitura e aos comentários.

Percebe-se, dessa forma, que os encontros virtuais não foram satisfatórios para Carlos, pois os problemas motivados pela tecnologia e pelas circunstâncias o impossibilitaram de ouvir os colegas e suas interpretações nas reuniões das quais participou. A situação de Carlos pode servir de referência para outros membros do grupo de estudos, uma vez que aproximadamente 40% dos alunos não participaram desta reunião, uma das que teve o maior número de participantes durante o ano de 2020.

Depois que o facilitador decidiu quais seriam os protagonistas das preces e da leitura, Nara iniciou o ritual da semana. Gostaria de chamar a atenção para o início do rito, pois agora ele se dá de forma virtual. Não estamos juntos, nossos corpos estão distantes, mas conseguimos nos ver, ouvir e, conseqüentemente, sentir, com a ajuda da tecnologia.

Durante a prece, a *separação*, conforme exposto no subcapítulo 2.4, onde afirmei que ela nos *separa*, encaminha-nos do profano para o sagrado, recomenda-se que fechemos os nossos olhos e sentemos de maneira confortável. Percebi, nas minhas observações, que todos do grupo permanecem de olhos fechados durante a prece inicial. Contudo, nas reuniões virtuais, não conseguimos visualizar o corpo, integralmente, de nossos colegas. Sempre ou quase sempre enxergamos os rostos dos participantes, algumas vezes percebemos os membros superiores e o tórax. Mas, na prece, como todos estão de olhos fechados, exceto o observador participante, em algumas reuniões, para poder contemplar o grupo, a voz do orador orienta a direção da marcha simbólica entre a *carne* e o *espírito*. A voz, segundo Zumthor (2018), representa o corpo de forma plena. Concordando com Paul Zumthor, complementarmente afirmando que a voz é moldada no corpo e veiculada por ele, se não fosse o aparelho sonoro, não conseguiríamos sentir as

vibrações que ressoam emitidas pela voz, mas penso que a voz seja um símbolo interessante que sintetizaria a carne e o espírito, o corpo e a alma, pois o criador, de acordo com a primeira revelação, o Judaísmo, para os espíritas, soprou na narina do homem para lhe dar vida (BÍBLIA, Gênesis, 2:7).

A palavra espírito, em grego, *pneuma*, está relacionada também à respiração, vento, sopro. Em hebraico, existe o vocábulo *ruwach* que tem os mesmos significados de *pneuma* e acrescenta, entre outros sentidos, mente (STRONG, 2002). Comento sobre a língua grega e hebraica porque, estudando o Espiritismo pelo viés antropológico, sigo a orientação dos espíritistas e sua literatura, pois se o Espiritismo é a terceira revelação, o Cristianismo a segunda e o Judaísmo a primeira, busco nos idiomas nos quais os textos cristãos e judaicos foram escritos para fundamentar, de forma mais adequada, as interpretações culturais que pretendo fazer sobre o grupo étnico estudado. Dessa forma, durante a prece inicial, interpreto a voz do orador, simbolicamente, como o veículo de transição entre a *carne* e o *espírito*, o que direciona a marcha entre um lugar e outro, esse veículo entra na *rua*, a qual propõe Matta (1997), e leva os indivíduos da *casa* para o *trabalho/escola*, pois “A mente que ora permanece em movimentação na esfera invisível.” (XAVIER, 2012e, p. 103).

A voz, então, na prece, não é o corpo nem a alma, mas carrega em si os dois ao mesmo tempo, é o *automóvel coletivo* que se introduz na via pública e afasta o *aluno* da *Casa*, que representa a zona de conforto, em direção ao *estudo*, que implica em autoconhecimento e, consequentemente, mudança de si mesmo. Ela traz do mundo mental os pensamentos do orador que se materializam com o significante (vocabulário espírita) e, por seu intermédio, tornam-se compreensíveis aos outros membros do grupo de estudo com o significado (conceitos do vocabulário espírita). A voz traz consigo, em seu movimento, na prece inicial, elementos do mundo espiritual que distanciam os atores de suas *casas* e os aproximam do *trabalho*. No caso do espírita, esse trabalho é uma reconstrução interior, conhecido no *movimento espírita* brasileiro como *reforma íntima*.

Como o corpo, a voz necessita da respiração, do movimento, do ar que entra e que sai. O movimento é uma palavra chave para os estudos etnográficos, sobretudo para os rituais, segundo Matta (1997). Então, na prece inicial, na *separação*, o primeiro momento do rito, segundo Van Gennep (1978), percebo o movimento entre o sagrado e o profano, que é veiculado pela voz. Esta também só existe devido aos movimentos do corpo e do ar, que está simbolicamente associado ao espírito, segundo a Bíblia e seus idiomas originais, o grego e o hebraico. Dessa forma, posso constatar que a prece, de fato, é um discurso inerente à marcha,

ao movimento. Inclusive, também a palavra *discurso* está relacionada, etimologicamente, a movimento: “ação de tomar várias direções” (HOUAISS, 2001 p. 1054).

A prece espírita, para Cavalcanti, é proferida com “voz suave, pausada, algo musical” (CAVALCANTI, 2008, p. 91). Zumthor, em sua quarta tese sobre a voz, relacionada ao poético, afirma que ela “desaloja o homem de seu corpo. Enquanto falo, minha voz me faz habitar a minha linguagem. Ao mesmo tempo que me revela um limite e me libera dele.” (ZUMTHOR, 2018, p. 77). Pela asserção de Cavalcanti, podemos perceber que a prece espírita também tem algo de poético. Pelas minhas observações, concordo com ela, pois, embora, geralmente, a prece espírita deva ser espontânea, nascer do “coração”, segundo os espíritas, há estruturas que os oradores seguem, devido aos reiterados momentos em que esses padrões discursivos são reforçados, conforme propõe Cavalcanti (2008). Mas, algumas vezes, no grupo pesquisado para esta tese, as preces foram leituras de textos, e, alguns deles, poéticos, o que converge com o excerto de Zumthor e o movimento de transição que a prece proporciona para os atores envolvidos no momento inicial do rito, a *separação*.

Depois da *separação*, na qual Nara foi a atriz principal do rito, chegou a minha vez de atuar como protagonista, abrindo um texto ao acaso e lendo-o. Abri, ou melhor, “dei um *control+f*”, em razão de estar em casa, entro na reunião (na plataforma *meet*) com um *notebook*, e algumas vezes utilizo os textos a serem lidos em formato *pdf*. Inclusive, em algumas reuniões, eu apresentei o texto na tela para os outros membros do grupo, pois, assim, seria mais fácil para alguns, uma vez que não seria necessário procurar o texto no livro ou no computador. Além disso, evita-se, dessa forma, algumas confusões que as diferentes edições e traduções causam para o acesso ao texto e sua leitura: número de páginas diferentes, títulos de capítulos distintos e palavras, orações e pontuação que não coincidem entre uma edição e outra.

Então, com a prece finalizada, estamos à *margem*. Não sabemos ainda com qual leitura vamos nos deparar. Há alguns textos no *ESE* que causam calafrios em alguns membros do nosso grupo; como, por exemplo, “A ingratidão dos filhos e os laços de família”, “Instruções dos Espíritos, que se encontra no capítulo XIV, “Honrai a vosso pai e a vossa mãe”. Esse texto comenta o mandamento sobre honrar os pais, que está em Êxodo, Mateus, Marcos e Lucas. Dessa forma, como muitas pessoas têm problemas relacionados à família, essa leitura ecoa profundamente em alguns e menos em outros. Para a alegria de alguns, não foi esse o texto “selecionado” para a leitura da noite.

Pensei no número XX e “dei um *control+f*”, sem saber o seu conteúdo, “caiu” em “Os trabalhadores da última hora”, *Instruções dos Espíritos: Os últimos serão os primeiros*, e convenciamos ler os itens 1, 2 e 3. Alguns que lembram do texto por tê-lo lido recentemente

no *Evangelho no lar* ou por outro motivo, saem parcialmente da *margem*, mas como ainda vamos ler e comentar, não seria possível entrar de forma definitiva na *agregação*, pois os comentários dos colegas podem nos mostrar outras interpretações que, algumas vezes, está distante de nossos horizontes de expectativas.

No *ESE*, esse trecho está organizado assim: no item 1 está transcrita *A parábola dos trabalhadores da vinha*, que se encontra em Mateus 20:1-16. No item 2 e 3 há o título “Instruções dos Espíritos” e o subtítulo “Os últimos serão os primeiros”. A interpretação do texto do evangelho que está no item 2 é atribuída a Constantino, Espírito protetor, que teria ditado a mensagem em Bordeaux, em 1863. No último item lido, do *ESE*, neste encontro, há um comentário que analisa o mesmo texto do evangelho de Mateus, cuja autoria é designada a Henri Heine, proferida em Paris, 1863.

O texto mencionado no parágrafo anterior, o qual lemos na décima quarta reunião de 2020, está citado integralmente nas páginas que seguem:

CAPÍTULO XX

Os trabalhadores da última hora

- *Instruções dos Espíritos: Os últimos serão os primeiros*
– Missão dos espíritas – Os obreiros do Senhor

1. O Reino dos Céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada, a fim de assalariar trabalhadores para a sua vinha. Tendo convencionado com os trabalhadores que pagaria um denário a cada um por dia, mandou-os para a vinha. Saiu de novo à terceira hora do dia e, vendo outros que se conservavam na praça sem fazer coisa alguma, disse-lhes: “Ide também vós outros para a minha vinha e vos pagarei o que for razoável.” Eles foram. Saiu novamente à hora sexta e à hora nona do dia e fez o mesmo. Saindo mais uma vez à hora undécima, encontrou ainda outros que estavam desocupados, aos quais disse: “Por que permanecéis aí o dia inteiro sem trabalhar?” — “É”, disseram eles, “que ninguém nos assalariou.” — Ele então lhes disse: “Ide vós também para a minha vinha.”

Ao cair da tarde disse o dono da vinha àquele que cuidava dos seus negócios: “Chama os trabalhadores e paga-lhes, começando pelos últimos e indo até aos primeiros.” — Aproximando-se então os que só à undécima hora haviam chegado, receberam um denário cada um. Vindo a seu turno os que tinham sido encontrados em primeiro lugar, julgaram que iam receber mais; porém, receberam apenas um denário cada um. Recebendo-o, queixaram-se ao pai de família, dizendo: “Estes últimos trabalharam apenas uma hora e lhes dás tanto quanto a nós que suportamos o peso do dia e do calor.”

Mas, respondendo, disse o dono da vinha a um deles: “Meu amigo, não te causo dano algum; não convencionaste comigo receber um denário pelo teu dia? Toma o que te pertence e vai-te; apraz-me a mim dar a este último tanto quanto a ti. Não me é então lícito fazer o que quero? Tens mau olho, porque sou bom?” Assim, *os últimos serão*

os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos. (Mateus, 20:1 a 16. Ver também: “Parábola do Festim das Bodas”, cap. XVIII, item 1.)

Instruções dos Espíritos **Os últimos serão os primeiros**

2. O obreiro da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que a sua boa vontade o haja conservado à disposição daquele que o tinha de empregar e que o seu retardamento não seja fruto da preguiça ou da má vontade. Tem ele direito ao salário, porque desde a alvorada esperava com impaciência aquele que por fim o chamaria para o trabalho. Laborioso, apenas lhe faltava o labor.

Se, porém, se houvesse negado ao trabalho a qualquer hora do dia; se houvesse dito: “Tenhamos paciência, o repouso me é agradável; quando soar a última hora é que será tempo de pensar no salário do dia; que necessidade tenho de me incomodar por um patrão a quem não conheço e não estimo! quanto mais tarde, melhor”; esse tal, meus amigos, não teria tido o salário do obreiro, mas o da preguiça.

Que dizer, então, daquele que, em vez de apenas se conservar inativo, haja empregado as horas destinadas ao labor do dia em praticar atos culposos; que haja blasfemado de Deus, derramado o sangue de seus irmãos, lançado a perturbação nas famílias, arruinado os que nele confiaram, abusado da inocência, que, enfim, se haja cevado em todas as ignomínias da Humanidade? Que será desse? Bastar-lhe-á dizer à última hora: “Senhor, empreguei mal o meu tempo; toma-me até o fim do dia, para que eu execute um pouco, embora bem pouco, da minha tarefa, e dá-me o salário do trabalhador de boa vontade?” Não, não; o Senhor lhe dirá: “Não tenho presentemente trabalho para te dar; malbarataste o teu tempo; esqueceste o que havias aprendido; já não sabes trabalhar na minha vinha. Recomeça, portanto, a aprender e, quando te acares mais bem-disposto, vem ter comigo e eu te franquearei o meu vasto campo, onde poderás trabalhar a qualquer hora do dia”.

Bons espíritas, meus bem-amados, sois todos obreiros da última hora. Bem orgulhoso seria aquele que dissesse: Comecei o trabalho ao alvorecer do dia e só o terminarei ao anoitecer. Todos viestes quando fostes chamados, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, para a encarnação cujos grilhões arrastais; mas há quantos séculos e séculos o Senhor vos chamava para a sua vinha, sem que quisésseis penetrar nela! Eis-vos no momento de embolsar o salário; empregai bem a hora que vos resta e não esqueçais nunca que a vossa existência, por longa que vos pareça, mais não é do que um instante fugitivo na imensidade dos tempos que formam para vós a eternidade. – *Constantino*, Espírito protetor. (Bordeaux, 1863.)

3. Jesus gostava da simplicidade dos símbolos e, na sua linguagem máscula, os obreiros que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, as quais continuaram a ser assinaladas através dos séculos pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, finalmente, pelos espíritas. Estes, que por último vieram, foram anunciados e preditos desde a aurora do advento do Messias e receberão a mesma recompensa. Que digo? recompensa maior. Últimos chegados, eles aproveitam dos labores intelectuais dos seus predecessores, porque o homem tem de herdar do homem e porque coletivos são os trabalhos humanos: Deus abençoa a solidariedade. Aliás, muitos dentre aqueles revivem hoje, ou reviverão amanhã, para terminarem a obra que começaram outrora. Mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo do Cristo, mais de um propagador da fé cristã, se encontram no

meio deles, porém, mais esclarecidos, mais adiantados, trabalhando, não já na base, e sim na cumeeira do edifício. Receberão, pois, salário proporcionado ao valor da obra.

O belo dogma da reencarnação eterniza e precisa a filiação espiritual. Chamado a prestar contas do seu mandato terreno, o Espírito se apercebe da continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retomada. Ele vê, sente que apanhou, de passagem, o pensamento dos que o precederam. Entra de novo na liça, amadurecido pela experiência, para avançar mais. E todos, trabalhadores da primeira e da última hora, com os olhos bem abertos sobre a profunda Justiça de Deus, não mais murmuram: adoram. Tal um dos verdadeiros sentidos desta parábola, que encerra, como todas as de que Jesus se utilizou falando ao povo, o gérmen do futuro e também, sob todas as formas, sob todas as imagens, a revelação da magnífica unidade que harmoniza todas as coisas no Universo, da solidariedade que liga todos os seres presentes ao passado e ao futuro. – *Henri Heine*. (Paris, 1863.) (KARDEC, 2013, p. 261-264, grifos originais)

Tão logo terminei a leitura, Francisco pediu para que eu iniciasse os comentários do texto que acabara de ler. Assim o fiz:

Eu: é difícil de interpretar a parte de que o trabalhador da última hora, que trabalhou muito menos que os outros, ganha o mesmo salário que os outros. Parece que o senhor da vinha é injusto. Mas ele combina com os trabalhadores das primeiras horas um denário pelo dia trabalhado, e paga o que combinou. Contudo, eles reclamam. Parábola difícil de entender, mas com a explicação dada pelos Espíritos, que tiram o espírito da letra, fica mais acessível. Pois, segundo eles, os trabalhadores das 1ª horas são os profetas, os mártires cristãos entre outros, de outras religiões, que se esforçaram, inclusive submetendo a própria vida, como Sócrates. Todo esse esforço deixaria uma parte menor para os espíritas, que seriam os trabalhadores da última hora, segundo a interpretação dos Espíritos.

Utilizei, na minha interpretação, alguns clichês comuns no *movimento espírita*: ‘seria mais difícil a interpretação sem a ajuda dos comentários dos Espíritos’; ‘tirar o espírito da letra’, que faz referência à segunda carta aos Coríntios 3: 4-6; utilizar nomes de pessoas reconhecidas na cultura mundial, neste caso, Sócrates. Esses clichês empregados reiteradamente nas falas dos espíritas, em encontros de estudos, reforçam o caráter ritualístico que existe nessas reuniões, visto que a repetição é uma das características dos rituais que, também, de certa forma, poderiam estabelecer a integração ou a *agregação*, segundo a conceituação de Van Gennep (1978).

Esses clichês podem nos levar a um lugar comum e, se assim for, deixam-nos estáveis, por instantes, visto que o jogo entre os interlocutores (leitor/ouvinte e falante/ouvinte) não cessa. Utilizo a palavra jogo de acordo com o conceito de Gadamer, que a entende no sentido figurado: “O movimento, que é jogo, não possui nenhum alvo em que termine, mas renova-se em permanente repetição.” (GADAMER, 1997, p. 177) Enquanto um membro do grupo

comenta ou lê, os demais estão analisando a sua leitura (o modo como o indivíduo lê: ritmo, pausa, acentuação, etc) ou o seu comentário relacionando-os com os textos lidos, segundo suas percepções e interpretações. Esse jogo entre os interlocutores é permanente, e muitas vezes não respeita o limite do espaço e do tempo, assim eu saía do estudo dialogando com os colegas e, às vezes, comigo mesmo, sobre assuntos relacionados ao estudo. Hoje, com os estudos de modo virtual, dialogo sobre alguns temas do estudo comigo mesmo e, eventualmente, com a minha esposa.

Esse jogo não cessa nem durante a escrita da etnografia, pois relendo agora os textos atribuídos aos Espíritos, para escrever sobre a minha primeira da fala, percebi que fiz uma interpretação equivocada, pois não há no texto uma afirmação de que os espíritas são os trabalhadores da última hora, mas, sim, trabalhadores da última hora, o que tira a exclusividade dos espíritas em receber o mesmo salário dos seus antecessores, conforme o meu comentário, consciente ou inconscientemente, expressando, de certa forma, o desejo de excluir os pensamentos filosóficos, científicos e religiosos dos outros que não pertencem ao meu grupo étnico (religioso). Ainda percebo, no meu comentário, que não acrescentei nada ao texto lido, somente repeti alguns trechos do livro e os clichês mencionados.

Ao terminar o meu comentário, Francisco se inscreveu e falou:

- “Os últimos serão os primeiros” nos acalenta e pode nos acomodar [...] o uso do tempo [...] gastamos o tempo como [...] já tivemos alguns aprendizados anteriormente [...] confesso que sempre aprendo [com vocês, nos encontros] [...] queiramos ou não há um compromisso [...] os trabalhos da última hora são o acabamento da obra [...] muitos sentidos na parábola [...]

Diferentemente do registro da minha fala durante o estudo, escrevia no caderno de anotações a fala dos outros componentes do grupo enquanto eles expressavam as suas interpretações. Por esse motivo, há os colchetes, pois não conseguia escrever tudo o que os participantes falavam. Os registros do que eu dizia eram escritos diretamente no diário, no dia seguinte, pela manhã. Então, as reuniões aconteciam na quarta-feira à noite, e na quinta-feira pela manhã eu digitava no diário o que havia escrito, no caderno de anotações, sobre as falas dos meus colegas. Já, ao que se refere a mim, como não podia escrever enquanto falava, o que eu dizia, na noite anterior, durante o estudo, era reconstituído pela minha memória no momento da digitação.

Francisco também contribui com alguns clichês spiritistas em sua fala, como “há um compromisso”, referindo-se às vidas passadas, segundo a crença dos espíritas, nas quais nos equivocamos em algumas situações e, destarte, assumimos compromissos para a próxima

reencarnação; “muitos sentidos na parábola”, ou seja, há muitas possibilidades de interpretação dessa parábola, seguindo, talvez, uma tradição judaica, na qual se diz que a *Torah* tem setenta faces. Esse número, nessa situação, significa, para alguns, múltiplas alternativas para as interpretações. Outro clichê frequente, próprio do Francisco, é “confesso que sempre aprendo [com vocês, nos encontros]”.

Embora traga esses bordões, ele colabora com novas percepções: “*sermos os trabalhadores da última hora pode nos acomodar ou nos acalantar, isso depende de como se utiliza o tempo*”. Esse trecho está semelhante ao texto, mas ele faz uma conexão com o contexto pandêmico. Embora não esteja na fala, havia registrado, no caderno de anotações, que conversávamos sobre o isolamento social e a permanência no lar com os familiares. Então, como deveríamos utilizar desse tempo disponível em casa? Comentávamos que havia inúmeras *lives* espíritas, muitas palestras no *YouTube*, filmes em várias plataformas e, claro, o bom e velho livro, seja ele na tela ou em papel. Dessa forma, poderíamos ocupar bem o nosso tempo, trabalhando na vinha interior do coração e da mente, uma vez que, para os spiritistas, “o sentimento e a sabedoria são as duas asas com que a alma se elevará para a perfeição infinita.” (XAVIER, 2010d, p. 163).

Assim que terminou a sua contribuição, para a interpretação do texto, Francisco foi substituído por Elaine que havia se inscrito, imediatamente após a fala dele.

- Achei interessante que tu falou que vamos fazer o acabamento [...] o acabamento é o refinamento [...] é o que se enxerga [...] se o acabamento tivesse vindo antes [não teria sentido] [...] tudo que aconteceu com a humanidade, inclusive com o covid [...] pode ser que tenhamos chegado na última hora [...] a geração que nasceu na era virtual, nasceu para a época do covid [porque lida bem com as tecnologias] [...]

Elaine, por ser arquiteta, conseguiu extrair uma interpretação diferente da minha e da de Francisco. Aproveitando-se do comentário do agente anterior, fez uma análise da leitura vinculada ao seu contexto social. Iser afirma que o texto ficcional traz várias lacunas que o leitor deve preencher para que o texto seja compreendido. Para ele, “Quanto maior a quantidade de vazios, tanto maior será o número de imagens construídas pelo leitor.” (ISER, 1979, p. 110). Francisco, ao terminar o seu comentário, diz que há “muitos sentidos na parábola”. Elaine constrói uma imagem nova, ao comentar sobre o acabamento de uma obra, no sentido de casa, apartamento, etc. A parte atribuída aos Espíritos também complementa os vazios da parábola. Contudo, os comentários deles só foram possíveis de ser compreendidos pelos spiritistas,

devido aos livros e escritos de Kardec, que teorizam sobre a possibilidade da vida espiritual e as consequências que dela derivam.

Dessa forma, parece-me que esses textos e essa tradição interpretativa têm características que podem balizar uma história cultural e, talvez, literária do *movimento espírita*, desde Kardec, visto que há outras obras que fazem interpretações dos textos bíblicos, ficcionais ou não, que preenchem os vazios do texto, que são incontáveis ou, numa linguagem judaica, têm setenta faces. Com a interpretação da Elaine, ao trazer um problema de saúde atual da sociedade mundial, a pandemia ocasionada pelo Covid-19, seria mais difícil de lidar com o isolamento social sem as tecnologias vinculadas à *internet*. Segundo ela, a geração que cresce nesta era virtual, da *internet* e das mídias sociais, enfrenta com mais naturalidade a reclusão recomendada pelas autoridades sanitárias. Estou escrevendo este parágrafo no dia 04 de março de 2021, estamos em regime de distanciamento controlado, no Rio Grande do Sul, e numa situação pior que a data deste *estudo*. Somente no dia de ontem, tivemos quase 2.000 mortes ocasionadas pelo Covid-19, no Brasil.

Ao se referir à nova geração, Elaine está colocando em pauta um tema conhecido dentro do Espiritismo, *a regeneração do planeta terra*. Segundo a doutrina espírita, os planetas, assim como os homens (Espíritos) que os habitam, evoluem. Não há retrogradação para o Espiritismo. O Espírito pode, por rebeldia, estacionar na marcha da sua evolução, mas nunca retroceder. Não existe metempsicose, ou seja, um ser humano reencarnar em corpos de animais, para a doutrina espírita. Isso seria retrogradar, para os seus adeptos. Atualmente, com o orbe terreno imerso no contexto pandêmico, fala-se muito sobre o momento de *transição* entre o *mundo de provas e expiações* para o *mundo de regeneração*, no *movimento espírita* brasileiro. Este período seria o auge da *transição do planeta*. Inclusive, o médium Divaldo Pereira Franco lançou um livro intitulado *No rumo do mundo de regeneração*, de autoria atribuída ao Espírito Manoel Philomeno de Miranda, em 31 de dezembro de 2020, com 384 páginas. Esse livro estava em primeiro lugar em número de vendas pela Amazon, em março de 2021. Não li o livro e, creio, não vou lê-lo antes de terminar esta tese, mas há na página do *Google books* a seguinte descrição dele:

Estamos no início das grandes transformações, e fenômenos próprios demonstram chegados os tempos anunciados pelas Escrituras e confirmados pelos imortais [sic]. Tragédias de todo tipo sacodem o mundo físico, agora atormentado pela pandemia da Covid-19, demonstrando a fragilidade do ser humano no pedestal das suas ilusões ante o vírus devastador e fatal, ao mesmo tempo facultando a necessidade do amor e da solidariedade entre as criaturas para a sobrevivência ao caos. Mais cruel do que uma guerra, a pandemia em tela ceifará centenas de milhares de vidas, umas em razão do natural processo de mudança moral do planeta para Mundo de regeneração, outras que deverão partir para o exílio, após o período de convalescença nas respectivas comunidades às quais se vinculam.

Nesta obra, narrada pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda, o leitor acompanhará a jornada empreendida por dezenas de grupos de benfeitores espirituais encarregados, sob o comando de Ismael, de preparar a Era Nova na Terra, a fim de contribuir para a sua transição de Mundo de provas e expiações para Mundo de regeneração. (GOOGLE LIVROS, 2021, sem paginação)

O médium e escritor, de 93 anos de idade, faz algumas *lives* dedicadas ao tema do livro e, em algumas dessas preleções, responde a perguntas enviadas pelos internautas sobre o assunto da obra e outros temas. Então, percebe-se que o tema *transição planetária* povoa o imaginário dos espíritas e simpatizantes devido ao contexto atual.

Depois da fala de Elaine, Francisco comenta que “*eles trazem uma bagagem de conhecimento enorme, mas nossa missão [é educá-los]*”. Com o que diz, ele concorda com Elaine, sobre a nova geração de espíritos que estão nascendo para substituir a atual (KARDEC, 2019). Todavia, ele acrescenta que devemos educá-los, pois alguns espiritistas imaginam que os Espíritos que estão reencarnando, desde o início do século atual, seriam perfeitos e não necessitariam de nossa intervenção relacionada à educação, uma vez que eles são superiores a nós.

Prontamente, Nara faz a sua contribuição referente aos textos lidos na noite de estudos: “[...] às vezes, a gente pensa que o que está fazendo não é importante [...] ele chegou no final do dia [...]”. Nara é artesã e dá aulas no *YouTube* sobre a sua arte. Nesta plataforma, ela tem mais de trinta mil inscritos (seguidores). Ela comentou, em outro encontro, que estreou na *internet* sem muitas pretensões, pensava que o seu trabalho seria visto por algumas pessoas, mas o número de inscritos foi aumentando e ainda continua a crescer. Nesta noite, ela nos relatou que algumas pessoas, de outros estados do país, entram em contato com ela, pelo *whatsapp*, para conversar, agradecer e, muitas vezes, pedir conselhos. Acostumada a dialogar com as pessoas e aconselhá-las, devido ao seu *trabalho* no *Atendimento Fraterno* (conversar com pessoas que passam por algum problema e procuram o Centro espírita para relatá-lo), no CEAB, ela já nos contou que se sente bem ao dialogar com esses indivíduos que a procuram por motivos não profissionais, mas, algumas vezes, ela se sente cansada devido à demanda do seu trabalho de “última hora” e o acréscimo dessas “horas extras”.

Por ser sexagenária, ela propõe que “chegou no final do dia” porque esta oportunidade de trabalhar com vídeos, numa plataforma digital, ocorreu somente agora, há mais ou menos três anos, motivada pela filha, diferentemente da parábola em que o pai de família é quem vai atrás dos trabalhadores. Sua filha, percebendo que Nara era laboriosa, visto que já trabalhava como instrutora de artesanato, “apenas lhe faltava o labor” (KARDEC, 2013a, p. 262). Assim, sua filha apresenta-lhe a *internet*, auxilia-a nas gravações e nas edições dos vídeos e, enfim,

disponibiliza-os naquela plataforma digital. Ela, trabalhadora da “última hora”, está sendo comissionada não só financeiramente, mas pelo reconhecimento que vem de sua terra natal, de outros estados e, também, de fora do país, conforme comentou em uma reunião de estudos, anterior a esta.

Embora estejamos num grupo de estudos, percebo que cada membro, concordando ou não com as interpretações dos colegas, acrescenta algo novo para o assunto em debate. Os vazios, conforme Iser (1979), estão sendo preenchidos pela interpretação vinculada à experiência dos leitores e ouvintes e, parece-me que, a cada comentário, o número de vazios aumenta. Na obra *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*, Iser, utilizando-se de dois conceitos de Piaget, acomodação e assimilação, propõe, para o estudo da literatura, que neles e por meio deles emergem movimentos de oscilação. A assimilação extrapola as delimitações de estabilização, a acomodação (ISER, 2013). O autor afirma, também, que “os esquemas sempre se caracterizam como jogos de oscilação entre acomodação e assimilação.” (ISER, 2013, p. 352). Esses esquemas, segundo o teórico, são interessantes “para a formação da tradição literária.” (ISER, 2013, p. 352). Utilizo-me dessa sugestão de Piaget e de Iser, os jogos de oscilação entre a acomodação e a assimilação, para desenvolver esta etnografia, tendo em vista que Geertz afirma que a ficção, no “sentido original de *fictio*”, é “algo construído, algo modelado” (GEERTZ, 2015, p. 11). Dessa forma, a literatura e a etnografia teriam algumas semelhanças, visto que ambas são construções de narrativas.

A assimilação, como a percebo neste estudo, é o movimento entre o conteúdo exposto pela leitura, ao leitor/ouvinte, e a interpretação do texto que está sendo construída por ele. Já a acomodação seria o jogo, o movimento, no qual o leitor/ouvinte imagina estar estabilizando o conteúdo do texto lido ou ouvido. Com a leitura da parábola, estamos no movimento entre a acomodação e a assimilação do conteúdo do texto ou parte dele. Ao terminar esta leitura, alguns vazios são preenchidos, então estabilizamos, e essa é a parte do jogo em que se situa a acomodação. Ao lermos o texto atribuído ao Espírito Constantino entramos na assimilação e, ao terminar a leitura do texto desse autor, somos introduzidos na acomodação. Dessa forma, estamos num *continuum* entre acomodação e assimilação, no qual as lacunas a serem preenchidas pelos membros do grupo de estudos aumentam a cada comentário. Contudo, a acomodação e a assimilação não são estáveis em si mesmas, mas, sim, estão em constante oscilação, ou seja, na acomodação há os jogos próprios e individuais que a delineiam, assim como na assimilação. Então, em nossos estudos, estamos imersos nesse jogo, ou nesses jogos, tanto no ato da leitura/escuta como nos comentários/escuta.

Momentos após a fala de Nara, mais uma vez eu discorri sobre o assunto do debate, afirmando que havia considerado

interessante a metáfora que vocês usaram da construção, das bases, dos acabamentos. Realmente, o esforço físico, na fundamentação, parece ser muito maior, mas é para o acabamento que todos vão olhar. Moisés e todos os profetas, Jesus e todos os mártires cristãos sofreram muito mais fisicamente do que Divaldo, Chico. Haroldo fala que antes Paulo era recebido a pedradas, hoje eles são recebidos com cafés e outras coisas agradáveis. Contudo, eles se utilizam do que já foi feito anteriormente e estão mais expostos, devido à tecnologia.

Como se pode notar, mais uma vez, não fiz acréscimos consideráveis para a discussão. Reafirmei, novamente, o meu etnocentrismo, colocando somente os espíritas como os trabalhadores da última hora ao citar os nomes de Divaldo, Chico e Haroldo Dutra Dias. Parafraseei, de certa forma, o texto do *ESE*: “Últimos chegados, eles aproveitam dos labores intelectuais dos seus predecessores, porque o homem tem de herdar do homem e porque coletivos são os trabalhos humanos: Deus abençoa a solidariedade” (KARDEC, 2013a, p. 263). Somente incluí um comentário sobre a exposição faceada por alguns divulgadores da doutrina dos espíritos nas mídias sociais. Às vezes, dependendo do que falam ou escrevem, eles são “apedrejados” por grupos de pessoas do *movimento espírita* e, também, de fora dele. O que parece ter se tornado comum na atualidade, visto que não se pode ter opiniões diferentes das de algumas pessoas, intituladas haters, pois, logo que se lê os seus comentários, sente-se as vibrações fisiológicas (ZUMTHOR, 2018) do apedrejamento verbal.

Logo depois do meu comentário, Elaine pede a palavra. Geralmente, os que mais falam no grupo são Elaine, Bento, que não estava nesta reunião, Francisco e eu. Isso era comum nos encontros presenciais e continuou nos virtuais. Então, Elaine dá continuidade ao seu comentário anterior: “[...] o acabamento que fica visto [...] exige uma explicação mais completa [...] hoje requer-se 1000 provas [...] hoje tem que provar cientificamente [...]”. Além de arquiteta, ela tem outras atividades profissionais e faz a divulgação dessas atividades pelas mídias sociais, o que é comum atualmente. Ao mencionar as provas que são requeridas, ela as está relacionando aos seus trabalhos e também à doutrina dos espíritos, visto que muitas pessoas pedem explicações mais detalhadas de seus projetos profissionais e da filosofia espiritualista que espousa.

Neste grupo de estudos, percebo que, além do jogo individual entre acomodação e assimilação no qual o membro do grupo está imerso durante a leitura e os comentários, também jogamos em grupo, ou seja, o que o outro fala movimenta o jogo entre a assimilação e a

acomodação de todo o grupo. Dessa forma, o jogo, no grupo de estudos, torna-se mais complexo. Iser demonstra que na literatura há inúmeras possibilidades de jogos: o texto pode movimentar-se “contra seus mundos de referência, ou jogar com as posições nele reunidas de si mesmo, ou, ainda, descortinar possíveis mundos, ou, por fim, jogar com as expectativas dos leitores potenciais” (ISER, 2013, p. 355). Para este estudo, vou explorar somente o que dou conta de perceber no movimento entre a acomodação e a assimilação, individual e coletivo.

Com o comentário dos colegas, muitas lacunas se apresentam para as interpretações individuais e coletivas, mas não são uniformes. Cada personalidade carrega consigo a sua história de vida e o seu horizonte de expectativas.

Então, esse jogo também é alimentado pelo contexto social de cada membro do grupo de estudos. Jauss, logo na sua primeira tese para fundamentar a Estética da Recepção, estabelece que a literatura, de fato, ocorre no ato da leitura, “*no experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores.*” (JAUSS, 1994, p. 24, grifo original). Dessa forma, penso que os membros do grupo de estudo pesquisado, conforme o que foi exposto até aqui, estão realizando, vivenciando, a história da literatura com a sua recepção, sendo ela escrita ou não. Este grupo de estudos está construindo uma história da literatura espírita há seis anos, mas ela não foi materializada num livro ou em textos. Isso não significa que esta história tenha se perdido, pois ela está inserida dentro de cada indivíduo que a viveu, que pode, em algum momento, torná-la conhecida para outros membros da sociedade, por meio de textos, vídeos, áudios, encenações, esquetes, pinturas, desenhos, esculturas, enfim, pode ser relatada de “boca a boca”, numa tradição oral como já ocorre com os casos de Chico Xavier e Divaldo Franco no *movimento espírita brasileiro*.

Essa tradição oral fundamenta o Novo Testamento, como podemos perceber no texto de Mateus que foi verbalizado por Jesus. Este utiliza-se de um tema recorrente na cultura hebraica para formatar a parábola, uma vez que a vinha é muitas vezes mencionada no Antigo Testamento como símbolo do povo escolhido, os hebreus. Segundo Keener, “os mestres judeus contavam uma história popular semelhante sobre o dia do juízo, cuja mensagem, contudo, era oposta à parábola de Jesus.” (KEENER, 2017, p. 105). Por ter trabalhado durante todo o dia, o povo de Israel receberia um grande salário, já os gentios, que trabalharam bem menos que os judeus, receberiam um salário menor.

Então, a parábola atribuída a Jesus traz em si uma história oral, literária e religiosa de alguns séculos. Mais tarde, com o Cristianismo estabelecido como religião do Estado do Império Romano, esse texto torna-se um clássico dentro do cânone literário bíblico. Mais adiante no tempo, três séculos depois da Reforma Protestante, o Espiritismo dá continuidade a

essa história literária e religiosa com interpretações mediadas por seu dogma reencarnacionista e outras particularidades de sua doutrina, como está exposto nos comentários atribuídos a Constantino e Henri Heine.

José Herculano Pires, em *O espírito e o tempo: introdução antropológica ao Espiritismo*, comenta, sobre essa tradição espírita em relação aos textos judaicos e cristãos,

que o Espiritismo respeita as escrituras, e nelas se apoia para confirmar a sua própria legitimidade, mas a elas não se escraviza. Pelo contrário; o Espiritismo recebe as escrituras como um acervo cultural do qual retira as energias criadoras, as forças vitais condensadas em suas formas para reelaborá-las em novas expressões de espiritualidade (PIRES, 2020, p. 105).

Pires, dessa forma, relata a maneira pela qual o Espiritismo se utiliza dos textos antigos, o porquê de a doutrina dos Espíritos se fundamentar nesses textos e o modo como se comporta diante deles. Então, segundo Herculano Pires, a tradição literária da Bíblia fornece ao Espiritismo elementos culturais que são estudados e desenvolvidos numa linguagem mais adequada ao seu momento histórico.

Na obra que lançaria o Espiritismo, em Paris, 1857, *O livro dos Espíritos*, uma mensagem, atribuída às entidades do plano espiritual, recomenda Kardec colocar como símbolo do Espiritismo uma cepa de parreira, único da doutrina espírita, segundo os espíritistas. Na parte dessa obra intitulada “Prolegômenos”, existe a seguinte mensagem direcionada ao seu autor:

Porás no título do livro o ramo de parreira que desenhemos, porque ele é o emblema do trabalho do Criador. Todos os princípios materiais que podem melhor representar o corpo e o Espírito nele se encontram reunidos: o corpo é o ramo; o Espírito é a seiva; a alma ou o Espírito unido à matéria é o bago. O homem quintessencia o Espírito pelo trabalho e tu sabes que é pelo trabalho do corpo que o Espírito amalha conhecimentos (KARDEC, 2012, p. 64, grifo original).

Dessa maneira, a doutrina dos espíritos é construída, também, pela tradição literária herdada do Cristianismo que, por sua vez, fundamenta-se na tradição da literatura hebraica, da nossa parte, do grupo de estudos espíritas, seguimos a tradição Kardequiana, Xaveriana e outras. Assim, as interpretações de textos como o do evangelista Mateus continuam com o nosso grupo de estudos, à luz da doutrina dos Espíritos, construindo ou ajudando a construir a história da literatura brasileira, religiosa ou não, visto que para muitas pessoas, inclusive para espíritas, o Espiritismo não é uma religião. Mas, continuemos a nossa história, pois há outras pessoas, *alunos do bem*, que queriam contribuir, com os seus comentários, para dar sequência aos jogos provenientes de nossa leitura.

Olinda, então, pede a palavra para fazer as suas interpretações referentes aos textos lidos e faz os comentários a seguir:

me veio a interpretação diferente [...] esse tempo trabalhado é por dias trabalhados [...] ficamos muitos anos fazendo alguma coisa, vem outro que chega mais tarde e faz melhor [...] aquele que reclamou [...] é porque essa pessoa teve a oportunidade de fazer e não fez [...] aquele que teve uma oportunidade pequena fez muito [...] o tempo [...] o da última hora executa mais [...] os dias que estamos aqui para fazer mais coisas em menos tempo [...] para que viemos [...]

Logo no início da sua fala, “*me veio*”, Olinda demonstra que foi intuída pelos Espíritos benfeitores, responsáveis pela direção dos trabalhos a serem desenvolvidos por nosso grupo de estudos. Quando os encontros eram presenciais, além dos estudos referentes aos livros, também praticávamos a mediunidade. Nossas reuniões presencias duravam em torno de 1h30min. Líamos e comentávamos textos por 45 minutos, mais ou menos, durante trinta minutos fazíamos um exercício mediúnico e, nos últimos quinze minutos, avaliávamos as mensagens e as ocorrências dessa parte da reunião. Considerávamos o exercício mediúnico um *trabalho de desobsessão*, no qual espíritos em sofrimento, no plano espiritual, são trazidos para a reunião e se comunicam com o *dialogador*, através de um *médium*, para se tratarem espiritualmente, pois o *dialogador* (alguns chamam de doutrinador, como era denominado há alguns anos no *movimento espírita*) seria um terapeuta auxiliado pela espiritualidade.

Essa prática mediúnica ocorria presencialmente, mas, a partir da terceira reunião de 2020, não foi mais possível realizá-la, já que cada membro do grupo estava em um lugar diferente. Cada lar, agora, torna-se, de certa maneira, uma filial do Centro Espírita, conforme declaram alguns influenciadores do *movimento espírita* brasileiro, em palestras que, durante a pandemia, tornaram-se *lives*. Muitos eventos espíritas, antes da pandemia motivar o isolamento social, eram transmitidos ao vivo pelo rádio, TV e plataformas digitais, mas somente depois da pandemia as palestras e as conferências passaram a ser chamadas de *lives*.

Isso ocorre, imagino, porque as pessoas podem interagir, fazendo perguntas e comentários durante a *live*. Ao vivo, *in loco*, eles teriam que escrever a pergunta ou o comentário num papel e receberiam o seu retorno somente na parte do evento que era preparada para esse fim que, geralmente, ocorria ao final desses encontros. Agora os palestrantes estão sozinhos, num cômodo de suas residências, e podem responder as perguntas no momento em que elas são feitas. Antes, o conferencista e o palestrante atuavam, num palco, diante de uma plateia, a posição de seu corpo era superior à do público, assim, como muitos pensam, o seu conhecimento também. Por esse motivo e outros, alguns oradores espíritas são considerados,

por seus fãs, como artistas famosos, por isso, ao terminarem as suas atuações, posicionam-se em determinados lugares preparados antecipadamente, nos quais os seus admiradores fazem filas para tirar fotos, pedir autógrafos das obras disponíveis para venda, conversarem, enfim, adular esses personagens emblemáticos do *movimento espírita*.

Tais personagens do Espiritismo são “seguidos” pelos estudantes dos centros espíritas. Eu, por exemplo, “sigo” alguns, principalmente Haroldo Dutra Dias e Divaldo Pereira Franco, que, aliás, penso serem os mais famosos na atualidade do *movimento espírita*, tanto no Brasil como no exterior. De certa forma, também sou um fã, visto que já tirei fotos e pedi autógrafos para os livros de Dias, um estudioso das literaturas hebraica, cristã e espírita. Muito do que se comenta nos estudos são referências das preleções realizadas por esses e outros personagens. Às vezes, comenta-se sobre um livro que não foi lido pelo indivíduo que fez o comentário no grupo de estudos, mas ele ouviu numa palestra, então, ele repete. Eu também faço isso com frequência, mas quando tenho que escrever e referendar, ou nas minhas atribuições como facilitador, busco no livro, pois, mais de uma vez, percebi que as referências mencionadas pelos palestrantes não estão corretas, falam de um livro, mas está em outro, ou o que comentam está diferente do que penso estar mais próximo da interpretação ideal.

Tudo isso entra no jogo da história da literatura espírita. Há comentários de estudantes sobre livros que nunca foram lidos, há estudiosos que fundamentam o que escrevem e palestram e existem alguns alunos, como eu, que estão situados entre os dois estudantes anteriores. Contudo, muitos desses livros dos quais não temos certeza sobre as referências corretas, quando os mencionamos, são raros, e somente são encontrados em sebos ou estão muito caros por sua raridade. Alguns dos livros da cultura judaica, por exemplo, têm valores bem acima dos que estamos acostumados a comprar na Casa espírita.

Então, Olinda, ao terminar a sua fala, é substituída por Francisco, que a elogia e acrescenta alguns clichês espíritas: “[...] muito bom [...] são oportunidades [...] provas e expiações para a regeneração [...] quem sabe mais, será mais cobrado [...]”. Para o Espiritismo todas as circunstâncias são oportunidades de *evolução espiritual*. Por pior que seja a situação, dela pode-se auferir bons resultados para o aperfeiçoamento individual. Nesses cenários temos *provas* e *expiações*. No capítulo III, do *ESE*, intitulado “Há muitas moradas na casa de meu Pai”, que faz comentários do capítulo 14, versículos de 1 a 3, do evangelho de João, Kardec comenta sobre os vários níveis dos mundos habitados. Segundo esta obra, há planetas inferiores e superiores à terra, em grau de *evolução espiritual*. A terra estaria passando por uma *transição*, entre o mundo de *provas* e *expiações* para um mundo de *regeneração*. Essa seria uma transição para um mundo com menos sofrimentos. Os habitantes terrestres, que não

estariam aptos para permanecer no planeta Terra *regenerado*, seriam degredados para outros mundos inferiores a este. Dentro do *movimento espírita*, muitos acreditam que o mito de Adão e Eva, no qual o casal é expulso do paraíso, está relacionado a um outro degredo, em que alguns milhares de espíritos teriam sido afastados de seu planeta e albergados na Terra. Há um livro intitulado *Os Exilados da Capella*, que narra uma história semelhante a essa.

Na última parte da fala de Francisco, há um bordão recorrente nos grupos de estudos, nas palestras e nas conversas entre os espíritas: “*quem sabe mais, será mais cobrado*”. Essa máxima se refere ao conteúdo disseminado na doutrina espírita, dessa forma os seus adeptos seriam mais cobrados devido aos conhecimentos adquiridos relacionados ao espírito e seus desdobramentos. Alguns comentam que esse conhecimento não se refere somente aos conteúdos espíritas, mas a todo conhecimento produzido pela humanidade: artes, tecnologia, ciência, filosofia, religião, etc.

Irvênia, que se inscreveu para falar, está preocupada com a situação pandêmica mundial, mas demonstra certa apreensão por não poder ir até a *Casa espírita e trabalhar*. Essa preocupação talvez tenha sido motivada pelo último bordão de Francisco.

Irvênia: [...] em relação a pandemia [...] para mim é o que está acontecendo [...] o evangelho no lar, sempre cai algo para mim [...] é um chamamento da transformação que está acontecendo para a expiação, para a regeneração [...] colocar em prática o que aprendemos, isso é o trabalhador da última hora [...] rever nossos atos [...]

Não está claro se ela quer ir *trabalhar* no Centro espírita conforme consegui escrever no momento da observação, mas, com as próximas falas, a do Francisco e a minha, isso se torna mais evidente.

Já referente ao *Evangelho no lar* (ENL), ao dizer “sempre cai algo para mim”, ela está mencionando que, ao abrir ao acaso (alguns espíritas não abrem o livro ao acaso no ENL, seguem os capítulos pela ordem, eu me incluo entre estes, neste momento) o *ESE* ou outro livro para ler e comentar, durante este rito semanal, a espiritualidade propõe o assunto mais adequado para refletir naquele momento, mesmo que pareça, para os participantes do rito, totalmente desconexo aos seus contextos atuais. Segundo a crença espírita, a mensagem sempre é expressa para o indivíduo que a ouve ou a lê. Se houver uma reflexão razoável, ele a compreenderá.

Na parte final de sua fala, Irvênia relaciona o trabalho da última hora com a *reforma íntima*, quando diz “colocar em prática o que aprendemos, [...] rever nossos atos [...]”. Semelhante ao que escrevi na introdução desta tese, tudo o que há neste planeta, para o espírita, é material pedagógico para o desenvolvimento dos seres que nele habitam. Enquanto

os humanos se aperfeiçoam, mais ou menos, conscientemente, os animais o fazem instintivamente. Estes são impulsionados pelas necessidades físicas, aqueles, além das imposições corporais, requerem provisões intelectivas e sentimentais, necessidades específicas do espírito humano. Percebendo-se como um ser pensante, o indivíduo humano sai em busca de respostas para as questões de sempre: quem eu sou? De onde vim? Para onde vou? Qual o sentido da vida?

Há várias respostas para essas perguntas, dentre elas existem as materialistas e as espiritualistas. Cada pessoa escolhe aquela que lhe aprouver. Os espiritistas elegeram a espiritualista, mais especificamente as respostas que estão na doutrina dos Espíritos, a qual está delineada nas obras de Kardec e outras, que alguns chamam de subsidiárias, o que os diferencia dos demais espiritualistas. Irvênia, até este momento, está entre os espíritas, por isso comenta sobre a *reforma íntima*, que é um trabalho constante de aprendizado sobre si. Pois, segundo a crença espírita, ainda gastaremos muitos corpos, teremos várias reencarnações, para que um dia nos tornemos Espíritos puros, sem necessidade dos corpos. Então, para o espiritista, o corpo purifica o Espírito.

Inclusive, tentando justificar esse preceito espírita de que o corpo purificaria o espírito, há uma interpretação dentro do *movimento espírita* brasileiro, na qual o batismo é um ritual que pode simbolizar a reencarnação, visto que, durante os nove meses de gestação, a criança está imersa no líquido amniótico e o corpo, depois de formado, é composto por mais de 70% de água. Alguns ainda acrescentam, para fundamentar o dogma da reencarnação, a passagem descrita no evangelho de João, em que Jesus dialoga com Nicodemos:

Este foi ter de noite com Jesus e disse-lhe: Rabi, bem sabemos que és mestre vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele.

Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.

Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura, pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?

Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.

O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo (BÍBLIA, João 3:2-7).

Esse cruzamento de informações das literaturas religiosas, da ciência e das elucubrações de alguns pensadores, espiritistas ou não, constroem, no imaginário do *movimento espírita*, a fé na qual os grupos de estudos sobre o Espiritismo, como este que está sendo pesquisado, estão imersos.

Ato contínuo à fala de Irvênia, Francisco e eu damos continuidade ao jogo no qual as palavras, lidas ou ditas espontaneamente, e seus significados movimentam os pensamentos e, muitas vezes, ultrapassam os limites dos horizontes de expectativa dos membros do grupo.

Francisco: [temos que agir de acordo com o momento...]

Eu: [concordando com o facilitador] se não podemos sair, podemos fazer orações pelos que estão distantes. O espiritismo nos fala que temos uma ordem para colocarmos em prática os seus ensinamentos: 1º lar, com os familiares, que, geralmente, é mais difícil; 2º trabalho (estudo) e 3º Centro espírita, quando tivermos tempo. Então, na situação atual, podemos e devemos colocar em prática o que aprendemos com o espiritismo, com a nossa família.

Francisco e eu, com esses comentários, estamos respondendo àquela apreensão de Irvênia sobre o impedimento de ir *trabalhar* no Centro espírita durante a pandemia. Isso que expus no excerto anterior é relativamente conhecido no *movimento espírita*, principalmente em grupos com alguns anos de estudo, como o nosso. Então, mais uma vez, não falei nada além de chavões conhecidos do nosso e dos outros grupos de estudo espírita. Contudo, parece-me que essas repetições fortalecem o rito, posto que são como bengalas, sinônimo de bordão, e apoiam os indivíduos em seus caminhos discursivos, como o meu exemplo nesta (n)etnografia. Esses clichês podem estabilizar o que momentaneamente está oscilando. Mas, como esse movimento faz parte do jogo deste rito, o comentário seguinte, se não desestabilizar, vai modificar o rumo das ideias, de alguma maneira.

Há um casal em nosso grupo de estudos, Dandara e Ricardo. Ele começou a estudar o Espiritismo, no CEAB, devido aos problemas relativos à sua mediunidade que, segundo o seu relato, eclodiu subitamente e acabou causando alguns contratempos para o casal. Dandara o acompanha desde o início de seus estudos. Então, neste encontro, convidados a participarem com as suas falas no estudo da noite, Ricardo comentou: “[...] *o que a Olinda falou [...] não adianta trabalhar o dia inteiro sem qualidade [...] a gente foi os outros trabalhadores [...] estamos hoje fazendo o trabalho da última hora.*”

Com esse relato, ele retorna à contribuição de Olinda, parafraseia o que ela comentou e retoma o texto lido, à parte atribuída aos Espíritos. Dandara e Ricardo participam da reunião de estudos por meio de um computador ou um aparelho telefônico celular. Assim, os dois estão na mesma tela. Algumas vezes, principalmente nos primeiros encontros, esquecemos os nossos microfones ligados, e algum ruído mais forte atrapalhava a reunião. Nos encontros presenciais, havia, naturalmente, conversas paralelas, o que, muitas vezes, distrai os comentadores e os que querem ouvi-los falar. Nas minhas anotações presenciais, muitas vezes, durante essas conversas

paralelas, não conseguia entender nenhuma fala, nem do inscrito a falar tampouco esse diálogo concomitante. Isso me deixava apreensivo, mas depois percebi que poderia comentar algo sobre essa situação na etnografia.

Mas nas reuniões de estudos *on-line*, essa conversa paralela causa um problema distinto das reuniões *in loco*. Essas situações, no CEAB, eram contornáveis, faziam-se vistas grossas e ouvidos moucos para que continuássemos a sequência ritual. Contudo, nas reuniões *on-line*, se alguém fala com o microfone aberto durante o comentário do inscrito, não se pode entender nem um nem outro. No CEAB, parecia-me que os outros membros do grupo não se importavam com a conversa paralela, mas, de modo *on-line*, todos, ou quase todos, entreolhavam-se expressando a incompreensão do que fora dito pelo colega inscrito. Algumas vezes isso acontecia com o casal que, acostumados a conversarem entre si sobre o tema da noite de estudos nos encontros presenciais no CEAB, faziam o mesmo em casa e, às vezes, com o microfone aberto. Como eles interagem pelo mesmo aparelho eletrônico, se os demais não falassem, conseguíamos ouvir os seus diálogos. Isso não aconteceu muitas vezes, mas é algo que o momento atual, de pandemia, faz-nos repensar o modo como agimos ante às novas situações de comunicação, nas quais somos mediados pelas tecnologias viabilizadas pela *internet*. Com o tempo, essas interferências diminuíram, mas nunca acabaram, pois elas eram causadas não somente pelos membros do grupo, mas também por seus familiares, que se envolviam com ou sem intenção nos encontros semanais.

Depois da fala de Ricardo, Francisco pediu para que Dandara comentasse sobre o tema da noite. Prontamente ela se utilizou de uma estratégia empregada por eles, pelo casal: “[*hoje*] o Ricardo fala por mim [...]”

Dos grupos de estudo espírita dos quais participei, havia os indivíduos que falavam mais, os que falavam menos e os que pouco ou quase nunca falavam. Neste grupo há uma senhora que fala pouco durante os comentários, depois que lemos os textos, mas ela gosta de conversar antes e depois das reuniões; assim era nas reuniões presenciais e foi durante os encontros virtuais em 2020. Convidada por Francisco a comentar sobre o conteúdo da noite, Úrsula disse, respondendo a perguntas do facilitador, que sempre a estimulava a falar: “[...] vou aonde eu preciso [...] tu fica em casa, tu faz muita coisa pelo pensamento [...]”. Ato contínuo, ouvi uma risada, que era de uma mulher, a qual não consegui identificar; Ricardo comenta: “[...] 1º a família [...]”; constrangido com aquele riso, que me pareceu zombeteiro, sem me inscrever para falar, e sem esperar que Ricardo terminasse o seu comentário, atitudes deseducadas da minha parte, eu disse:

o que a dona Úrsula falou foi a coisa mais sensata falada hoje. Ao falar do pensamento, ela me fez lembrar dos trabalhadores da última hora, pois o pensamento é mais sutil, é o acabamento da obra. Pensamos primeiramente, depois falamos e, em seguida, agimos. Por isso, sou fã da d. Marisa, cadê ela? [...]

Percebemos que ela saiu da reunião, possivelmente contrafeita por aquela risada que pode ter sido inconsciente, mas desencadeou uma atmosfera desagradável. Essas reações irônicas causam uma movimentação abrupta, disruptora, para algumas pessoas, no jogo desse rito, como no meu caso. Por isso, a minha fala foi desconexa, pois agi e falei impulsivamente, como a proteger alguém indefeso, que aprendemos a querer bem e a cuidar depois de alguns anos de convivência.

Úrsula é septuagenária e, às vezes, nas reuniões presenciais, ela se cansava e “tirava um cochilo”. Nós achávamos engraçado, mas a deixávamos descansar. Com frequência ela levava chá para nós, principalmente no inverno. Tenho um sentimento filial por ela e penso que ela gosta tanto de mim quanto gosto dela. Talvez por morar longe de minha mãe, considero-a uma representação da figura materna. Ela também tem filhos que moram distantes, inclusive um, se não me engano, vive fora do País. Por isso, talvez, ela é tão afetiva comigo. Se pensarmos essa experiência sentimental dentro do rito, no qual estamos propondo esta (n)etnografia, ela também está imersa num jogo, num movimento. Um movimento sentimental de carinho recíproco. Embora, não estejamos de acordo em tudo, existe entre esse desajuste um elemento atenuante, que abranda e torna até palatável o que, vindo de um outro indivíduo, seria intragável.

Dessa forma, temos em nosso grupo de estudos vários níveis de relacionamento pessoal, que também influencia no movimento ritual. Além da leitura, das interpretações, dos comentários, temos os indivíduos com as suas personalidades, que conhecemos, em certa medida, há algum tempo. Então, há um horizonte de expectativas quando determinado ator ou atriz vai atuar no rito. Contudo, na maioria das vezes, esse horizonte é extrapolado e, assim, o movimento do jogo oscila continuamente entre acomodação e assimilação, como no caso a seguir, no qual a colega Livia responde ao facilitador que a incita a falar: “[...] *tô muito cansada hoje [...]*”. Em seguida, novamente, sem me inscrever, falei: “*trabalhadora de todas as horas*”. Muitas vezes, faço comentários desse jaez, o que não agrada a todos.

Aliás, o humor dos caxienses é diferente do dos criciumenses, pelo que percebi logo que cheguei em Caxias do Sul, em dezembro de 2013. Não quero dizer que um é melhor do que o outro, mas são distintos. Como tenho, em muitas ocasiões, um tom chistoso, senti em alguns ambientes que frequentei nessa cidade gaúcha uma certa frieza de meus interlocutores, inclusive

no CEAB. Só mais tarde percebi que lugares diferentes têm culturas diferentes, embora Criciúma diste menos de 300 quilômetros de Caxias do Sul. Com o tempo, houve adaptação, creio que fui me acostumando com as características das pessoas da cidade com as quais convivo, e elas se habituaram, de certo modo, com as minhas interferências espirituosas. Inclusive, o próximo comentário iniciou com um gracejo de Carlos sobre a profissão de uma colega: “*por isso que a Elaine escolheu a arquitetura*”.

Carlos já trabalhou em algumas ocasiões com Elaine, então, com o seu comentário, ele se refere à arquiteta como alguém que trabalha pouco, diferentemente do trabalho mais pesado exercido por outros profissionais, como ele que é serralheiro. E continua: “[...] *concordo com o que a Olinda falou [...] os que começaram cedo têm uma jornada maior [...]*”. Desse modo, ele acrescenta que começou o seu trabalho de serralheiro antes que o da arquiteta, trabalhando mais tempo que a colega. Isso também foi falado em tom jocoso, que amenizou a *picosfera*, como dizem os espíritas, aclimatada pela risada irônica de uma colega. Por coincidência ou não, Carlos também não é natural de Caxias do Sul, nasceu no estado de São Paulo.

Com o novo clima formatado, Francisco encaminha o rito para a *agregação*. Nesta parte, ele lê uma mensagem de um livro intitulado *Pétalas*, de Adeilson Salles, que ninguém do grupo de estudos dispunha, além dele. Dessa forma, estabilizamos, pois temos que ouvir a leitura e o comentário de Francisco e não precisamos falar mais, a não ser que alguém queira comentar, o que dificilmente acontecia. Então, o facilitador escolhe a mensagem do livro: “Culpa”.

CULPA

O sentimento de culpa é fardo pesado que a alma carrega e a faz sofrer. O Espiritismo chegou ao mundo para dar cidadania espiritual à criatura humana, pois enuncia que não existem ‘culpados’. Porém, indica que somos todos ‘responsáveis’ por nossas atitudes. A culpa é instrumento de manipulação psicológica, pois muitos dos que se sentem culpados têm no remorso a porta aberta para os manipuladores exercerem desagradável influência. Assumir a vida de maneira responsável e corajosa é caminhar para a liberação da culpa que escraviza as mentes há muitos séculos (SALLES, 2013, p. 109).

Na página anterior, há uma frase introdutória ao tema da mensagem, ela está escrita sobre uma imagem de pétalas flutuando nas águas de um lago ou algo semelhante: “A culpa é uma corrente invisível que deixa às escuras a mente humana” (SALLES, 2013, p. 108).

Eu não anotei o comentário de Francisco, mas fiquei pensando sobre por que ele escolheu essa mensagem. Quando percebi, ele pediu para Carlos fazer a prece final. Mas no dia seguinte, ao digitar o que tinha observado e anotado na noite anterior, inferi que a escolha do

tema teria sido motivada pela fala de Irvênia, na qual ela disse estar com a consciência pesada por não poder *trabalhar* na Casa espírita durante a pandemia.

O tempo da mensagem lida e comentada pelo facilitador foi em torno de cinco minutos. Nesses encontros, em que tivemos como base de estudos a leitura do *ESE* e de *Pétalas*, este livro inspirado naquele, segundo o seu autor, compreendo que esse momento de leitura e comentário do livro de Salles é para o nosso rito o que Van Gennep (1978) chamou de *agregação*, pois todos do grupo, com exceção do facilitador, estão somente ouvindo a voz do leitor. Ao apenas ouvir, sem a necessidade de falar, os *alunos do bem* diminuem a movimentação do seu jogo, visto que a fala é outra competência que, se utilizada como anteriormente, durante a leitura e os comentários dos textos do *ESE*, aumentaria a oscilação entre a acomodação e a assimilação, como se percebeu nesta (n)etnografia; pois a interpretação de um colega produz novas perspectivas que não estavam em seus horizontes de expectativas, forçando-os a se movimentarem, intimamente, em suas elucubrações para, assim, continuarem a movimentação do jogo com suas falas.

Imediatamente depois da breve *agregação*, estabelecida pela leitura e comentários de Francisco, ele pediu para que Carlos fizesse a prece final, a qual também vou nomeá-la de *separação*, em nosso rito de passagem semanal, pois, agora, ela nos transporta do *sagrado* para o *profano*, embora, na maioria das preces finais, seja pedido para a *espiritualidade superior* que consigamos manter conosco os *fluidos* benéficos que foram assimilados durante esses momentos de estudo.

Nos encontros presenciais, depois da *separação*, cumprimentávamo-nos com apertos de mão, abraços e beijos. Em seguida, saíamos, em grupos menores, conversando sobre os temas do estudo da noite ou não. Andávamos juntos, até a rua onde os carros estavam estacionados e, às vezes, conversávamos ali, em pé, por longos minutos, até decidirmos ir para casa. Já nos encontros virtuais é impossível o contato físico, obviamente. Embora, às vezes, conversemos depois da *separação*, o tempo dessa confabulação é bem menor. Geralmente, essa *separação* é quase literal nos estudos *on-line*.

Para apresentar como geralmente ocorriam os estudos *on-line* do grupo pesquisado em 2020, escrevi essa primeira parte da (n)etnografia mostrando uma reunião completa, com todos os registros que estão inscritos, no diário redigido por mim, sobre o encontro do dia 10 de junho daquele ano. Na segunda parte da (n)etnografia, pretendo escolher trechos de algumas reuniões realizadas em outras datas do ano. Dessa forma, desejo ampliar o número de informações sobre a leitura, a fala e a interpretação nas diversas situações que ocorreram durante os estudos do grupo pesquisado, obtendo, assim, uma compreensão mais ampla do rito semanal analisado.

Início essa segunda parte da (n)etnografia pela oitava reunião do ano, que ocorreu no dia 29 de abril de 2020. Estávamos em oito integrantes do grupo de estudos neste encontro e utilizamos o *Zoom* como plataforma digital para esta assembleia. Já havíamos recorrido a essa plataforma na semana anterior.

Depois de algumas conversas ligeiras em tom leve e agradável, com algumas brincadeiras devido aos problemas tecnológicos enfrentados por nós, que éramos iniciantes nesses encontros virtuais, o facilitador deu início ao rito da semana, fez a prece inicial, *separando-nos*, levando-nos do profano para o sagrado, direcionados pela sua voz e o conteúdo que ela transportava. Esse conteúdo foi gravado e enviado para o *Whatsapp* do grupo, para aqueles que não estavam presentes na reunião *on-line*.

Irvênia seria a responsável pela leitura do *ESE*, da qual ficaríamos à *margem*, segunda parte do rito. Então ela abriu o livro ao acaso no capítulo XIII, “Que a vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita”, itens 1, 2 e 3, “Fazer o bem sem ostentação”. Dessa vez fiquei à margem, de fato, pois Elaine colocou o texto na tela, mas a apresentação travou, tentei abrir o *ESE* na minha tela, contudo só consegui no fim da leitura e percebi que as edições e as traduções divergiam do meu livro para o da Irvênia e não consegui me encontrar na leitura. Vou citar a primeira parte do texto para dialogar sobre a cooperação entre os textos pragmáticos e ficcionais na compreensão leitora, que propus no subcapítulo 3.1, ao citar Stierle.

Fazer o bem sem ostentação

1. Tende cuidado em não praticar as boas obras diante dos homens, para serem vistas, pois, do contrário, não recebereis recompensa de vosso Pai que está nos céus. Assim, quando derdes esmola, não façais tocar a trombeta diante de vós, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens. Digo-vos, em verdade, que eles já receberam sua recompensa. *Quando derdes esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a vossa mão direita*; a fim de que a esmola fique em segredo, e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará (BÍBIA, Mateus 6:1-4 *apud* KARDEC, 2013a, p. 177, grifo original).

No capítulo 3 desta tese, fiz uma citação de Stierle em que ele afirma que os textos ficcionais mais complexos necessitam dos textos pragmáticos para que os receptores os compreendam com mais facilidade o conteúdo proposto pelo autor (STIERLE, 1979). Então, asseverei que os textos pragmáticos também podem ser amparados pelos ficcionais para que haja uma compreensão mais satisfatória do interlocutor do texto. Penso que o excerto anterior é um exemplo em que os textos pragmáticos se tornam mais *saborosos*, no sentido etimológico da palavra *saber*, *sabor*, que têm a mesma origem latina (HOUAISS, 2001), quando são permeados por figuras de linguagem ou trechos fictícios. Nesse texto de Mateus cuja fala é

atribuída a Jesus, chama-me a atenção a parte transcrita em itálico e “não façais tocar trombeta diante de vós”. Sem essas figuras de linguagem, essas partes ficcionais do texto, este não teria a mesma dinâmica, pois muitas vezes esses textos são resumidos, na tradição cristã, somente com o trecho fictício como “não saiba a vossa mão esquerda o que faça a vossa mão direita” (BÍBLIA, Mateus 6:1-4).

É interessante anotar neste momento que a palavra parábola tem significados diferentes nos textos bíblicos. Segundo Sant’Anna “Na Septuaginta, que é a tradução dos escritos do Velho Testamento bíblico para a língua grega, o vocábulo parabolé aparece, salvo raríssimas exceções, como equivalente do substantivo hebraico *mashal* [...]” (SANT’ANNA, 2010, p. 51). Joaquim Jeremias assevera algo semelhante a Sant’Anna, pois, segundo o escritor,

O *machal* hebraico e o *mathla* aramaico designavam, mesmo no judaísmo pós-bíblico, sem que se possa fazer um quadro esquemático, toda sorte de linguagem figurada: parábola, comparação, alegoria, fábula, provérbio, revelação apocalíptica, dito enigmático, pseudônimo, símbolo, figura de ficção, exemplo (tipo), motivo, argumentação, apologia, objeção, piada (JEREMIAS, 1986, p. 13, grifo original).

Dessa maneira, de acordo com os autores citados, a parte do texto que se apresenta como figura de linguagem pode ser considerada uma parábola, uma vez que a comunidade leitora pesquisada se considera herdeira da literatura hebraica e cristã.

Desse modo, o *mashal*, a parábola ou o trecho alegórico do texto está condensando todo o significado do texto objetivo. A figura de linguagem e a ficção são simbólicas enquanto o texto pragmático é descritivo, explicativo. A linguagem necessita dos dois tipos textuais, como num jogo. Esse movimento se faz necessário na literatura, pois o texto não pode ser só metafórico ou objetivo, se assim o fosse, seria cansativo e monótono. Então, na literatura parece-me ser indispensável simbolizar o descritivo e descrever o simbólico para que o texto encontre um equilíbrio e alcance o seu receptor integralmente. Utilizo-me desse advérbio porque o simbólico e o pragmático também são inerentes ao ser humano, visto que ele é constituído de carne e espírito, uma dicotomia presente em todo o indivíduo. A carne simbolizando o corpo e, o espírito, para alguns, a alma, que sobrevive ao corpo, depois que esse se desintegra com a morte, ou a mente, que é produto do cérebro, para outros. Esse jogo entre corpo e mente se faz presente a todo instante em nossas vidas. Fazemos nossas tarefas diárias com o nosso corpo, mas a mente subjaz em todas as situações. Como o texto é produzido pelo ser humano, seja ele escritor ou receptor, o simbólico e o pragmático estão vinculados organicamente a ele.

Depois de alguns contratempos referentes à tecnologia - o tempo de permanência na plataforma Zoom foi um deles -, Francisco fez um comentário referente ao trecho do *ESE* referido anteriormente:

Empresários de grandes redes “ajudando”. Quando eles fazem essas cestas básicas [...] não tem propaganda maior para a pessoa que está passando necessidades. Se eles fazem de bom grado, tudo bem, mas que faz [...] O beneficiado que está recebendo já não está muito bem, [...] e o orgulho atrapalha. [...] receber o benefício, mas sem se sentir mal [...].

Segundo a Estética da Recepção, o horizonte de expectativa e o contexto social do receptor auxiliam e direcionam a sua interpretação (JAUSS, 1994). O contexto pandêmico inicial era o pano de fundo dessa interpretação. Francisco comentava que algumas empresas e pessoas estavam se beneficiando ao divulgarem os seus negócios com as doações de seus produtos. Ou seja, todos ficam sabendo das doações, isso já não seria caridade do ponto de vista espírita, mas, ao contrário, propaganda da imagem pessoal ou da marca, totalmente oposto ao que o texto lido propõe. Segundo Francisco, alguns dos beneficiados desse tipo de caridade muitas vezes se sentem constrangidos pela exposição feita por alguns desses indivíduos que *trombeteiam* as suas boas ações. Já outros beneficiados, conforme a interpretação do facilitador, seriam compelidos a consumir determinada marca devido à sua benemerência em tê-los ajudado em momentos difíceis.

O facilitador, em seguida, lê um texto do livro *Pétalas*:

SOLIDARIEDADE

A solidariedade é uma vacina contra a solidão, pois o coração da pessoa solidária vive perfumado de amor.

Pétala importante da “flor do amor”, a solidariedade é a caridade que abraça e acolhe. Ser solidário é partir para ação em meio às lutas do mundo.

Uma vez a solidariedade posta em ação, a “flor do amor” começa a desabrochar na vida do beneficiado.

Solidariedade: pétala da “flor do amor” (SALLES, 2013, p. 47).

Depois das falas de alguns colegas, Bento parafraseia Eduardo Galeano sobre a diferença entre caridade e solidariedade: “[...] *a caridade seria vertical, de baixo para cima, enquanto a solidariedade seria horizontal, de iguais [...]*”. Eu disse que concordava com o Bento e sua citação. Contudo, acrescentei que a palavra caridade, dentro da doutrina espírita, tem uma acepção mais ampla, “[...] *Visto que para o Espiritismo existe a caridade material e a caridade moral*”.

Nessa situação, podemos perceber como as interpretações estão em conformidade com o horizonte de expectativas dos autores e receptores. Os autores Kardec e Galeano conceituam a palavra caridade de forma diferente, o que é comum, pois os dois escritores estão em contextos e épocas diferentes. Como se sabe, algumas palavras mudam de significado com o tempo, assim como ocorreu com a palavra *positivo*. Esta palavra significava, entre outras coisas, o que era fundamentado em fatos, depois passou também a estar relacionada com a Filosofia Positivista de Comte e, hoje, segundo o Houaiss (2001), tem 17 significados distintos. Para a palavra caridade, há cinco entradas no mesmo dicionário.

Entre os receptores, Bento e eu, a palavra caridade também ganhava conceitos distintos, embora estivéssemos na mesma época. Contudo, os nossos contextos sociais, além da Casa espírita, são diferentes. Posso ainda mencionar que, agora, ao escrever este parágrafo, o meu horizonte de expectativas é distinto daquele em que escrevi o diário para esse encontro, e portanto as reflexões são outras. Para esse tema da recepção literária, Jauss propõe que

A relação entre literatura e leitor pode atualizar-se tanto na esfera sensorial, como pressão para a percepção estética, quanto também na esfera ética, como desafio à reflexão moral. A nova obra literária é recebida e julgada tanto em seu contraste com o pano de fundo oferecido por outras formas artísticas, quanto contra o pano de fundo da experiência cotidiana de vida (JAUSS, 1994, p. 53).

Em nosso caso, temos como pano de fundo a experiência pandêmica mundial, principalmente, referindo-se à experiência cotidiana, e as obras envolvidas no estudo: o *ESE* que estuda e comenta os Evangelhos, o livro *Pétalas*, de Salles, que afirma ser uma obra inspirada no *ESE*, a referência de Bento a Galeano e a minha alusão ao *ESE*, ao falar em caridade moral e material.

Bento ainda comentaria sobre uma palestra da professora Lúcia Helena Galvão, na qual ela afirmaria haver vários significados para a palavra amor. Esse comentário de Bento foi motivado por minha fala sobre a primeira Carta de Paulo aos coríntios em que há duas traduções para uma palavra: “Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos e não tivesse caridade [...]” (BÍBLIA, 1Coríntios 13:1). Em outras traduções, a palavra *amor* substitui a palavra *caridade*, na parte do versículo citado. Depois, em tom de brincadeira, cantei um trecho da música “Monte Castelo”: “O amor é o fogo que arde sem se ver” (LEGIÃO URBANA, 1989). É interessante comentar que o autor da canção se utilizou de um poema de Camões e da Carta de Paulo aos coríntios para construí-la. Então, nesse estudo, além dos textos utilizados para a leitura, referiu-se a outros textos: uma canção popular, um texto religioso e uma poesia.

Dessa forma, penso que a minha experiência como *road* (trabalhei em uma banda durante 11 anos), como professor da área de letras, como membro de um grupo vocal e como leitor da Bíblia construíram o meu modo de recepção dos textos e, consequentemente, a maneira de recepcionar a leitura do grupo de estudos no qual estou inserido. Do mesmo modo, a vivência de Bento ao comentar sobre a palestra da professora Galvão e as experiências e horizontes de expectativas dos outros membros do grupo influenciam na recepção de todos os leitores envolvidos no estudo.

No dia 19 de agosto de 2020, fizemos a vigésima quarta reunião, dessa vez pela plataforma *Google Meet*. Elaine seria a facilitadora da noite, conforme combinado na semana anterior. Estudamos o capítulo XXVII, “Pedi e obtereis”, que se dedica à oração. Aliás os dois últimos capítulos do *ESE* são dedicados à prece. São 59 páginas, pela edição que utilizo para a pesquisa, nas quais Kardec e os Espíritos dissertam sobre o tema que, para os nossos encontros semanais, chamei de *separação*, segundo Van Gennep (1978).

Então, percebe-se que, para o Espiritismo, a prece é fundamental, não somente para iniciar ou terminar um rito, mas para muitas situações do cotidiano. O capítulo XXVIII do *ESE* reúne uma coletânea de preces espíritas com o intuito de orientar “os que sentem embaraço para externar suas ideias, [contudo não se deve] considerar esta coletânea como um formulário absoluto e único” (KARDEC, 2013a, p. 325). Dessa forma, o livro de Kardec, que se dedica a estudar os evangelhos, também ensina os espíritas a orarem. Essa obra também é utilizada no rito *Evangelho no Lar*, por isso, talvez, ela seja a obra da codificação kardequiana mais popular no Brasil.

Os espíritas afirmam que o Espiritismo tem o tríplice aspecto de filosofia, ciência e religião. Essas três perspectivas doutrinárias estariam contidas nas três primeiras obras de Kardec: *O livro dos Espíritos*, que introduziria a filosofia espírita para os leitores; *O livro dos médiuns*, que apresentaria a parte experimental do Espiritismo, e *O evangelho segundo o Espiritismo*, que estuda a moral cristã contida nos escritos do Novo Testamento. No livro *O consolador*, de autoria atribuída ao Espírito Emmanuel, psicografado por Xavier, o autor responde qual seria o maior aspecto desse “triângulo de forças espirituais?” (XAVIER, 2010d, p. 13).

‘A ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam o aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração

do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual' (XAVIER, 2010d, p. 13-14).

Os aspectos filosófico e científico do Espiritismo estariam vinculados à Terra, já o religioso estaria vinculado ao sagrado. Se fôssemos distribuir as três primeiras obras de Kardec em cada ângulo de um triângulo, *LE* e *LM* estariam nas duas pontas que ligam a linha horizontal, que dá base ao triângulo. O *ESE* estaria *separado*, seria o ângulo que se direciona aos céus. Dessa forma, o *ESE* conecta o espírita ao sagrado, o *LE* e o *LM* deixariam os espíritas com os pés no chão, visto que o *mundo material* é fundamental para a *evolução do Espírito*.

A preferência do espírita brasileiro pelo *ESE* ganha força com a obra *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, psicografada por Xavier e atribuída a Humberto de Campos, que afirma, em sua obra, ser a árvore do evangelho transplantada da Europa para o Brasil, pois naquele continente ela daria menos frutos que na Terra de Vera Cruz. Desse modo, o Espiritismo amplia o seu *status* de religião no imaginário de seus adeptos brasileiros. Por essa razão, penso que o grupo de estudos pesquisado se utilizou do *ESE* como o principal livro a ser estudado durante o ano de 2020.

Então, o nosso grupo retomou esse livro na vigésima quarta reunião de estudos de 2020. Lemos do primeiro ao oitavo item, do capítulo XXVII, mas vou citar somente o terceiro, por se tratar de uma parábola.

3. Também disse esta parábola a alguns que punham a sua confiança em si mesmos, como justos, e desprezavam os outros:
Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu, publicano o outro. O fariseu, conservando-se de pé, orava assim, consigo mesmo: “Meu Deus, rendo-vos graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como esse publicano. Jejuo duas vezes na semana; dou o dízimo de tudo o que possuo.”
O publicano, ao contrário, conservando-se afastado, não ousava, sequer, erguer os olhos ao céu; mas batia no peito, dizendo: “Meu Deus, tem piedade de mim, que sou um pecador.”
Declaro-vos que este voltou para a sua casa justificado, e o outro não; porquanto, aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será elevado (BÍBLIA, Lucas 18:9-14 *apud* KARDEC, 2013a, p. 311-312).

Referente a essa leitura, Elaine faz a sua interpretação da seguinte maneira: “[...] *quando me pedem para rezar para alguém, peço para que seja feito o que for melhor para a pessoa [...] a morte é quase uma benção [muitas vezes] [...]*”. Em seguida, Bento fala: “[...] *jovem com câncer morreu com o espírito curado [...] aceitar, se não é possível [mudar]*”.

Bento e Elaine estão distantes do tempo e do espaço em que esse texto evangélico que está transcrito no *ESE* se consolidou como cânone literário do Novo Testamento. Esses dois

leitores também estão há mais de um século do lançamento do *ESE*, por isso as suas interpretações anotam singularidades da vivência espírita, pois “À medida que, do ponto de vista diacrônico, se transformam os códigos literários, as leituras de um determinado texto angariam novas dimensões e significações.” (SOARES, 2005, p. 132).

Com o *ESE*, os códigos desse texto bíblico se transformaram para os dois leitores. Para as suas interpretações, eles estavam amparados pela tradição oral e pela literatura espíritas. Ao ler a primeira fala de Elaine, lembrei-me de uma história que ouvi logo que entrei no *movimento espírita*: perguntaram para um Espírito em uma reunião mediúnica se determinada pessoa que passaria por uma cirurgia “ficaria bem”. Ele respondeu que sim. Contudo a pessoa faleceu. Em outra reunião mediúnica, perguntaram para o mesmo Espírito porque ele havia falado uma coisa e aconteceu outra. Ele respondeu que falou a verdade, pois a pessoa estava muito bem no plano espiritual.

Talvez Elaine não conheça essa história, mas permeia no *movimento espírita* muitos relatos semelhantes a esse. Além disso, na oração dominical, conhecida pelos cristãos, há um trecho que pede para que seja feita a vontade de Deus, pois Ele sabe o que é melhor para cada criatura, segundo os fiéis cristãos. Então, percebe-se que a tradição oral e alguns textos religiosos embasam a primeira fala de Elaine.

Na primeira ponderação de Bento, ele faz referência a uma palestra do médico espírita Décio Iandoli, *Pensamento e cura*, que ele havia assistido há dois dias, conforme um comentário anterior, na mesma reunião. Nessa exposição, o médico afirma que há seres humanos que morrem curados e outros não. Segundo a crença espírita, a doença no corpo físico auxilia na depuração do Espírito. Por isso, justifica-se a fala de Bento ao dizer que o Espírito chegou curado no mundo espiritual, depois de sua morte. Outros não chegam curados, segundo o médico, e permanecem com a doença, não mais no corpo físico, mas no *perispírito*, o corpo que serve de intermediário entre o corpo físico e o espírito. O médico comenta na sua palestra que alguns homens e mulheres se curam de uma doença somente no plano físico, mas a doença ainda está no *perispírito* e, muitas vezes, ela retorna ao corpo físico, pois a sua causa, que é principalmente espiritual, ainda não foi tratada devidamente.

Décio Iandoli fundamenta algumas de suas palestras nas obras de Xavier que são atribuídas ao Espírito André Luiz. Este teria sido médico em sua última reencarnação. Iandoli é autor de alguns livros, o mais conhecido, talvez, seja *O cérebro triuno*. Essa obra foi escrita a seis mãos. Além de Décio Iandoli, os médicos Sérgio Lopes e Irvênia Prada são autores do livro. Esses autores afirmam ter encontrado no livro *No mundo maior*, de Xavier/André Luiz, os temas que os motivaram a construir a obra.

Com isso posto, verifica-se que o grupo de estudos pesquisado se identifica com essa cultura oral, textos e interpretações. Após a leitura da parábola evangélica e da fala de Elaine, Bento lembra da palestra de Iandoli que, por sua vez, fundamenta a sua fala e seus textos nas obras de Xavier, que apresentam o mundo espiritual em forma de romance, os quais estão embasados na teoria espírita, escritas nas obras de Kardec. O *ESE*, de Kardec, estuda, comenta e interpreta o evangelho que é conformado pela cultura hebraica, visto que Jesus e os apóstolos eram judeus. Atualmente, no *movimento espírita*, há estudos sobre a *Torah* (os cinco primeiros livros do Antigo Testamento), veiculados pela plataforma *YouTube*. Isso demonstra que o grupo de estudos pesquisado pertence a uma cultura na qual a literatura oral e escrita estão constantemente se manifestando, mesmo que os integrantes do grupo não estejam conscientes disso.

Depois de Bento e Elaine intercalarem outros comentários referentes à leitura da noite, chegou a minha vez de atuar. Iniciei em tom de brincadeira, pois Elaine era a facilitadora da noite e costumamos, às vezes, fazer intervenções espirituosas e irônicas, com o intuito de tornar o estudo agradável:

Posso falar, professora? O que mais me chama a atenção é a parábola que Jesus contou sobre a prece, envolvendo um fariseu e um publicano. Quando se fala em parábola, sabemos que se trata de ficção, literatura. Nesse caso é uma história inventada por Jesus, então se trata de literatura oral. Muitos textos bíblicos são literatura, estão equivocados aqueles que interpretam a Bíblia literalmente. Por exemplo, em gênesis, quando fala que Deus fez o mundo em 7 dias, trata-se de uma alegoria, de ficção, é um poema cantado ou declamado pelos judeus. E os judeus, que são os detentores da literatura hebraica, sabem disso. Existe um padre, Cássio Murilo Dias da Silva, que escreveu um livro intitulado *Leia a Bíblia como literatura*.

Mas o que eu queria falar era sobre a parábola que Jesus contou. O que me impressiona em Jesus, é que ele observa certos preconceitos sociais. Os fariseus eram os doutores da lei, eram os intelectuais e os juizes do judaísmo, uma classe que detinha poder entre a sua “raça”. Os publicanos eram cobradores de impostos, geralmente um judeu que trabalhava para o império romano. Os judeus odiavam os publicanos. Jesus toma a prece feita pelo publicano como um exemplo a ser seguido e a do fariseu como exemplo a ser rechaçado. Como em outros casos, Jesus inverte a lógica social, causando um estranhamento no grupo, geralmente judeu, fazendo repensar sobre os poderes simbólicos dentro do sistema social hebraico.

Primeiramente, gostaria de lembrar que a minha fala foi escrita no dia seguinte do encontro, como já foi mencionado anteriormente nesta (n)etnografia, pois como escrevia os comentários durante a reunião, não era capaz de falar e escrever ao mesmo tempo. Então, o que está escrito sobre a minha contribuição para o estudo foi auxiliado pela recordação do que havia dito na noite anterior.

Há muitas pessoas que ainda leem a Bíblia como verdade absoluta, sem cogitar, por exemplo, que uma parábola é uma história não real. Conta-se, em algumas palestras espíritas, que havia um guia turístico em Israel que chegava em determinada localidade e afirmava que certa construção antiga seria a hospedagem em que o *bom samaritano* havia acomodado o indivíduo que teria socorrido. Então, muitos turistas tiravam fotos no lugar onde aquelas pessoas teriam transitado. Contudo, a história do *bom samaritano* é uma parábola, portanto uma ficção, ela não existe e nunca existiu no mundo “real”, somente no mundo literário, assim como Riobaldo, de *Grande sertão: veredas*, só existe devido à literatura. Embora esses personagens vivam na memória de seus leitores, eles foram construídos pelo *verbo* (oral ou escrito) de seus autores.

Por isso, expliquei para os colegas do grupo de estudos sobre a ficcionalidade da parábola, com intenção de mostrar que a literatura era importante naquela época e ainda o é hoje, visto que nossa mente parece não distinguir, às vezes, a realidade da ficcionalidade expressa na literatura, como teria acontecido com os turistas em Israel.

Quando falei da Gênesis bíblica, repeti o que ouvi nos estudos de judeus, de espíritas e de judeus-espíritas que assisto pelo *YouTube*. Algo interessante que eles comentam é que seria absurdo querer que um texto escrito há três mil anos, mais ou menos, contivesse verdades escritas numa linguagem cartesiana da ciência atual.

Em seguida, comentei sobre o livro de Cássio Murilo Dias da Silva e mostrei na tela, pois tive a sensação de que eles não estavam acreditando na minha fala, devido ao título do livro do padre *Leia a Bíblia como literatura*. Finalmente, fiz o comentário sobre o texto lido. Nessa interpretação, além dos meus estudos em livros, também utilizei dos estudos intermediados pelo *YouTube* para fundamentar as minhas observações sobre a parábola.

Para Boyarin “O conhecimento, como a linguagem, é inseparável do diálogo e da dominação e, na maioria das vezes, contém uma mistura dos dois” (BOYARIN, 1993, p. 8). Com essa proposição do etnógrafo, penso que na minha contribuição para o estudo existe a mescla dos dois, dominação e diálogo. Por pressupor ter conhecimentos de aspectos da cultura e da literatura bíblica que os colegas não têm, julgo dispor de uma autoridade intelectual relacionada ao tema. Isso está na minha fala que tenta ser atraente, em tom amistoso para não ferir suscetibilidades, o que não é difícil de ocorrer.

Contudo, penso que o conhecimento expresso pelos outros componentes do grupo de estudos também vem com a mistura proposta por Boyarin, uma vez que eles têm o conhecimento empírico de suas vivências, de outras leituras e, assim como eu, da tradição oral mediada pelas palestras disponíveis em algumas plataformas digitais, como o *YouTube*, por

exemplo. Ao propormos a nossa interpretação, nos estudos semanais, queremos, também, demonstrar o nosso valor intelectual e, durante o tempo de nossa argumentação, submetemos a atenção dos nossos interlocutores ao que falamos, provocando e dando continuidade ao jogo complexo no qual estamos inseridos.

Entremos, então, em uma outra fase do nosso jogo. Vou analisar algumas partes da 33ª reunião do ano de 2020, que ocorreu no dia 21 de outubro. É interessante anotar que a partir do 27º encontro, em 9 de setembro de 2020, começamos a estudar O livro dos Espíritos (LE) e O livro dos médiuns (LM), além de fazermos a abertura dos estudos com o ESE, depois da prece inicial. Na 26ª reunião, o facilitador fez a proposta de estudarmos o LE e o LM. Ao final do encontro ele abriu uma votação para decidirmos se estudaríamos ou não esses dois livros. Não votei para não influenciar, visto que para minha pesquisa seria melhor continuar somente com o ESE, que estuda alguns textos ficcionais, sobre os quais volta-se a Estética da recepção. Contei sete votos a favor de acrescentarmos os dois livros aos estudos semanais, estávamos em dez integrantes. Então, a partir de 9 de setembro, leríamos três questões, respostas e, quando houvesse, comentários do LE e três itens do LM, depois de lermos e comentarmos o ESE.

Assim, a 33ª reunião de 2020 foi iniciada com uma prece realizada por Ricardo a pedido do facilitador. Finalizada a primeira fase do rito, a separação, Lenir assumiria como facilitadora da noite, mas ela “saiu da sala”. Enquanto isso, Bento leu os itens 5 e 6, “Parábola do semeador”, do capítulo XVII, “Sede perfeitos”. O item 5 contém a parábola atribuída a Jesus e a explicação dada por ele a seus discípulos e, no item 6, há um breve comentário de Kardec sobre a parábola.

Capítulo XVII

Parábola do Semeador

5. Naquele mesmo dia, tendo saído de casa, Jesus sentou-se à borda do mar; em torno dele logo reuniu-se grande multidão; pelo que entrou numa barca, onde sentou-se, permanecendo na margem todo o povo. Disse então muitas coisas por parábolas, falando-lhes assim:

“Aquele que semeia saiu a semear; e, semeando, uma parte da semente caiu ao longo do caminho e os pássaros do céu vieram e a comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos onde não havia muita terra; as sementes logo brotaram, porque carecia de profundidade a terra onde haviam caído. Mas, levantando-se, o Sol as queimou e, como não tinham raízes, secaram. Outra parte caiu entre espinheiros e estes, crescendo, as abafaram. Outra, finalmente, caiu em terra boa e produziu frutos, dando algumas sementes cem por um, outras sessenta e outras trinta. Ouça quem tem ouvidos de ouvir.” (BÍBLIA, Mateus 13:1-9 *apud* KARDEC, 2013a, p. 236).

“Escutai, pois, vós outros a parábola do semeador. Quem quer que escuta a palavra do Reino e não lhe dá atenção, vem o espírito maligno e tira o que lhe fora semeado no coração. Esse é o que recebeu a semente ao longo do caminho. Aquele que recebe a semente em meio das pedras é o que escuta a palavra e que a recebe com alegria no

primeiro momento. Mas não tendo nele raízes, dura apenas algum tempo. Sobrevindo reveses e perseguições por causa da palavra, tira ele daí motivo de escândalo e de queda. Aquele que recebe a semente entre espinheiros é o que ouve a palavra; mas em quem, logo, os cuidados deste século e a ilusão das riquezas abafam aquela palavra e a tornam infrutífera. Aquele, porém, que recebe a semente em boa terra é o que escuta a palavra, que lhe presta atenção e em quem ela produz frutos, dando cem ou sessenta, ou trinta por um.” (BÍBLIA, Mateus 13:18-23 *apud* KARDEC, 2013a, p. 236).

6. A Parábola do Semeador exprime perfeitamente os matizes existentes na maneira de serem utilizados os ensinamentos do Evangelho. Quantas pessoas há, com efeito, para as quais não passa ele de letra morta e que, como a semente caída sobre pedregulhos, nenhum fruto dá!

Não menos justa aplicação encontra ela nas diferentes categorias espíritas. Não se acham simbolizados nela os que apenas atentam nos fenômenos materiais e nenhuma consequência tiram deles, porque neles mais não veem do que fatos curiosos? Os que apenas se preocupam com o lado brilhante das comunicações dos Espíritos, pelas quais só se interessam quando lhes satisfazem à imaginação, e que, depois de as terem ouvido, se conservam tão frios e indiferentes quanto eram? Os que reconhecem muito bons os conselhos e os admiram, mas para serem aplicados aos outros e não a si próprios? Aqueles, finalmente, para os quais essas instruções são como a semente que cai em terra boa e dá frutos? (KARDEC, 2013a, p. 236-237).

Ao término da leitura de Bento, Lenir retornou à sala, falou que ocorreu algum problema com a conexão de sua *internet*. Comentei, espirituosamente, que havíamos combinado, na semana anterior, que leríamos somente o item 5. Irvênia, sorrindo, fez um sinal que indicava concordância com o que eu havia falado. Bento respondeu que o texto era curto, por isso continuou a leitura.

Depois dessas falas iniciais, Lenir começou a ler os itens do LM, sem comentarmos a leitura do ESE. Isso me deixou um pouco apreensivo, pois como se tratava de uma parábola, eu poderia incluir essa leitura e os comentários na (n)etnografia. Contudo, preferi não intervir e deixar a reunião seguir o seu curso. Então, ela leu os itens 19, 20 e 21. Ao terminar a leitura de cada item, ela perguntava se tínhamos alguma dúvida ou comentário, ninguém teve dúvidas e comentários sobre os itens 19 e 20, mas ao terminar a leitura do item 21, Francisco falou: “[...] *tem a ver com a leitura do evangelho [...] muitos ouvem, mas não conseguem colocar em prática [...] a crença pode se reanimar [...] como uma essência divina [...]*”. A parte do texto que Francisco diz ser semelhante à parábola lida por Bento é a seguinte: “[...] quando a incredulidade não é preconcebida, porque então a crença não é de todo nula; há um germen latente, abafado pelas ervas más, e que uma centelha pode reavivar.” (KARDEC, 2013d, p. 35).

A partir do item 18 se inicia o capítulo III da primeira parte de *O livro dos médiuns*. “Do método” é o título desse capítulo. Nos itens 19, 20 e 21, Kardec inicia a sugerir uma metodologia para convencer alguns incrédulos sobre as propostas espíritas. Ele adverte que há

duas categorias de materialistas: os extremados e os que o são “*por falta de coisa melhor.*” (KARDEC, 2013d, p. 35). Com os primeiros não se deve perder tempo, para os segundos ele escreveu, entre outras coisas, a citação que Francisco disse estar relacionada ao evangelho.

Eu também havia percebido essa semelhança entre o evangelho da noite e o texto do *LM*. Na minha interpretação, colocaria os incrédulos extremados como aquela parte do caminho em que as sementes caíram, os pássaros vieram e a comeram. Já os outros descrentes seriam semelhantes as outras duas partes seguintes, nas quais as sementes caíram entre as pedras e os espinheiros. No item 21 do *LM*, Kardec escreve que a segunda classe dos que não creem é mais numerosa do que a primeira. Isso, a meu ver, parece estar de acordo com a parábola, pois o autor divide os terrenos nos quais as sementes caíram em quatro partes; duas delas, a segunda e a terceira, conforme a história, são dos incrédulos moderados, segundo a minha análise mediada pelo *LM*. O número maior desses descrentes moderados é coerente para Kardec, pois para ele “o verdadeiro materialismo é um sentimento antinatural” (KARDEC, 2013d, p. 35). Francisco, depois das falas de outros membros do grupo, repetiu essa citação, sem comentários.

Bento também discorre sobre o texto lido por ele mesmo, assim: “[...] (*lendo o evangelho*) [...] conforme o grau de compreensão, pode-se [...] a semente pode frutificar [...] a humanidade vai mudar com a pandemia [...] comparo com a parábola do semeador [...] há os 4 [estágios] da parábola de Jesus [...]”. É interessante anotar que antes de fazer o seu comentário, ele relê algumas partes do texto. Ele interpreta os terrenos nos quais as sementes caem como uma gradação, conforme a capacidade de compreensão dos indivíduos que entram em contato com a palavra de Jesus. Primeiro, os materialistas extremados que não compreendem nada da mensagem do evangelho. Segundo, os que compreendem um pouco dela. Terceiro, os que compreendem mais que os segundos e, por fim, os que estão receptivos e dispostos a apreenderem os novos aprendizados propostos pela *boa nova*. Seguindo a interpretação de Bento, “a humanidade vai mudar com a pandemia”, ou seja, as pessoas podem mudar o seu grau de compreensão referente ao evangelho. Se elas estiverem dispostas a aprender com a situação provocada pela pandemia, pode-se mudar de fase no jogo da vida, e assim a humanidade entraria em um contexto mais feliz que o atual. Bento, dessa forma, traz mais uma vez ao debate dos estudos o recorrente tema da *transição planetária*, segundo a crença espírita.

Depois de algumas contribuições de outros colegas, Nara fala: “[...] às vezes a gente acha que essa semente não vai germinar [...] acaba que essa sementinha vai e germina [...] lá no fundo [...] com medo e com tensão [...]”. Nara abre nova perspectiva para a interpretação da parábola. Agora, os semeadores são as pessoas comuns que podem contribuir de alguma

maneira para tornar os ambientes, nos quais circulam, melhores para o bem coletivo. Essa sementinha pode ser várias coisas: um sorriso, um conselho, um abraço, ouvir, a educação dada pelos pais, enfim, o contexto pede a semente adequada para o momento, que, em muitas situações, deve ser o silêncio. Nara, quando comenta “*lá no fundo [...] com medo e tensão*”, faz referência à semente no escuro sob a pressão da terra, simbolizando um conselho, por exemplo, que ficou guardado em algum lugar da consciência ou até do inconsciente, mas que um dia pode vir à tona e até frutificar.

No texto do *ESE* lido para a noite de estudos, percebe-se que Kardec cita duas partes do evangelho de Mateus, 13:1-9 e 13:18-23. Na primeira parte da citação de Kardec está a parábola do semeador; na segunda, a explicação da mesma parábola pelo próprio autor, Jesus. No versículo subsequente do primeiro trecho da citação, alguns discípulos perguntam para ele: “Por que lhes falas por parábolas?” (BÍBLIA, Mateus 13:10). Jesus explica-lhes com várias referências ao Antigo Testamento até chegar ao segundo trecho da citação do evangelho feita por Kardec. A Estética da recepção ajuda-nos a compreender o que se estabelece nesse estudo, visto que ao direcionar o

seu interesse para as condições diferentes de diferentes construções de sentido dos textos, passou também a pertencer ao campo de seu objeto o sentido textual intencionado por cada autor, considerado como o primeiro de uma série de constituições do sentido e de suas condições históricas (GUMBRECHT, 1979, p. 191).

Então, o autor da parábola é o primeiro a dar sentido à sua história. Os textos omitidos por Kardec, ao citar o evangelho, contextualizam a parábola em seu momento histórico, iniciando com a pergunta dos discípulos no versículo 10 e continuando com as menções à *Tanah* (Antigo Testamento), até o verso 17. Em seguida, Kardec dá continuidade às construções de sentido, no item 6 do *ESE*, fazendo uma analogia do solo da parábola com a receptividade dos conteúdos do Espiritismo pelos espíritas do seu tempo. Por fim, nós, os estudantes do CEAB, construímos os nossos diferentes sentidos do texto evangélico embasados nos textos de Kardec, em nosso momento histórico, com as nossas vivências, as nossas leituras e os estudos viabilizados pela *internet*.

Ainda referente à leitura desse estudo e aos passos recepcionais motivados por ela, lembro, mais uma vez, de Stierle quando afirma que, para os textos fictícios mais complexos, os textos pragmáticos auxiliam à compreensão (STIERLE, 1979). Infiro, com a pergunta feita pelos discípulos de Jesus, que alguns de seus seguidores também não entenderam a história do

semeador, visto que o autor da parábola, alguns versos depois, explica a sua história em uma linguagem pragmática para os discípulos mais próximos. Kardec, em seguida no *ESE*, também aplica o mesmo conteúdo da parábola para os discípulos do Espiritismo, em uma linguagem pragmática. E por último, os estudantes do CEAB também se utilizaram da linguagem pragmática para comentar o evangelho à luz dos textos de Kardec.

Nos estudos do ano de 2020, por duas vezes Francisco contou uma história fictícia motivada por um texto do *ESE* que está no capítulo XII, “Amais os vossos inimigos”, itens 1, 2 e 3, “Retribuir o mal com o bem”. A primeira vez que ele narrou a história de “O menino e o Carvão” foi em nossa primeira reunião virtual, pela plataforma *Zoom*, dia 22 de março de 2020. A segunda vez que a contou novamente foi no 19º encontro, no dia 15 de julho, já pela plataforma *Meet*. Esse caso parece-me interessante, pois confirma empiricamente, conforme as observações para esta pesquisa, o que eu havia proposto no capítulo 3, ao mencionar que não somente o texto ficcional necessita do pragmático, mas o inverso também é verdadeiro, como num jogo de linguagem que se faz necessário para o ser humano que, possivelmente, não suportaria somente uma das linguagens: a pragmática ou a fictícia.

Esse texto do *ESE* tem quatro itens que estão distribuídos em três páginas, na edição que utilizo para esta pesquisa. Vou citar somente o primeiro item, que são duas passagens do evangelho de Mateus.

Retribuir o mal com o bem

1. Aprendestes que foi dito: “Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos.” Eu, porém, vos digo: “*Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam*, a fim de serdes filhos do vosso Pai que está nos céus e que faz se levante o Sol para os bons e para os maus e que chova sobre os justos e os injustos. Porque, se só amardes os que vos amam, qual será a vossa recompensa? Não procedem assim também os publicanos? Se apenas os vossos irmãos saudardes, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem outro tanto os pagãos?” (Mateus, 5:43 a 47.)

“Digo-vos que, se a vossa justiça não for mais abundante que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus.” (BÍBLIA, Mateus 5:20 *apud* KARDEC, 2013a, p. 165, grifo original).

Eu li os quatro itens e o facilitador me pediu para comentar. Falei com linguagem pragmática assim como o texto lido. Ato contínuo ao meu comentário, o facilitador contou a seguinte história, mais ou menos assim:

O MENINO E O CARVÃO

O garoto chega em casa pisando forte e diz ao pai:

- Estou com muita raiva do Lucas, papai! Ele me envergonhou na escola e agora eu desejo tudo de ruim pra *[sic]* ele!

O pai então o leva até o quintal, com um saco de carvão e diz:

- Filho, quero que jogue os pedaços de carvão naquele lençol que está pendurado no varal, como se ele fosse o Lucas.

O filho sem entender, mas empolgado com a brincadeira, faz o que o pai pediu. Ao final, o garoto diz estar feliz por ter sujado uma parte do lençol, como se fosse o coleguinha. O pai então o leva diante do espelho e para a surpresa do garoto, a aparência dele era tão preta, que mal conseguia enxergar os próprios olhos. O pai então concluiu:

- Veja meu filho, o mal que desejamos aos outros é como esse carvão. Ele pôde até sujar um pouco do lençol, mas na verdade o maior prejudicado foi quem o jogou. (PENSADOR, 2021, sem paginação)

Então, o conteúdo evangélico, que está sendo veiculado por uma linguagem pragmática, é explicado por Francisco por meio de uma história fictícia, trazendo, dessa maneira, outra perspectiva para elucidar, com uma linguagem contemporânea, o que o autor da história narrada no texto de Mateus propôs segundo a linguagem utilizada em seu contexto cultural.

A parábola contada pelo facilitador nos dá a sensação de preenchimento de alguns vazios que não conseguimos completar no texto evangélico. Se não soubermos o que significa fariseu, publicano, escriba; quais as funções culturais desses indivíduos naquela sociedade, não temos como alcançar uma compreensão satisfatória do texto de Mateus. Logo no início desse texto há algo que me chama a atenção: “Aprendestes que foi dito: ‘Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos inimigos’” (BÍBLIA, Mateus 5:43 *apud* KARDEC, 2013a, p. 165). Em outras situações no NT, Jesus cita o texto e o seu autor para comentar, como na parábola do semeador, por exemplo. Em Mateus 5:43, ele comenta que alguém disse. Tratar-se-ia, então, da cultura oral do povo judeu? Não sei, pois este é um momento em que histórias como a do “Menino e o Carvão” nos dão a sensação de preenchimento dos vazios, conforme Iser (1979), mas não completamente.

É interessante anotar que esses vazios acontecem no texto pragmático, diferentemente do que propõe Iser ao afirmar que “o vazio no texto ficcional induz e guia atividade do leitor.” (ISER, 1979, p. 130). Talvez a distância linguística, temporal e cultural dê ao texto de Mateus características fictícias, enquanto o texto narrado pelo facilitador assuma algumas particularidades pragmáticas devido também à linguagem, à sua contemporaneidade e aos seus aspectos culturais. Se pensarmos conforme Stierle, segundo o qual alguns textos ficcionais só são compreendidos se forem amparados por textos pragmáticos, penso ter acontecido o oposto, nesse caso que ocorreu em nossos estudos. Os vazios do texto pragmático induziram o leitor a

ampará-lo num texto ficcional, tentando, dessa forma, preencher as lacunas que o leitor não conseguiu encontrar na linguagem pragmática.

Na primeira reunião em que Francisco contou a história do “Menino e o Carvão”, alguns comentários sucederam depois da sua narração:

Ricardo: a gente pensa que ele é nosso inimigo, mas nós já, provavelmente, fizemos muitas coisas para ele nos ter como inimigo.

Irvênia: esta parte cai muito no meu evangelho no lar [...] tenho dificuldades com alguns familiares, mas já melhorei bastante. Embora tenha dificuldades com eles [...] faço prece porque amo eles [...] isso é o meu tendão de Aquiles. A doutrina me ajuda muito, a justiça existe, não somos apenas vítima [...] gratidão [...] quando envolve família fica mais pesado.

As lacunas do texto evangélico, preenchidas parcialmente pela história contada por Francisco, ampliam-se e ganham novos complementos com os textos de Kardec. Na fala de Ricardo, está inserido um novo tipo de inimigo, conhecido no Espiritismo como *obsessor*. Segundo a crença espírita, o *obsessor* seria um inimigo espiritual, um homem ou uma mulher morto(a) que teria convivido, em outras épocas, em reencarnações passadas, com as pessoas que *obsidiam*. Então, seriam inimigos de outras eras, mas um está vivo e o outro morto; na linguagem espírita, um está *encarnado* e o outro *desencarnado*. Ricardo comenta que se esses inimigos existem, não é por acaso, pois as vidas passadas são solidárias com a atual, e o que foi vivido em outros tempos reflete atualmente.

No comentário de Irvênia, esses inimigos do passado teriam reencarnado na mesma família, o que seria bastante comum, segundo a crença dos espiritistas. Dessa forma, os erros do passado poderiam ser corrigidos ou atenuados, mas poderiam também ser agravados, a depender dos envolvidos no relacionamento familiar.

Foi somente no fim da 19ª reunião que o facilitador contou novamente a história do “Menino e o carvão”. Estávamos, então, na fase do rito que convencionei, nesta tese, chamá-la de *agregação*, conforme Van Gennep (1978), ou seja, permanecemos estáveis, ouvindo, fazendo a nossa parte das regras estabelecidas para o rito, visto que o facilitador, depois de sua narração, comentou-a, leu outro texto e falou sobre o que havia lido, conforme as seguintes citações:

Francisco: [...] aquele que comete um crime é o mais necessitado [...] como a Elaine falou [...] faça a sua parte e aguarde [...] faz o primeiro movimento, se tiver um retorno, faz-se o segundo movimento [...] vai chegar o momento que ela volta de alguma maneira [...] o tempo é o melhor [...] às vezes vai umas tantas reencarnações [...].

O texto lido por Francisco, depois de narrar a história do “Menino e o carvão”, encontra-se no livro *Pétalas*.

SOFRIMENTO

Existem sofrimentos que atingem o homem, e ele não encontra meios para sair de tal situação. Diante das vicissitudes, a fé e a coragem são fatores fundamentais para superar as amarguras.

É como se uma tempestade violenta se abatesse sobre o coração do sofredor. Em casos como este o melhor é se abrigar na oração e se manter firme, pois certamente a intempérie irá passar.

Quando as forças faltam, é melhor ter a coragem de esperar, pois a revolta só agrava o mal (SALLES, 2013, p. 95).

Como mencionado anteriormente, depois da leitura desse texto de Salles, o facilitador falou: “[...] *quando temos uma divergência com alguém [...] levar a vida de uma forma mais adequada [...] [Jesus nos ensinou] nos últimos momentos que ele esteve conosco: perdão [...]*”.

Ao iniciar o comentário da história que narrou, o facilitador expressa um clichê sobre o criminoso, utilizado dentro do *movimento espírita*: quem causa a dor alheia é o que mais necessita de amparo, pois estaria em decadência espiritual e, geralmente, nem sabe disso. No entanto, há espíritas que se dizem contra os direitos humanos, o que é incoerente com esse bordão. Narra a tradição oral espírita que Chico Xavier intrigado com esse clichê, talvez, pergunta a Emmanuel o que seria um criminoso. Ele teria respondido: “todos nós que fomos descobertos”. Alguns interpretam essa resposta como se Emmanuel tivesse falando de vidas passadas, outros comentam que os nossos pensamentos às vezes são criminosos, etc. As interpretações são as mais variadas.

Ao escolher o texto “Sofrimento”, o facilitador parece querer colocar o criminoso entre os sofredores, assim como o menino que ao jogar o carvão no lençol torna-se mais sujo que o seu alvo, “pois a revolta só agrava o mal.” (SALLES, 2013, p. 95). Finalmente, ele cita Jesus e o seu perdão que, nos instantes finais de sua vida, entre dois criminosos, perdoa um enquanto o outro, revoltado com Jesus, insulta-o, maculando assim a sua própria imagem, visto que ele é reconhecido na literatura cristã como o mau ladrão.

Dessa forma, concordo com Stierle, pois, segundo esse teórico da Estética da recepção,

Nenhum texto diz apenas aquilo que desejava dizer. Cada texto sofre a coerção inevitável de produzir uma comunicação suplementar e não prevista. Depende do próprio modo de comunicação em que medida a comunicação suplementar, assim engendrada, se torna eficaz à recepção ou é por ela neutralizada (STIERLE, 1979, p. 142).

No caso do grupo de estudos pesquisado, a comunicação suplementar trazida por Francisco se tornou eficaz para a recepção, uma vez que houve a sensação de compreensão do texto evangélico. O bordão espírita utilizado pelo facilitador também serve como complemento para minimizar os vazios deixados pelo texto lido. Além dos comentários do facilitador, percebe-se nas falas anteriores, de Irvênia e Ricardo, outros acréscimos impostos inesperadamente devido à sua experiência familiar, no caso de Irvênia, e as vivências de Ricardo nas reuniões mediúnicas, nas quais intermedeia comunicações de alguns *obsessores*.

Dessa maneira, esta (n)etnografia foi construída sobre os estudos semanais do grupo pesquisado. Constatei, embasado em Van Gennep (1978), que esses encontros de leitura e interpretação são ritos de passagem, pois iniciávamos com a prece ou *separação*, que nos levava para um outro momento, removia-nos do profano, do dia a dia, e encaminhava-nos para o sagrado. Em seguida, iniciava-se a leitura do *ESE*, na qual permanecíamos à *margem*, pois o texto trazia as lacunas a serem preenchidas por nossas análises e não sabíamos o que os colegas iriam comentar, uma vez que as suas experiências de vida com frequência nos surpreendiam. Ao fim da reunião, geralmente o facilitador lia alguma mensagem do livro *Pétalas* associada ao tema do estudo da noite. Nesse momento, entrávamos na *agregação*, ou seja, ficávamos acomodados, porquanto o facilitador lia e, frequentemente, ele mesmo fazia as suas considerações, pois a maioria dos integrantes do grupo já não desejava falar. Por último, a prece final, a *separação*, que nesse momento nos conduzia, entregava-nos para o cotidiano, para que o tornássemos, de certa forma, sagrado, na medida do possível, praticando durante a semana o que tínhamos aprendido nos estudos daquela noite.

Então, esse rito semanal, mediado por livros, leituras, leitores e suas interpretações, auxilia os membros do grupo de estudos pesquisado a se sentirem em sintonia com a *espiritualidade superior*, segundo a crença espírita, pois o conhecimento e a aplicação dos conteúdos estudados, no cotidiano, no interstício entre um encontro e outro, propiciaria a *reforma íntima*, que os conduziria para uma vida mais feliz. Procedendo dessa forma assertiva, *os alunos do bem* colaborariam para a *transição planetária*, que transformaria a Terra de um mundo de *provas e expiações* para um mundo *regenerado*. Isso é de certa forma uma escatologia espírita, semelhante às concepções do mundo vindouro, do Cristianismo e do Judaísmo. Então, para os espíritas, a doutrina que esposam traz em si a tradição judaico-cristã, numa linguagem sem alegorias, pragmática. “Muitos pontos dos Evangelhos, da *Bíblia* e dos autores sacros em geral por si sós são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta

da chave que faculta se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo” (KARDEC, 2013a, p. 18, grifo original).

Kardec e Stierle concordam no que se refere ao auxílio do texto pragmático para a compreensão de textos fictícios mais complexos. Contudo, o texto ficcional pode assessorar a interpretação de um texto pragmático, conforme foi exposto na (n)etnografia, com a história do “Menino e do carvão”, inserida na interpretação do texto bíblico pragmático pelo facilitador do grupo de estudos. Assim, com a ajuda mútua entre os envolvidos no estudo semanal, os textos são interpretados segundo os seus horizontes de expectativas, as suas vivências, as suas análises e os vazios deixados por elas, que nunca são preenchidos completamente. Dessa forma, os estudantes do grupo pesquisado estão sempre oscilando entre a assimilação e a acomodação no rito semanal, nos jogos de interpretação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a intenção de fazer uma etnografia da leitura no Centro Espírita Alunos do Bem, em Caxias do Sul, cidade situada na serra gaúcha, onde frequento os estudos da doutrina espírita há sete anos, percebi a necessidade de contextualizar o Espiritismo desde seu princípio, na França, até chegar em terras brasileiras.

A pesquisa me mostrou que o Espiritismo está vinculado à educação. A maioria dos espíritas talvez saiba que Allan Kardec seja um pseudônimo do pedagogo francês chamado Hippolyte Léon Denizart Rivail e que ele havia estudado em Yverdon, no instituto de Pestalozzi. Com as leituras para este trabalho, verifiquei que Johann Heinrich Pestalozzi se impressionou com a educação proposta no livro de Rousseau, *Emílio*. O autor dessa obra teria se inspirado nos textos de Jan Amos Comenius, pensador protestante que defendia a universalidade da educação. Ainda, nos dias atuais, o pensamento de Comenius reverbera entre alguns intelectuais que discutem o papel da educação na sociedade. Então, Rivail, ao se utilizar do pseudônimo Kardec, colocaria essa tradição pedagógica na doutrina espiritualista que formulara, o Espiritismo.

Continuando a investigação sobre a doutrina dos Espíritos, deparei-me com a filosofia de Victor Cousin e seus seguidores. Ao se tornar Ministro da Instrução Pública da França, Cousin trouxe o Ecletismo para academia francesa e essa escola filosófica, que também era denominada como positivismo espiritualista, esteve entre uma das principais correntes do pensamento francês entre as décadas de 1830 e 1850. Com isso, entendi a pretensão cientificista que o kardecismo exige para si, visto que, à época, o espiritualismo racional, outra designação das ideias de Cousin, era uma realidade nas ciências chamadas morais. (FIGUEIREDO, 2019a)

O Ecletismo de Cousin também chegou ao Brasil na década de 1830 e permaneceu até 1870, segundo Paim (1999). Essa escola filosófica teve repercussão no país por meio de livros e periódicos que foram disseminados por algumas regiões brasileiras. Com o espiritualismo positivista em ascensão no Brasil, o Magnetismo Animal de Mesmer, a homeopatia de Hahnemann e o que Machado (1996) chama de raízes mágicas, o Espiritismo encontra no país uma terra preparada para um ciclo fértil no século XX. Muitos livros, revistas, jornais, cartas, músicas, pinturas nasceram dessa cultura que se aclimatou satisfatoriamente em solo brasileiro.

No Rio Grande do Sul, a cultura espírita também se acomodou convenientemente, produzindo alguns frutos. Além dos livros e periódicos, escolas, cursos de graduação, hospitais, Centros espíritas foram instituídos no estado por personagens que estavam vinculados ao *movimento espírita* dessa região sul do país.

Com a cultura espírita estabelecida no Brasil, sedimentada pela literatura produzida no século XX, essa história passa a ser contada pelos leitores dessas obras. Como o primeiro leitor é o próprio autor, que dá sentido ao seu texto, segundo Gumbrecht (1979), Xavier, em 1971, participa de dois programas de TV, nos quais responde a perguntas de alguns entrevistadores, dando sentido, assim, às suas obras literárias, que, à época, contavam 100 títulos. Essas atuações de Chico Xavier no programa “Pinga-fogo”, da extinta rede *Tupi* de televisão, são consideradas um marco dentro do *movimento espírita* brasileiro, pois, a partir dessas datas, o número de adeptos ao Espiritismo teria aumentado consideravelmente.

Dessa forma, a recepção das obras de Xavier e outros autores espíritas também se ampliou. Devido a esse crescimento, os temas propostos nas obras espíritas se estabeleceriam nas telas de TV e cinema, nas rádios, em novos idiomas e nas multimídias. Então, a história da literatura espírita está sendo retratada continuamente pelos seus receptores que, às vezes, tornam-se autores, formando, assim, uma cultura de produção, recepção e reprodução literária fundamentada na teoria proposta por Kardec, desde 1857.

Muitos dos receptores da literatura espírita adentram nessa cultura pelos templos espíritistas, o Centro espírita. Esses iniciantes assistem às palestras, tomam *passes*, fazem algum tratamento espiritual e, enfim, ingressam num grupo de estudos. Algum tempo depois, os estudantes passam a *trabalhar* na Casa espírita como *passistas*, palestrantes, facilitadores, em *trabalhos de desobsessão* e outros.

Alguns membros do grupo de estudos pesquisado *trabalham* no CEAB, nossa Casa. Bento, por exemplo, *trabalhava*, antes da pandemia, no *passe* e também foi facilitador, junto a mim, em um grupo de sábado à tarde, *on-line*, em 2020. Francisco, além de ser facilitador de nosso grupo, também é palestrante e responsável pelo grupo de Apoio Fraterno, no qual objetiva-se “acolher e auxiliar dependentes químicos e familiares” (APOIO FRATERNAL, 2021, sem paginação). Outros colegas também *trabalham* no *passe*, no *atendimento fraterno*, na *cura espiritual*, ou seja, a maioria não está vinculado ao CEAB apenas como usufrutuários, mas ajudam a sustentar a Casa e os *trabalhos* oferecidos por ela.

Então, os membros do nosso grupo de estudos lidam com o conteúdo espírita em outras situações além da *sala de aula*, dos encontros semanais. Nessas reuniões de estudo, líamos um livro por ano, antes da pandemia. No ano de 2020, como já foi mencionado nesta tese, optamos por estudar o *ESE* para não desagregar o grupo, pois alguns não conseguiam participar das reuniões *on-line* devido a problemas diversos. Dessa forma, retornaríamos ao EADE somente em 2021, quando todos ou a maioria dos integrantes pudesse participar dos encontros virtuais,

visto que se convencionou estudar um livro do EADE por ano e, se estudássemos um desses livros, alguns estudantes teriam que trocar de turma.

Assim, desde a terceira reunião de 2020, até a vigésima sexta, do mesmo ano, estudamos somente o *ESE*. A partir da vigésima sétima reunião, começamos a estudar *O livro dos Espíritos* e *O livro dos médiuns*, além de “abrir” a reunião com a leitura e os comentários do *ESE*.

Ao escrever a (n)etnografia, identifiquei que as interpretações das descrições feitas nos diários se “modificaram” com o passar do tempo, pois enquanto eu observava e anotava como se realizava a leitura, as interpretações dos colegas e as minhas impressões sobre essas observações, no calor da hora, eu apreendia a reunião de estudos distintamente do que deparei quando reli as minhas anotações para traduzi-las na (n)etnografia.

Isso talvez responda àquela questão do terceiro capítulo, 3.1, na qual perguntei se “*numa relação diádica, é possível que haja plena convicção de que o interlocutor compreenda o que foi expresso de forma justa?*” Com a minha experiência de (n)etnógrafo incipiente, penso que podemos ter a sensação de que compreendemos, mas há informações que subjazem ao que é expresso por palavras e gestos. Existe um universo desconhecido em nossos interlocutores, em que a atuação por meio da qual o personagem ou os personagens se expressam dão pistas, são vestígios do que realmente pode significar as suas manifestações.

Assim, entendendo com Geertz que a cultura é uma “ciência interpretativa, à procura do significado.” (2015, p. 4). Penso ter encontrado alguns significados, segundo as minhas percepções de pesquisador e nativo. Além disso, avalio que as leituras, os comentários, as interpretações dos atores envolvidos na (n)etnografia e as minhas interpretações dessas representações constituem uma história da literatura espírita, visto que, segundo Jauss, “*A historicidade da literatura não repousa numa conexão de “fatos literários” estabelecida post festum, mas no experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores.*” (JAUSS, 1994, p. 24, grifo original).

Stierle ao afirmar, por exemplo, que os textos ficcionais só podem ser compreendidos “sobre o fundo da recepção dos textos pragmáticos” (STIERLE, 1979, p. 137), percebi que isso também sucede na nossa história, segundo os significados encontrados por mim, quando os Espíritos comentam a parábola e quando os personagens da (n)etnografia a interpretam amparados pelo comentário atribuído aos Espíritos. Então, há dois textos pragmáticos que sustentam a interpretação da parábola: os dos Espíritos e as interpretações dos estudantes, segundo os seus horizontes de expectativas, as suas vivências e os seus contextos sociais.

Contudo, também foi demonstrado na (n)etnografia que o texto pragmático pode ser auxiliado por um texto ficcional, como no caso em que o facilitador do grupo de estudos narra

por duas vezes a história do “Menino e o carvão”, em duas reuniões distintas, para preencher os vazios deixados pelo mesmo texto pragmático do *ESE*. Essa estratégia de preencher as lacunas deixadas pelos textos ficcionais e pragmáticos, também pode ser percebida nas situações nas quais eu, principalmente, utilizei-me de clichês do *movimento espírita* como um subterfúgio por não ter uma interpretação adequada para o texto lido naquele momento, como se estivesse tirando uma “carta da manga” para dar sentido à situação leitora em que eu estava envolvido.

As interpretações textuais dos agentes leitores do grupo pesquisado sempre estavam vinculadas aos seus horizontes de expectativas e as suas vivências cotidianas, corroborando com parte da última tese sugerida pelo pai da Estética da Recepção:

A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social. (JAUSS, 1994, p. 50, grifo original)

Esta história da literatura espírita - a (n)etnografia - está inserida num contexto histórico mundial, devido à pandemia. Os espiritistas desse grupo de estudos interpretaram esse momento histórico como o auge da *transição planetária*, na qual a terra estaria saindo de um mundo *provas e expiações* para adentrar num mundo de *regeneração*. Como foi sugerido nesta história, os agentes do ritual, os leitores, os receptores das obras espíritas trazem os conteúdos dos livros para as suas vidas, utilizando-se de elementos de suas atividades profissionais, por exemplo, para interpretar os textos e levando os conteúdos espíritas para o cotidiano, como o *Evangelho no lar*, os estudos sistematizados, nos quais esta história se fundamenta, e a própria leitura de mundo, pois, segundo os espíritas, a pandemia viria acelerar o processo de *transição* pelo qual o planeta está passando.

Considerando mais um aspecto desta tese, penso que a etnografia ou a (n)etnografia não está somente no capítulo 5. Desde a introdução, ou desde o título desta tese, faz-se uma etnografia, pois o etnógrafo é um nativo. Se o pesquisador é um *insider*, ele traz em si a cultura a ser narrada. Apresentando-a, ele também se expõe como agente de sua cultura. Então, este etnógrafo se revela e apresenta o *ethos* no qual está inserido desde a capa até a última página da tese. Dessa maneira, cada palavra, cada escolha, livros, textos, enfim, tudo pode refletir a cultura do pesquisador, seja consciente ou inconscientemente. Por isso é possível encontrar no texto algo laudatório sobre a cultura em questão, mas, também, pode-se deparar com críticas desfavoráveis em relação ao *movimento espírita* e seus agentes. Penso que o jogo descrito na

(n)etnografia está presente em toda tese entre o *insider* e o pesquisador. Quero pensar, e acredito mesmo, que esse jogo entre os dois, em mim, ajude, de alguma maneira, a ampliar a compreensão dessa cultura brasileira, importada da França e com características regionais, como é o caso do grupo de estudos pesquisado do Centro Espírita Alunos do Bem, em Caxias do Sul, Rio grande do Sul.

REFERÊNCIAS

APOIO FRATERNAL. Disponível em: <<https://www.alunosdobem.com.br/apoio-fraterno>>
Acesso em: 20 de abr. 2021

ARAUJO, Cesar Dias de. *O Espiritismo: “esta loucura do século XIX”: ciência, filosofia e religião nos escritos de Allan Kardec*. 2014. 287 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2014.

ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal, espiritismo é religião?: a doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. 2008. 226 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

AZAMBUJA, Rodrigo Cavalcanti. *Caravanas de divulgação*. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2011.

BENCHAYA, Salomão J. *Da religião Espírita ao laicismo*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2006.

BÍBLIA Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

BITTAR, Marisa; BITTAR, Mariluce. Os movimentos estudantis na História da Educação e a luta pela democratização da universidade brasileira. *EccoS Revista Científica*, São Paulo, n. 34, p. 143-159, Maio/ago. 2014.

BOYARIN. Jonathan (Org.). *The ethnography of reading*. Berkeley: University of California Press, 1993.

BRASIL. *Constituição Política do Império do Brasil (de 25 de Março de 1824)*. [2019]. Disponível: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm>. Acesso em: 11 abr. 2019.

BRETTAS, Anderson Claytom Ferreira. *Eurípides Barsanulpho e o Collégio Allan Kardec: capítulos de História da Educação e a gênese do espiritismo nas Terras do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro (1907/1918)*. 2006. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.

BRETTAS, Anderson Claytom Ferreira. *Hippolyte Léon Denizard Rivail ou Allan Kardec: um professor pestalozziano na França dos tempos das Revoluções*. 2012. 219 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2012.

CAMARGO, Cândido Procópio. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Estudos Sociais, 1961.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAULY, Olivier. *Comenius: o pai da pedagogia moderna*. Lisboa: Instituto Piaget. 1999.

CAVALCANTI, M.L.V.C. Entrevista com Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. *Revista Habitus*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, nov. 2008.

CENTRO ESPÍRITA ALUNOS DO BEM. *Institucional*. Disponível em: <https://www.alunosdobem.com.br/institucional>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

CONIB. *Shabat*. 2021. Disponível em: <https://www.conib.org.br/glossario/shabat/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

COUSIN, Victor. *Du Vrai, du Beau et du Bien*. 2. ed. Paris: Didier, 1854.

DECOM FERGS. *Os 85 anos de história da Federação Espírita do Rio Grande do Sul*. 2010. <https://decomfergs.wordpress.com/2010/12/05/hello-world/>>. Acesso em 09 dez. 2019. Disponível em: <http://www.umecaxiasdosul.org/casas-espiritas.html>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

DOYLE, Arthur Conan. *A história do Espiritualismo: de Swedenborg ao início do século XX* [ePUB]. Brasília: FEB, 2013.

DURAN, Maria Renata da Cruz. Ecletismo e retórica na filosofia brasileira: de Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846) ao frei Francisco do Monte Alverne (1784-1858). *Almanack*, Guarulhos, n. 9, p.115-135, abr.2015.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL. *Instrumento Particular de Alteração do Estatuto Social da Federação do Rio Grande do Sul*. 2015. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/3f6cd7_262e42a38efd40a49748f88459429279.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2019.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL. *Rede Federativa*. 2016. Disponível em: <https://www.fergs.org.br/rede-federativa>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

FERNANDES, M. O. *Vozes do céu: os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil*. São Paulo: Mandacaru, 2003. Ferreira. Lisboa: Antídoto, 1979.

FIGUEIREDO, Paulo Henrique de. *Autonomia: a história jamais contada do Espiritismo*. São Paulo: FEAL, 2019a.

FIGUEIREDO, Paulo Henrique de. *Revolução espírita: a teoria de Allan Kardec*. São Paulo: MAAT, 2019b.

FRANÇA, Eduardo Ferreira. *Investigações de psicologia: introdução de Antônio Paim*. 2. ed. São Paulo: Grijalbo, 1973.

G1. *Conheça a história do agricultor que sabia falar mais de 100 idiomas*. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/05/conheca-historia-do-agricultor-que-sabia-falar-mais-de-100-idomas.html>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

GABRIELE, Bortolami. *O trabalho de campo como experiência etnográfica nas aldeias da comuna de Luvo, município de Mbanza Kongo*. Mulemba. v. 6, n. 12, 2016, p. 203-268. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/mulemba/1141>>. Acesso em: 12 out. 2020.

GADAMER, Hans-George. *Verdade e método*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, 2015.

GOIDANICH, Simoni Privato. *O legado de Allan Kardec*. São Paulo: USE/CCDPE, 2018.

GOMES, Adriana. *O imaginário místico e amalgamador de religiosidades brasileiras e a exegese científica do espiritismo francês: da inserção da doutrina espírita no Império à construção de sua legitimação religiosa no limiar da República*. PLURA, Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 149-172, 2012.

GOOGLE LIVROS. *No rumo do mundo de regeneração*. 2021. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/No_Rumo_do_Mundo_de_Regenera%C3%A7%C3%A3o.html?id=eI8REAAQBAJ&source=kp_book_description&redir_esc=y> Acesso em: 04 mar. 2021

GRZYBOWSKY, Prezemyslaw; INCONTRI, Dora. *Kardec educador: textos pedagógicos de Hippolyte Léon Denizard Rivail*. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2005.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na teoria da ação. In: JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Tradução de Heidrun Krieger, Luiz Costa Lima e Peter Naumann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 189-205 p.

HESSEN, Jorge. *Pacto Áureo: a história do Espiritismo no Brasil*. São Paulo: 2016. Disponível em: <www.autoresespiritasclassicos.com>. Acesso em: 09 dez. 2019.

HINE, Christine. *Virtual ethnography*. London: Sage, 2000.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HÜBNER, Marcos Leandro Freitas. *A biblioteca Universitária na formação acadêmica: história da biblioteca central da Universidade de Caxias do Sul e sua relação com a aprendizagem e o sucesso acadêmico*. 2014. 201 f. (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2014.

INCONTRI, Dora. *Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas*. 2001. 340 f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

INCONTRI, Dora. *Pestalozzi: educação e ética*. São Paulo: Scipione, 1997.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 83-132 p.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1986.

KARDEC, Allan. *Catálogo racional: obras para se fundar uma biblioteca espírita*. São Paulo: Madras: USE, 2004.

KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Guarulhos: FEAL, 2019.

KARDEC, Allan. *Le livre des Esprits*. Paris: Dentu, 1857.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB, 2013a.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. São Paulo: Mundo Maior, 2012.

KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2013b.

KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KOZINETS, Robert V. *Netnografia* [recurso eletrônico]: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAITMAN, Rav Michael. *O Zohar*. Rio de Janeiro: Imago, 2012.

LAPLANTINE, F. *A descrição etnográfica*. Tradução de João Manuel Ribeiro Coelho e Sergio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LEACH, Edmund. *Ritual*. In: INTERNATIONAL ENCYCLOPEDIA of Social Sciences, v. 13/14. Nova York: The Macmillan Company & The Free Press; Londres: Collier-Macmillan Publishers, 1972.

LEWGOY, Bernardo. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

LEGIÃO URBANA. *As quatro estações*. Emi-Odeon, Brasil, 1989.

LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LORENZ, Francisco Valdomiro. *Reformador*. Rio de Janeiro, junho, 1944. Disponível em: <<http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/1944/WebSearch/page.php?pagina=120>>. Acesso em: 13 out. 2019.

MACHADO, Ubiratan Paulo. *Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Aves a Machado de Assis*. Niterói: Publicações Lachatrê, 1996.

MAIOR, Marcel Souto. *Kardec: a biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MANDEL, Ernest. *Os estudantes, os intelectuais e a luta de classes*. Tradução de Serafim

MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MATTA, Roberto da. *Relativizando: uma introdução à Antropologia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MIGUEL, Sinuê Neckel. Espiritismo fin de siècle: a inserção do Espiritismo no Rio Grande do Sul (1896-1898). *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, a. 2, n. 4, Maio 2009.

MIRIM, G. “Nosso Lar”. *Reformador*. Rio de Janeiro, abril, 1944. Disponível em: <<http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/1944/WebSearch/page.php?pagina=73>>. Acesso em: 13 out. 2019.

MOURA, Marta Antunes de Oliveira (Org.). *Estudo aprofundado da doutrina espírita: Ensinos e parábolas de Jesus, parte I*. Brasília: FEB, 2015.

MOURA, Marta Antunes de Oliveira (Org.). *Mediunidade: estudo e prática. Programa 1*. Brasília: FEB, 2014.

O CLARIM, *Revista Internacional de Espiritismo (RIE)*. 2019. Disponível em: <<https://www.oclarim.org/oclarim/institucional/fundacao-revista-internacional-do-espiritismo.html>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

O ÉCHO D’ALÉM TÚMULO: monitor do Espiritismo no Brasil. Salvador: Tipografia do Diário da Bahia, 1869-1870, Bimestral.

OLIVEIRA, Gladis Pedersen de. *A missão e os missionários*. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2009.

PAIM, Antônio. *O estudo do pensamento filosófico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

PAIM, Antônio. *A escola eclética*. Londrina: CEFIL, 1999.

- PENSADOR. *O menino e o carvão*. 2021. Disponível em:
<<https://www.pensador.com/frase/MTYwMzA0NA/>> Acesso em 02 abr. 2021
- PESTALOZZI, Juan Enrique. *Canto del Cisne*. México: Porrúa, 2004.
- PIAGET, Jean. The Significance of John Amos Comenius at the Present Time. In: PIAGET, Jean. *John Amos Comenius on Education*. Paris: UNESCO, 1957.
- PIRES, José Herculano. *Curso dinâmico do Espiritismo: o grande desconhecido*. São Paulo: Paidéia, 1979
- PIRES, José Herculano. *O espírito e o tempo: introdução antropológica ao Espiritismo*. São Paulo: Paidéia, 2020.
- PLATÃO. Fedro. In: *Diálogos*. 19. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- REVISTA ESPÍRITA. Paris: [s. n.], 1858-1869. Tradução: Brasília: FEB, 2004. 1863.
- REVISTA ESPÍRITA. Paris: [s. n.], 1858-1869. Tradução: Brasília: FEB, 2014a. 1858.
- REVISTA ESPÍRITA. Paris: [s. n.], 1858-1869. Tradução: Brasília: FEB, 2014b. 1860.
- REVISTA ESPÍRITA. Paris: [s. n.], 1858-1869. Tradução: Brasília: FEB, 2014c. 1865.
- ROCHA. Alessandro Santos da. *A imprensa espírita e suas estratégias pedagógicas em fins do império brasileiro (1869-1882)*. 2014. 203f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2014.
- ROCHA, Alexandre Caroli. *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*. 2001. 233f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Curso de Pós-Graduação em Teoria Literária, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.
- ROCHA, Cecília (Org.). *Estudo sistematizado da Doutrina Espírita: programa fundamental*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2012.
- ROCHA, Sheilla Nadíria Rodrigues. *A Influência do Ecletismo na produção teórica do serviço social na contemporaneidade*. 2005. 310f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2005.
- SALLES, Adeilson. *Pétalas*. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2013.
- SANT'ANNA, Marco Antônio Domingues. *O gênero da parábola*. São Paulo: UNESP, 2010.
- SANTOS, José Luiz dos. *Espiritismo: uma religião brasileira*. São Paulo: Moderna, 1997.

SHERER, Bruno Cortês. *A Federação Espírita do Rio Grande do Sul e a organização do movimento espírita rio-grandense (1934-1959)*. 2015. 176 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2015.

SILVA, Jaqueline Peixoto Vieira da. *Espiritismo e educação: Eurípides Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec / Sacramento-MG (1880 - 1918)*. 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2017.

SOARES, Mario Luísa de Castro. Análise geral da Estética da Recepção: o modelo de Hans Robert Jauss. *Revista de Letras*, Portugal, n. 4, p. 125-134, dez. 2005.

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais. In: JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Tradução de Heidrun Krieger, Luiz Costa Lima e Peter Naumann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 133-181 p.

STRONG, James. *Diccionario Strong de Palabras Originales del Antiguo y Nuevo Testamento*. Miami: Caribe, 2002.

TIMPONI, Miguel. *A psicografia ante os tribunais: o caso de Humberto de Campos em seu tríplice aspecto: jurídico, científico e literário*. Brasília: FEB, 2015.

TURNER, Victor. *Florestas de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF, 2005.

UNIFICAÇÃO DO MOVIMENTO ESPÍRITA DE CAXIAS DO SUL. 2019. *Casas Espíritas*.

URIARTE, Urpi Montoya. *O que é fazer etnografia para os antropólogos*. 2012. Ponto Urbe. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/300>>. Acesso em: 10 out. 2020.

VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis, R.J. Vozes, 1978.

VIDAL, Fabiano Cesar de Mendonça. *Em torno de Nosso Lar: uma análise das controvérsias produzidas no movimento espírita*. 2014. 100f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Curso de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.

VIRVI RAMOS. 2014-2021. Disponível em: <www.virvramos.com.br>. Acesso em: 08 abr. 2020.

WANTUIL, Zêus. *Grandes espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: o educador e o codificador*. v.1. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

XAVIER, Francisco Cândido. *Agenda cristã*. Rio de Janeiro: FEB, 2010a.

XAVIER, Francisco Cândido. *Ave, Cristo!*. Brasília: FEB, 2012c.

XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Brasília: FEB, 2010c.

XAVIER, Francisco Cândido. *Cinquenta anos depois*. Brasília: FEB, 2012b.

XAVIER, Francisco Cândido. *Há dois mil anos*. Brasília: FEB, 2012a.

XAVIER, Francisco Cândido. *Jesus no lar*. Brasília: FEB, 2013a.

XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*. Rio de Janeiro: FEB, 2010d.

XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras de Emmanuel*. Rio de Janeiro: FEB, 2010b.

XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Brasília: FEB, 2012e.

XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de além-túmulo*. Brasília: FEB, 2016.

XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Brasília: FEB, 2012d.

XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2018.

XAVIER, Francisco Cândido. *Renúncia*. Brasília: FEB, 2013b.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. Porto Alegre: UniRitter, 2015.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Ubu, 2018.

